

Joana Maria Pedro

Teresa Kleba Lisboa

Prefeitas de Santa Catarina

trajetórias de vida
e na política



Joana Maria Pedro

Teresa Kleba Lisboa

Prefeitas de Santa Catarina

trajetórias de vida
e na política



pimenta
cultural
2025
São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P372p

Pedro, Joana Maria -

Prefeitas de Santa Catarina: trajetórias de vida e na política / Joana Maria Pedro, Teresa Kleba Lisboa. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2025.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-335-6

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-335-6

1. Mulheres. 2. Política. 3. Prefeitas. 4. Municípios. 5. Santa Catarina. I. Pedro, Joana Maria. II. Lisboa, Teresa Kleba. III. Título.

CDD: 320. 918164

Índice para catálogo sistemático:

I. Ciências Políticas – Santa Catarina

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2025 as autoras.

Copyright da edição © 2025 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<https://creativecommons.org/licenses/>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini
Estagiárias em edição	Raquel de Paula Miranda Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Elaine Schmitt
Tipografias	Acumin, Asap, Rockwell
Revisão	Gerusa Bondan
Autoras	Joana Maria Pedro Teresa Kleba Lisboa

PIMENTA CULTURAL

São Paulo • SP

+55 (11) 96766 2200

livro@pimentacultural.com

www.pimentacultural.com



2 0 2 5

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade do Estado do Amapá, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

Apresentação.....	11
Prefácio	17
<i>Município de Água Doce</i>	
Nelci Fátima Trento Bortolini.....	20
<i>Município de Alto Bela Vista</i>	
Catia Tessmann Reichert	26
<i>Município de Anitápolis</i>	
Solange Back.....	32
<i>Município de Arabutã</i>	
Leani Kapp Schmitt	36
<i>Município de Benedito Novo</i>	
Arrabel Antonieta Lenzi Murara.....	39
<i>Município de Bom Jardim da Serra</i>	
Maria Zandonadi de Carvalho	44
<i>Município de Camboriú</i>	
Luzia Lourdes Coppi Mathias.....	49
<i>Município de Campo Alegre</i>	
Alice Bayerl Grosskopf	54

<i>Município de Campo Belo do Sul</i>	
Claudiane Varela Pucci.....	57
<i>Município de Campo Erê</i>	
Rozane Bortoncello Moreira	62
<i>Município de Cunha Porã</i>	
Luzia Iliane Vacarin.....	67
<i>Município de Içara</i>	
Dalvania Pereira Cardoso	71
<i>Município de Iomerê</i>	
Luci Peretti	77
<i>Município de Ipuaçú</i>	
Clori Peroza.....	80
<i>Município de Lauro Müller</i>	
Saionara Correa de Carvalho Bora	85
<i>Município de Monte Carlo</i>	
Sonia Salete Vedovatto.....	89
<i>Município de Palmeira</i>	
Fernanda de Souza Córdova.....	94
<i>Município de Paraíso</i>	
Marlene Furlan Giacomini	99
<i>Município de Rancho Queimado</i>	
Cleci Aparecida Veronezi.....	104
<i>Município de Salete</i>	
Solange Aparecida Bitencourt Schlichting	109

Município de Santa Cecília

Alessandra Aparecida Garcia..... 112

Município de Santa Terezinha do Progresso

Marcia Detofol 118

Município de São Cristóvão do Sul

Sisi Blind 123

Município de São Cristóvão do Sul

Ilse Amélia Leobet 128

Município de Sombrio

Gislaine Dias da Cunha 132

Município de Três Barras

Ana Cláudia da Silveira Quege..... 138

Município de Trombudo Central

Geovana Gessner 142

Município de Vargem

Milena Andersen Lopes..... 147

Município de Vargem Bonita

Rosamarcia Hetkowski Roman 152

Município de Zortéa

Rosane Antunes Pires Infeld..... 158

Referências..... 162

Anexo 164

Índice remissivo..... 169

APRESENTAÇÃO

Este livro faz parte do projeto “Mandonas: memórias, políticas e feminismos no Cone Sul (1980-2020)”, apoiado pelo CNPq, processo nº 404662/2021-8, coordenado por Joana Maria Pedro, e resultou de uma pesquisa realizada com prefeitas eleitas de Santa Catarina, iniciada em 2023. A ideia do livro surgiu em 11 de agosto de 2022, quando a professora Teresa Kleba Lisboa participou como convidada a falar sobre Políticas Públicas para Mulheres, no Painel “Caminhos para a Consolidação da Rede de Proteção à Mulheres” no COMAC – Congresso de Municípios, Associações e Consórcios de Santa Catarina, o maior evento municipalista do Estado, promovido pela FECAM. Neste painel, falaram prefeitas e ex-prefeitas, incluindo a primeira mulher eleita para prefeita no Estado de Santa Catarina (Bom Jardim da Serra, de 1989 a 1992), e, ao final do Evento, a professora destacou a importância de compartilhar a trajetória das prefeitas mulheres, pois fazem parte da História das Mulheres de Santa Catarina, o que foi colocado em prática por meio dessa publicação.

Para a realização da pesquisa, recebemos imediato apoio da Federação Catarinense dos Municípios (FECAM), através da Assistente Social Janice Merigo, que disponibilizou a lista das prefeitas eleitas e algumas ex-prefeitas, com seus respectivos contatos. Para o nosso espanto, constatamos que, nas eleições de 2020, dos 295 municípios do Estado de Santa Catarina, somente 28 elegeram como prefeita uma mulher.

As entrevistas tiveram início em fevereiro de 2023, sempre com o apoio de Janice Merigo (FECAM) que, além de nos entregar os contatos telefônicos das prefeitas, reforçou o convite escrevendo pessoalmente para elas, falando da importância da pesquisa, oferecendo espaço na FECAM para que pudéssemos entrevistá-las,

e nos convidando para eventos nos quais tivemos a oportunidade de entrar em contato pessoal com algumas delas.

A maioria das entrevistas foi realizada de forma on-line, pela plataforma zoom. O primeiro contato era feito via WhatsApp. Por vezes, recebíamos as primeiras respostas de assessoras/es, que nos ajudavam a agendar um horário em comum, mas, na maioria das vezes, quem respondeu aos nossos convites foi a própria prefeita. Antes de cada entrevista, coletamos informações sobre o município e dados disponíveis sobre as prefeitas em sites, blogs e relatórios do município. Somente três entrevistas foram realizadas e gravadas por meio do uso de celular: a de duas prefeitas que concederam a entrevista em uma sala da FECAM, e a de Maria Zandonadi de Carvalho, primeira prefeita mulher eleita no Estado de Santa Catarina, que atualmente está com 83 anos de idade e reside em Criciúma, na casa de uma filha, para onde nos dirigimos com o objetivo de entrevistá-la, com recursos do CNPq.

Todas as prefeitas e ex-prefeitas entrevistadas nos atenderam de forma muito receptiva, dedicando parte do seu precioso tempo para nos falar sobre suas histórias de vida, seguidas de suas trajetórias políticas. Tivemos a preocupação ética de iniciar cada entrevista nos apresentando, esclarecendo o projeto, o incentivo da FECAM e a promessa de fazer um livro com suas minibiografias. Contamos, para tanto, com a participação do LEGH – Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC¹. Pedíamos autorização para gravar e transcrever a entrevista e usá-la, em atual e futuras pesquisas. Todas forneceram de viva-voz esta autorização. Informamos que as transcrições e a própria entrevista ficariam no repositório da UFSC, ligado ao LEGH, e que outras pesquisadoras e estudantes poderiam utilizá-las, tanto no presente como no futuro, em suas investigações e aulas. Além disso, informamos que faríamos documentários com as imagens das entrevistadas e que, se fosse de desejo, a qualquer

1 Universidade Federal de Santa Catarina.

momento elas poderiam reivindicar a retirada da entrevista e da transcrição do repositório.

As entrevistas seguiram o mesmo roteiro: como nossa pesquisa integra o Laboratório de Estudos de Gênero e História da UFSC, inicialmente perguntamos “como você se identifica: feminina, feminista ou antifeminista”, bem como “qual a sua ascendência: branca, afrodescendente ou de origem indígena” e se teve envolvimento com movimentos sociais. Na sequência, solicitamos dados sobre o perfil, como data e local de nascimento, história socioeconômica da família, tipo de atividade exercida pelos pais, constituição familiar, número de irmãos, continuando com a trajetória escolar – facilidades e dificuldades que tiveram para estudar, namoro, casamento e número de filhos e, somente depois desse primeiro contato, perguntarmos sobre a trajetória política: como chegaram na política, por quem foram convidadas, se tinham parentes envolvidos na política se assumiram a Prefeitura para substituir pais, marido, parentes; as disputas que enfrentou para se candidatar; partidos políticos a que pertence e pertenceu, se fez coligação, se recebeu ajuda financeira do partido para a campanha; que tipo de problemas enfrentou na campanha eleitoral, se foi alvo de violência política de gênero, perseguições, calúnias preconceitos, discriminações sofridas, ataques na internet, entre outros; como organizou as atividades domésticas, de quem recebeu ajuda para os cuidados da casa e dos filhos; relação com a Câmara Municipal, com os secretários municipais, com os vereadores, sobre o legado deixado na sua gestão para o município, seus projetos de carreira política, para, finalmente, pedir que deixasse uma mensagem final, ou seja, o que recomendaria para mulheres jovens e meninas em relação à participação na política.

Em algumas entrevistas realizadas pelo Zoom, convidamos estudantes integrantes do “Projeto Mandonas” para participar. Após a entrevista, elas manifestaram seu contentamento por terem aprendido muito sobre a história de mulheres tão corajosas! Participavam

por serem estudantes de História que faziam parte do Projeto, e como apoio técnico encarregado das transcrições.

As entrevistas foram transcritas por aplicativos, o Notta e o Happy Scribe, com a vantagem de obtermos as transcrições em tempo hábil, para, em seguida, realizarmos uma revisão minuciosa, conferindo se algumas palavras não foram transcritas incorretamente.

A maioria das entrevistas totalizou de 25 a 30 páginas pós-transcrições, que foram sintetizadas em Minibiografias de 3 a 4 páginas para esse livro. Nosso trabalho como professoras coordenadoras do Projeto foi muito gratificante, pois escutamos relatos impressionantes, de mulheres muito corajosas, que enfrentaram dificuldades, dores, perdas, barreiras, discriminações, violência política, violência de gênero, que foram sendo superadas com muita garra, energia, empoderamento e vitórias.

Além da transcrição das entrevistas que resultaram, em média, em de 25 a 30 páginas, outro trabalho foi transformá-las em Minibiografias, de 3 a 4 páginas, para a edição deste livro. As fotos incluídas nas Minibiografias foram retiradas da internet, entretanto, algumas prefeitas e, por vezes seus assessores, nos enviaram fotos mais recentes. As Minibiografias foram enviadas para as Prefeitas lerem, revisarem e aprovarem. A maioria delas leu, respondeu e, inclusive, sugeriu mudanças significativas. Somente três delas não responderam, mas publicamos suas Minibiografias mesmo assim.

Durante a nossa pesquisa, tomamos conhecimento que algumas vice-prefeitas, eleitas em 2020, assumiram a gestão da Prefeitura de seus municípios durante o período de férias, em alguma viagem dos prefeitos, e até mesmo em casos de prisões ou afastamentos forçados de prefeitos. Não realizamos entrevistas com essas prefeitas, pois entendemos que este seria um outro trabalho de pesquisa. Apenas uma delas foi entrevistada; trata-se de uma situação em que o prefeito renunciou no meio do mandato. Esta prefeita não só assumiu a gestão com competência, como se reelegeu em 2024.

Das 28 prefeitas eleitas em 2020, apenas 4 não quiseram participar da entrevista. Uma delas não aceitou ser entrevistada de forma on-line, e nos enviou o roteiro de entrevistas com respostas lacônicas. Embora não tivesse o mesmo formato que as demais, elaboramos uma minibiografia com as respostas dadas ao questionário, acrescida de alguns dados que coletamos na Internet, incluindo a fotografia.

Nosso intuito era entrevistar um maior número de ex-prefeitas, mas tivemos muita dificuldade em relação ao acesso aos contatos delas. Entrevistamos 4 ex-prefeitas, incluindo a primeira prefeita de Santa Catarina, Maria Zandonadi de Carvalho. Para algumas, enviamos inúmeras mensagens por meio dos contatos disponíveis, alguns são e-mails institucionais, e não tivemos sucesso. A lista de todas as prefeitas mulheres de Santa Catarina, com as respectivas datas em que assumiram e os partidos ao qual pertencem está como anexo no final desta apresentação.

Por fim, entendemos que o resultado dessa publicação contribuirá para que a História das Mulheres de Santa Catarina seja conhecida, divulgada e valorizada. Da mesma forma, que a história de cada Município que teve como prefeita uma mulher, possa ser revelada, escrita e aprendida. Esperamos que esta fonte que produzimos permita outros tipos de análises, outras reflexões sobre os espaços na política, as possibilidades de ação e a sobrevivência política de mulheres que assumem cargos no poder executivo municipal, bem como as subjetividades que se constituem a partir disso.

Ao mostrar a trajetória destas prefeitas, com certeza, estamos colaborando com a História das Mulheres do Estado de Santa Catarina e do Brasil. Entendemos que, ao dar individualidade e visibilidade para essas mulheres, ao mostrar o que pensam, como administram, quais significados dão para a política e para a vida privada, estamos colaborando com a humanização de todas as mulheres. Estamos ajudando a reduzir a discriminação, a desqualificação e a

falta de reconhecimento que a nossa sociedade tem destinado às mulheres, desde os textos fundantes das religiões ocidentais e do estado moderno. Nem sempre nos damos conta do quão misóginas foram e continuam sendo as imagens que circulam sobre as mulheres, repetidas como “verdades fundamentais”.

Por mais mulheres empoderadas ocupando espaços de poder! Pelo fim das Violências Políticas de Gênero!

Joana Maria Pedro
Teresa Kleba Lisboa

Outono de 2025

PREFÁCIO

É com grande honra que apresentamos este livro, que conta a trajetória de mulheres que, ao longo de suas vidas, abraçaram o desafio de se tornarem gestoras municipais em Santa Catarina. As autoras nos trazem relatos de mulheres que, além das responsabilidades familiares e pessoais, assumiram a liderança de suas cidades, enfrentando obstáculos, superando adversidades e deixando legados de coragem, inovação e transformação.

Este projeto é uma iniciativa inédita na história da Federação Catarinense de Consórcios, Associações de Municípios e Municípios (FECAM), que, em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), tem o objetivo de compartilhar e valorizar as histórias dessas prefeitas, mulheres que ocuparam cargos de liderança e que contribuíram de maneira decisiva para a evolução de seus municípios. Ao trazer esses relatos à tona, buscamos não só registrar a experiência dessas mulheres, mas também inspirar novas gerações de mulheres, de todas as raças e origens, a se engajarem na política e na construção de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática.

A FECAM, como entidade municipalista, tem se destacado ao longo dos anos pelo seu trabalho na promoção da participação feminina na política catarinense. Esta obra é um reflexo do nosso compromisso em fortalecer a representatividade das mulheres, e em combater as barreiras que ainda limitam sua ascensão aos cargos de poder. Sabemos que, para eliminar essas desigualdades, é necessário criar espaços de acolhimento, escuta e incentivo às candidaturas femininas, e a FECAM tem atuado de forma suprapartidária, promovendo o diálogo e o fortalecimento do movimento de mulheres municipalistas, especialmente por meio do Encontro do Movimento de Mulheres Municipalistas Catarinenses (MMMMC) e

do Congresso de Municípios (COMAC), eventos que são realizados anualmente para discutir a participação feminina na política e na administração pública.

O livro também nos convida a refletir sobre a importância de reconhecer o valor dessas mulheres que ocuparam cargos de responsabilidade, e a necessidade de ampliarmos os espaços para novas lideranças femininas. Mais mulheres em posições de poder ajudam a desconstruir estereótipos de gênero e, ao fazerem isso, inspiram outras a seguir o mesmo caminho. O exemplo das prefeitas catarinenses é uma grande fonte de inspiração para que possamos continuar ampliando a presença feminina na política.

Agradecemos imensamente às autoras, **Joana Maria Pedro** e **Teresa Kleba Lisboa**, pela coragem, dedicação e ousadia em trazer à tona essas histórias de superação, coragem e transformação. Elas fizeram um trabalho essencial, que não só valoriza o legado das mulheres prefeitas, mas também reforça o quanto a política precisa da contribuição de todas as pessoas, independentemente de seu gênero, para ser mais justa e representativa.

Que este livro seja uma semente plantada para que, em um futuro próximo, possamos ver as Prefeitas de Santa Catarina não apenas como nomes em páginas de livros, mas como símbolos de mudança e progresso em ruas, escolas, praças e ginásios. Como foi com **Antonieta de Barros**, a primeira deputada estadual negra do Brasil, que com seu trabalho incansável fez história e hoje, seu nome permanece como referência e inspiração.

Que este livro desperte em todos nós o interesse e o respeito pela trajetória dessas mulheres, e inspire mais pessoas a lutar por mais espaços para mulheres na política. As histórias e os legados dessas mulheres são preciosos e merecem ser celebrados. Que sua trajetória inspire mais mulheres a entrar na política e contribuir para um Brasil mais inclusivo e igualitário.

Por fim, prestamos uma emocionada homenagem à nossa primeira deputada estadual negra do Brasil, **Antonieta de Barros**. Seu legado é um exemplo de resistência e superação. Ela fez história, e sua contribuição para a política catarinense jamais será esquecida.

*Antonieta de Barros é nome de rua, mas não é rua.
Antonieta de Barros é nome de túnel, mas não é túnel.
Antonieta de Barros é nome de escola, mas não é escola.
Antonieta de Barros é história,
fez história,
tem sua história...
E por isso, virou nome de rua, de túnel, de escola.²*

Um forte abraço!

Carmen Emília Bonfá Zanotto

3ª Vice-Presidente
Prefeita de Lages/SC

Janice Merigo

Supervisora em Políticas Públicas
FECAM

MUNICÍPIO DE ÁGUA DOCE

NELCI FÁTIMA TRENTO BORTOLINI



Nelci Fátima Trento Bortolini foi prefeita da cidade de Água Doce, SC nas gestões 2009 a 2012 (PP), e 2021 a 2024 (PL). Foi vereadora (2001-2004) e vice-prefeita (2005-2008) na mesma cidade. Atuou como secretária de saúde do município por três mandatos não consecutivos. Foi Gerente Regional da Assistência Social, Trabalho e Habitação, da Secretaria de Desenvolvimento Regional – SDR, e Gerente Regional de Saúde. Também foi secretária de Estado de Desenvolvimento Regional. Possui Ensino Superior em Pedagogia pela UDESC, e Especialização em Administração Pública com ênfase em Políticas Sociais.

Nelci Fátima Trento Bortolini nasceu em 1964, na comunidade de Cocho D'Água, mais precisamente na Linha Piaia, no município de Água Doce, do qual é prefeita. É filha de agricultores. Seus pais tiveram 11 filhos, e ela é a quinta filha do casal. Nelci lembra que sua mãe se levantava muito cedo, acendia o fogo, ia tirar leite, cuidava dos animais, e depois voltava para casa, preparava o café para todos, numa mesa gigante. Todas as crianças estudaram na Escola Isolada Estadual Cocho D' Água, uma Escola Multisseriada. Conforme relato de Nelci:

a gente ia a pé para escola, não tinha transporte escolar, e eu gostava de estudar, tinha facilidade de aprender, e uma certa liderança nata; eu era uma menina alta e magrela, e lá pelas tantas comecei ter alguns problemas de saúde, ninguém descobria o que era, eu tinha desmaios, ia para roça e não me sentia bem. Então, quando completei a 4ª série, eu queria continuar estudando e meu pai deixou, porque pensou 'essa menina aqui na roça não vai dar, vai estudar'.

Nelci foi morar com uma parente da família que tinha um hotel na cidade de Água Doce, para continuar seus estudos. Estudava no período da manhã, e à tarde ajudava a tia com a lida do hotel e do restaurante. Concluiu a 8ª série e cursou o segundo grau, foi da primeira turma de Técnico em Contabilidade, ali mesmo, em Água Doce. Trabalhava de doméstica em uma casa durante o dia, e estudava à noite. Terminou o curso em 1982, e neste mesmo ano participou de um concurso público para uma vaga de atendente de saúde, na Secretaria do Estado da Saúde, e passou em primeiro lugar. Ingressou na Secretaria em 22 de novembro de 1982, e quando fez sua consulta admissional, o médico disse: “você não pode trabalhar”. Conforme depoimento de Nelci: “aquilo me chocou tanto, porque ele falou, você não pode trabalhar, você pode morrer de uma hora para outra, você tem um problema sério do coração!”. Ela tinha 18 anos, na época, e apesar de o médico não assinar sua admissão, Nelci começou a trabalhar na Unidade de Saúde: aplicar injeção, fazer curativo, conversar com as pessoas. Procurou um médico conhecido da família que fez uma carta, na qual relatava fatos de sua adolescência e atestou: se ela podia trabalhar na roça com os pais como ele tinha testemunhado, ela podia trabalhar ali, na Unidade de Saúde. Também consultou um cardiologista em Joaçaba, que afirmou que ela poderia exercer a função. Na época, não se exigia que tivesse conhecimento na área da saúde, era só passar no concurso. Nelci trabalhou três meses sem receber e, na sequência, foi contratada e participou de várias capacitações em Saúde. Nelci casou-se em 1986, e em 1989 teve sua filha Emília Thereza.

Enquanto trabalhava na Unidade Básica de Saúde continuou os estudos, cursou técnico em Enfermagem e o magistério (Ensino Médio). Mais tarde, teve a oportunidade de cursar pedagogia, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, e fez pós-graduação – Especialização em Administração Pública com ênfase em Políticas Sociais.

Com o passar do tempo, Nelci teve a oportunidade de ser novamente secretária municipal de saúde por dois mandatos, um

deles após eleita vereadora do município. O processo da criação do SUS, dos programas Saúde da Família a nível de municípios teve a contribuição da Nelci. No ano 2000, o prefeito para o qual era secretária falou, "hoje você vai assinar a sua ficha de filiação partidária para se candidatar à vereadora". Na época, era o PP³. Nelci foi convidada por ter se destacado na Secretaria de Saúde, lembrando que recebeu por duas vezes medalha ao mérito funcional da região. Conforme depoimento de Nelci:

Eu não entendia nada de política, mas fomos para a campanha, e, um pouco antes das eleições, fizeram uma pesquisa, e o meu nome estava muito além dos vereadores que estavam comigo. E começou a criar um ciúme. Infelizmente, os próprios companheiros saíram pela cidade, dizendo: 'não precisam votar na Nelci porque ela já tem voto suficiente.' Para a surpresa de todos, estávamos em oito mulheres e eu fui a única mulher eleita vereadora.

Assumiu o cargo de vereadora e relata que foi difícil, pois o vereador com menos experiência estava na Câmara há dois anos, e ela, sem qualquer experiência, tinha muita dificuldade. Tudo isso causou alguns conflitos pois, pensava que conseguiria ser mais atuante e realizar algumas mudanças que entendia ser necessárias para um trabalho mais eficiente.

Lembra que sofria alguma forma de discriminação por parte de alguns vereadores, talvez por receio pelo trabalho que realizava junto à comunidade, por divergir das opiniões e posicionamentos e pela forma de ser, pois estava tendo notoriedade e respeito junto à comunidade.

Não assumiu logo, na câmara de vereadores, porque foi requisitada para permanecer na Secretaria de Saúde. Nos últimos dois anos de mandato, Nelci assumiu o cargo de vereadora. É provável que não tenha assumido antes em decorrência do despeito

gerado pelo trabalho que realizava junto à comunidade, por divergir das opiniões e posicionamentos de alguns e pela forma de ser, pois estava tendo notoriedade e respeito junto à comunidade.

Em 2004, Nelci foi convidada pelo prefeito da gestão do qual foi vereadora, que ia para o segundo mandato, a ser candidata a vice-prefeita, também pelo PP, pois o prefeito que concorreu à reeleição sofria seu desgaste natural do mandato, bem como ficava com seu tempo reduzido para visitas. Nelci conta: *"assumi com muita força e determinação, e nós ganhamos a eleição"*. Em 2008, foi convidada a se candidatar para prefeita, numa coligação PP e PSDB⁴, e Nelci relata:

A primeira vez na história do município que teve uma mulher candidata a prefeita. Foi quando o município completou seus 50 anos, fui a primeira mulher prefeita no município. Se eu não tivesse toda essa história na Secretaria de Saúde, até hoje Água Doce não teria, talvez, uma mulher prefeita, porque o masculino ainda prevalece muito forte. Algumas famílias do município sempre foram as detentoras do poder.

Cumpriu seu mandato até 31 de dezembro de 2012. Em 2013, foi convidada pelo então Deputado Jorginho Melo a criar um partido novo em Água Doce: o PR⁵, que hoje é o PL⁶.

Em 2013, Nelci foi convidada a trabalhar na Secretaria de Desenvolvimento Regional, ou seja, para ser gerente regional da Assistência Social, Trabalho e Habitação. No município de Joaçaba, teve a oportunidade como secretária de Estado de Desenvolvimento Regional e gerente regional de Saúde.

Nas eleições de 2016, foi candidata a prefeita pelo PR, mas não conseguiu se reeleger, por falta de apoio financeiro do partido:

4 Partido da Social Democracia Brasileira.

5 Partido da República.

6 Partido Liberal.

“não tínhamos dinheiro, só tínhamos força e coragem”. Em 2020, veio o convite para concorrer novamente à prefeita, desta vez pelo PL. Nelci recorda que “as pesquisas mostravam que, para tirar quem tinha me tirado da prefeitura, eu tinha que ser candidata. E agora?”. Três candidatos concorreram na mesma eleição, um do MDB⁷, um PP coligado com PSDB e Nelci, pelo PL, não teve coligação. O PT⁸ entrou somente como apoiador. Nelci contou que: “foi uma campanha extremamente pesada”, mas, no final, venceu com 52,9% dos votos.

A discriminação por parte dos colegas, na prefeitura, continuou. Nelci narra que, durante a campanha, eles criaram muitos fatos – “Fake News”, querendo desqualificá-la, duvidando da sua capacidade: “[...] criaram fotos minhas no jornal, pintaram o meu rosto de preto como se fosse algo que chegasse destruindo a cidade. [...] isso me fez sofrer muito, eu não sei como eu resisti, mas eu resisti a tudo aquilo!”. Nelci contratou uma advogada e abriu um processo contra as violências políticas que estava sofrendo.

Além de prefeita, Nelci assumiu outros cargos de 2009 a 2012: foi presidente do Consórcio Intermunicipal de Saúde, vice-presidente e, depois, duas vezes presidente da Associação dos Municípios do Meio Oeste (AMMOC), que, para ela, serviu de grande experiência. Atualmente (2023), é presidente do PL Mulher de Santa Catarina. Nelci investiu em políticas para mulheres. Em Água Doce foi criada a Secretaria Municipal de Assistência Social, Trabalho e Habitação, por entender a importância das políticas públicas da Assistência Social, atender e ter as pessoas como capital maior de um município.

No município tem um CAPS⁹, que foi o primeiro da microrregião. Nelci tomou o propósito de revitalizar um bairro com 18 famílias em situação de vulnerabilidade, Água Doce está entre os 61 municípios

7 Movimento Democrático Brasileiro.

8 Partido dos Trabalhadores.

9 Centro de Atenção Psicossocial.

com menor índice de IDH, e foi agraciado com 15 unidades habitacionais, em que as escrituras vão para o nome da mulher. Também buscou conseguir mais recursos para aumentar o número de unidades habitacionais, bem como toda a infraestrutura asfáltica, luz, água, esgotamento sanitário.

Em relação ao futuro na política, Nelci coloca: *"o pessoal me fala, você vai ser candidata a deputada estadual. O futuro é incerto. Mas uma coisa que eu posso dizer para vocês, eu gosto de gente, eu gosto de fazer acontecer, e através da política dá para fazer muita coisa"*.

Como mensagem para mulheres e meninas, Nelci diz:

se valorize, se aceite da forma que você é, não se diminua, [...] 'pense grande a respeito de si mesma, o mundo achará que você é o que pensa', que eu considero muito verdadeiro! Dentro da gente existe uma força tão grande, a felicidade está dentro de nós, e só existe uma forma, abrir a porta do coração para que essa felicidade possa realmente se estender aos demais. Essa é a forma que eu levo os meus dias.

MUNICÍPIO DE ALTO BELA VISTA

CATIA TESSMANN REICHERT



Catia Tessmann Reichert foi prefeita da cidade de Alto Bela Vista, Santa Catarina, na gestão de 2013 a 2016 (PSD), reeleita em 2016 para a gestão 2017 a 2020. É formada em Pedagogia, com Pós-Graduação em Gestão e Supervisão Escolar, e atuou como professora do Ensino Fundamental e da Educação Infantil. Atuou junto à Federação Catarinense de Municípios - FECAM, percorrendo o Estado divulgando a mesma para os municípios. É palestrante e artesã.

Catia Tessmann Reichert, nasceu no ano de 1975, na localidade de Alto Bela Vista, que, na época, era município de Concórdia, e foi Prefeita (PSD¹⁰) do Município de Alto Bela Vista, entre 2013 e 2016 e reeleita em 2026 para a gestão 2017-2020. Seus pais, além de serem agricultores, faziam transporte de leite pela região. Catia é a filha mais nova de cinco irmãos, quatro meninas e um rapaz, e lembra que, na infância, tinham que ajudar nas lidas da casa: *"nós, filhos, organizávamos desde comida, as vacas de leite, a pastagem, enfim, a gente se virava"*. Coursou o Ensino Fundamental em Alto Bela Vista, e por uma situação que aconteceu com a irmã mais velha, que saiu para estudar e engravidou, o pai, na sua preocupação, preferiu evitar que as filhas mais novas fossem estudar. Depois que o seu irmão (o único filho homem) faleceu de tétano aos 25 anos de idade, tudo ainda ficou mais difícil e, quando sua irmã, um pouco mais velha que ela, se casou e foi fazer um curso de cabelereira em

Concórdia, convenceu os pais a deixarem Catia ir junto. Esta aproveitou para fazer um curso de pintura em tecido e artesanato. Ela ainda não tinha 18 anos quando foi convidada pela diretora da Escola Estadual para ser “professora de artes” do Ensino Fundamental. Ela demonstrava ter um grande dom na área do artesanato. Conforme depoimento de Catia,

o artesanato me abriu as portas para onde eu estou hoje. Fiquei meio ano sem receber, porque eu não tinha 18, e ela não podia mandar o meu cadastro para o Estado. Quando fiz 18 anos, ela mandou o meu cadastro e passei a receber meus salários dos meses anteriores. Foi uma aprendizagem muito grande.

Enquanto Catia dava aulas de Artes, cursou o Ensino Médio pelo EJA, “o dito supletivo” em Concórdia. Ia de ônibus, duas vezes por semana.

Na sequência, Catia cursou Pedagogia para séries iniciais e Educação Infantil, fez Pós-Graduação em Gestão e Supervisão Escolar, entre outras: “duas, três pós eu fiz na época”. Foi professora da Escola Estadual Teixeira de Freitas de Alto Bela Vista e, depois de formada, ingressou como professora de Educação Infantil pelo município de Alto Bela Vista. Enquanto cursava Pedagogia, conheceu seu atual marido. Na ocasião em que seu pai comprou um trator, ele foi ensinar o agregado a lidar com o trator: “foi na troca de olhares, enfim...”. Na época, Catia coordenava um grupo de dança alemã, que tinha 165 dançarinos, desde criança até terceira idade, em um município de 2 mil habitantes. Depois de casada, morou na mesma propriedade do pai e o esposo ajudou no transporte de leite para a Empresa Tirol, de Treze Tílias. Depois de um ano, o pai de Catia faleceu e o esposo assumiu a gerência da Empresa. Tiveram dois filhos.

Em 2007, Catia foi convidada a ser candidata a prefeita, pelo histórico da família. Na época da luta pelo processo de emancipação de Alto da Boa Vista, seu pai, ela e várias outras pessoas da família fizeram parte da Comissão de Emancipação do Município. Era o ano

de 1995. Fretaram um ônibus para fazer um movimento na Assembleia Legislativa, em Florianópolis, e a emancipação foi aprovada. Depois disso, o pai de Catia foi escolhido para ser candidato a vice-prefeito e ganhou a eleição. Em 2000, ano em que Catia se casou, ele foi reeleito pelo MDB. Conforme depoimento de Catia: *"vou contar um segredinho: o pai do Jairo, meu esposo, era da oposição, do PP, antiga ARENA. Fizemos uma festa de casamento para 800 pessoas e tinha gente dos dois partidos – MDB e PP, mas foi tudo harmônico, beleza."*

Em 2005, por questões internas do partido, Catia foi expulsa do MDB, mesmo assim, seu cunhado, que tinha perdido as eleições, e outros integrantes insistiram que Catia deveria candidatar-se à prefeita. Conforme depoimento:

Eu estava em sala de aula, não estava filiada em partido nenhum, não queria ir para PPS¹¹, nem PP, nem PT e nem PSDB, na época porque os quatro gostariam que eu ingressasse nestas siglas partidárias. Então, ficamos neutros. Faltando 20 dias para fechar o tempo de se filiar, criamos o partido (DEM¹²), com 17 pessoas.

Na primeira eleição, ela perdeu por 15 votos, mas, segundo Catia, *"valeu a experiência, foi uma preparação para as eleições de 2012"*.

Em 2012, Catia migrou para o PSD e ganhou as eleições. Conforme seu depoimento: *"Foi uma vitória maravilhosa, porque eu venci o machismo e um grupo muito forte politicamente no município. Porque o que eu ouvia nos debates em rádio, 'o que você quer sendo prefeita? Você é uma professora!' Eu saí vencedora".* A campanha foi muito desafiadora para Catia. Ela era muito jovem e não tinha *"bagagem política"*, não tinha sido vereadora, *"de cara, foi prefeita"*. Catia atribui o seu sucesso ao seu jeito transparente de ser, reflexo do seu pai: *"eu fui candidata contra um grupo muito forte dentro da*

11 Partido Popular Socialista.

12 Democratas.

política, contra homens que se posicionavam contra uma menina, uma professorazinha, como falavam". Durante a primeira gestão, continuou o enfrentamento. A maioria dos secretários eram mais velhos, e achavam que entendiam mais do que ela do assunto. Catia teve muitas dificuldades porque a Coligação que tinha sido feita era composta por cinco partidos: PP, PPS, PSDB, PT e PSD, que era o dela. A principal preocupação era atender às demandas de todos e não privilegiar um ou outro.

Em 2017, Catia foi reeleita e tinha em mente concretizar um sonho: a reconstrução de uma ponte que havia caído há muito tempo. Ela conta que, quando tinha sete anos, viu a ponte que ligava a sede do município de Alto Bela Vista a três comunidades, do lado de Santa Catarina, cair com a enchente de 1983. Pelas palavras dela:

É uma imagem que eu tenho até hoje dentro de mim, o pai e a mãe levando, nós, crianças, lá para olhar, as casinhas indo embora com a correnteza, móveis, gado... E quando eu virei prefeita, sempre tive dentro de mim o sonho de buscar recursos e reconstruir essa ponte. Quem acreditava nisso?

Assim, 40 anos depois de a ponte ter caído, ela apresentou projeto junto ao Ministério do Turismo e conseguiu quase 9 milhões para a reconstrução da tão sonhada ponte. Além disso, ela conseguiu criar uma rota turística no município, conseguiu emplacá-lo no mapa turístico do Ministério do Turismo e, conforme depoimento de Catia: *"às 20h20min da noite do dia 31 de dezembro de 2020, três horas e meia antes de entregar as chaves da prefeitura para o novo prefeito, eu consegui emplacar o recurso de quase R\$ 9 milhões pelo Ministério do Turismo para a reconstrução da ponte. Ninguém acreditava, mas eu acreditei"*. O novo prefeito já licitou e a empresa começou a reconstrução.

Na época em que foi prefeita, Catia recorda que tinha uma oposição muito forte, houve quase 300 pedidos (ou denúncias) nos órgãos fiscalizadores. Começou a construir uma Escola Modelo pelo

FNDE¹³, que levou quase sete anos por causa de denúncias: se houvesse um bueiro aberto na cidade, a oposição colocava no Ministério Público. Conforme depoimento de Catia: *"isso é porque eu era mulher... teve muitas passagens que eu acabei enfrentando, e não tinha medo ou vergonha, eu queria fazer o correto, isso só me fez crescer"*.

Em relação às políticas públicas para mulheres, Catia fez campanhas de valorização da mulher, com temas como empoderamento, e slogans como "você é um tesouro", "você pode ser o que quiser", para elevar a autoestima das mulheres. De nove cadeiras na Câmara de Vereadores, na sua gestão, cinco eram mulheres. Na sua gestão, procurou atender à demanda de creches em tempo integral, as mulheres foram motivadas a dirigir, muitas fizeram carteira de motorista; na área da saúde da mulher, tem ginecologista no posto de saúde do município, o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e o Conselho Tutelar foram implementados: *"eu investi muito nas pessoas"*.

Depois de oito anos de gestão como prefeita, Catia trabalhou junto à Federação Catarinense de Municípios (FECAM). No ano de 2021, visitou gabinetes de prefeitos de 149 municípios, 11 Associações de Municípios, apresentando a FECAM e tentando fazer uma maior aproximação entre elas. Visitou os 62 municípios com menor IDH, e focou mais na educação, que é a sua área. Ficou conhecendo o PROESDE – Programa de Educação Superior para o Desenvolvimento Regional, que oferece bolsa de estudos para o Ensino Superior.

Como mensagem para as meninas e mulheres que querem se candidatar a prefeitas, diz:

Com muita emoção, eu quero dizer que as pessoas precisam se encorajar [...] as pessoas jovens, as mulheres, principalmente, têm ideias fabulosas, só que não falam, não colocam em prática. Precisamos ocupar esses cargos, precisamos de sangue novo, de ideias novas, de coragem

para atender às demandas dos nossos municípios. A mulher tem mais cuidado, mais carinho, aconchego, sabe fazer com mais delicadeza, isso é nós, mulheres. Não tenha medo de não se eleger, porque você vai aprender, vai saber que fez a sua parte. Nós precisamos nos abrir para assumir um cargo político, porque a gente pode, a gente consegue, temos capacidade, e o que a gente ainda não sabe aprende na caminhada!

MUNICÍPIO DE ANITÁPOLIS

SOLANGE BACK



Solange Back foi prefeita de Anitápolis, SC na gestão 2021 a 2024 (MDB) e reeleita para a gestão 2025 a 2028 (MDB). Foi a primeira prefeita (mulher) de Anitápolis em 60 anos de emancipação política do município. Coursou Magistério e atuou como secretária da Saúde e secretária de Administração. Seu principal legado tem sido na área da Educação e Saúde, o cuidado com as pessoas e as obras de calçamento das ruas.

Solange Back nasceu no município de Anitápolis – Santa Catarina (SC), no ano de 1972. A família era composta por 6 irmãos e seus pais, que inicialmente trabalhavam no meio rural da comunidade em que moravam, chamada, na época, de Rio dos Pinheiros Altos. Porém, após a descoberta de fosfato na região, as famílias acabaram vendendo suas terras e migrando para a cidade. De família humilde, os pais de Solange sempre trabalharam muito, a mãe em restaurantes e hotéis antes de trabalhar com enfermagem e o pai arrendando terras. Solange começou a trabalhar aos 9 anos, como babá; aos 12, fazia companhia a uma professora que morava sozinha, além de, também, ajudar na parte da cozinha de um bar, onde fritava salgadinhos, lavava louças e fazia a limpeza. Aos 13 anos, com o casamento de uma das irmãs mais velhas, e com a chegada dos irmãos mais novos, recebeu a responsabilidade de auxiliar na criação dos irmãos. Conseguiu completar seus estudos, fez Magistério, embora não tenha exercido a profissão. Aos 17 anos, começou a

trabalhar em uma loja de materiais de construção, onde trabalhou por 15 anos e conheceu seu ex-marido, Saulo Weiss, com quem tem dois filhos, Sabryna e Davi.

Começou a se interessar pela política após o ex-marido ter sido convidado pelo MDB a se candidatar como prefeito, em 2004. Prestou auxílio desde a campanha, como nos dois mandatos de 2004-2008 e de 2008-2012. Atuou como secretária de educação, secretária de administração e na assistência social. Após a lei do nepotismo, foi impedida de receber pelos serviços que prestava, mesmo assim continuou como voluntária. Em 2013, foi convidada a ser secretária da saúde pelo prefeito Marco Antônio Medeiros, que sucedeu seu ex-marido. Solange diz que foi a área com a qual mais se identificou: *"eu acho [que] a questão de conseguir ajudar as pessoas [...] de maior fragilidade torna esse setor apaixonante"*. Neste período, o nome dela já estava sendo mencionado nas pesquisas para possíveis candidaturas.

No ano de 2015, Back foi convidada a se candidatar como vice-prefeita, por outro partido, mas acabou não aceitando devido a um acidente de carro sofrido e também por considerar que ainda não era a hora certa para se candidatar. Após a eleição, perdeu seu emprego na Secretaria da Saúde de Anitápolis. No período de 2016-2017, foi contratada pela Secretaria da Saúde em Rancho Queimado – município vizinho, e fazia o percurso de 35 quilômetros todos os dias para ir e voltar do trabalho. Até que: *"em 2018, teve um processo seletivo na prefeitura. Eu fiz o processo seletivo e passei em primeiro lugar"*. Após alguns meses de trabalho, foi convidada a assumir o cargo de secretária da administração e, em seguida, retornou para a Secretaria da Saúde, que era seu objetivo.

Enfrentou dificuldades antes de lançar sua candidatura, precisando convencer o diretório do MDB a colocá-la como candidata, mesmo tendo sido convidada. E essa foi sua primeira vitória, ser aceita pelo diretório do MDB, na época. Iniciou, então a

campanha eleitoral tradicional, indo de porta em porta, movimentando as redes sociais, falando sobre os projetos, sobre o plano de governo. Sofreu violência política em sua campanha e durante seu mandato, nas redes sociais e no meio profissional: sobre sua vida pessoal e, principalmente, por ser mulher.

Solange Back é a primeira mulher prefeita em Anitápolis. O município possuía cerca de 3.228 habitantes no ano de 2020 (IDMS, 2020). Tem como maiores realizações de seu mandato o cuidado com as pessoas, as obras de calçamento das ruas, reforma na escola, no posto de saúde. Na saúde, o município foi referência, sendo premiado nacionalmente pelo desempenho em vários setores de atendimento. Solange conseguiu aprovar o projeto de uma nova Unidade Básica, que poderia contar com veículos e equipamentos. Outra conquista importante foi a doação de terrenos da empresa de fosfato de Anitápolis – cerca de 100 hectares –, para a instalação de novas construções públicas como escola, creche, posto saúde, CRAS. Na educação, para além das reformas, investiu no transporte escolar, realizou a revisão do plano de carreira do magistério, ofereceu kit de materiais escolares e uniformes para todos os estudantes: *“eu acho que esse é o nosso trabalho, estar aqui para ir atrás de melhorias e recursos para a nossa cidade. A gente precisa fazer política pública para melhorar a vida das pessoas aqui na ponta.*

Ao finalizar, Solange encoraja as mulheres a entrarem na política, e diz discordar das cotas: *“ah, eu não concordo com cotas, eu falei, eu não concordo só com as cotas, eu penso que, na verdade, a mulher deveria ter vaga/cadeira garantida”* Reconhece que demorou muito tempo para as mulheres conquistarem o espaço eletivo e que devem ter direito a cadeiras, para que mais mulheres se encorajem e se candidatem. Diz que, quando se tem direito à cadeira, o cargo precisa ser preenchido, criando oportunidades. Encerra sua mensagem às mulheres da seguinte maneira:

Independente da condição social, a gente precisa saber que a gente tem poder, sim, de acreditar e investir nos nossos sonhos; que a gente é capaz, muito capaz; que não podemos, de maneira nenhuma, deixar de estar ocupando espaços na sociedade, tampouco deixar as nossas vontades, nossas prioridades, serem decididas somente por homens.

MUNICÍPIO DE ARABUTÃ

LEANI KAPP SCHMITT



Leani Kapp Schmitt foi prefeita de Arabutã, Município situado no Vale do Contestado, SC, de 2017 a 2020 (PSD), sendo reeleita para a gestão 2021 a 2024 (PSD). É formada em Orientação Educacional, casada e mãe de dois filhos. Foi presidente da Associação dos Municípios do Alto Uruguai Catarinense (2021) e do Consórcio Intermunicipal de Alta Complexidade – Casa Lar Pequeno Príncipe (2024).

Leani Kapp Schmitt nasceu em 1963, no Município de Arabutã, do qual foi prefeita por duas gestões: de 2017 a 2020 e de 2021 a 2024. Arabutã fica próximo aos municípios de Concórdia, Ipumirim e Seara (MUNICÍPIO DE ARABUTÃ, s.d.). É formada em Orientação Educacional, tendo Pós-Graduação na área. É casada e mãe de dois filhos. Sua primeira gestão como prefeita – de 2016 a 2020 – teve como slogan “Arabutã, crescendo com trabalho e confiança”. Em entrevista realizada para um jornal local, Leani afirmou que esse slogan

vem ao encontro da coligação que almeja, lutando pela continuidade dos trabalhos. Arabutã vem crescendo visivelmente (cf. IBGE, em 2022, a população era de 4.378 habitantes), e merece continuar nesta ascensão, tendo novas conquistas e atendendo aos anseios da população, trabalhando de forma séria e comprometida (Gonçalves, 2020).

Quando se candidatou pela primeira vez, Leani foi *"escolhida por um grupo de pessoas"*, e o que a motivou foi *"fazer parte do universo político, ou seja, fazer a diferença"*. Em sua trajetória política, integrou a coligação entre PSD, PP, PT e PL.

Em 2019, foi 2ª vice-presidente do Consórcio Interfederativo de Saúde do Oeste de Santa Catarina (CISAMOSC). Em 2021, foi presidente da Associação dos Municípios do Alto Uruguai Catarinense; em 2023, o Município de Arabutã, credenciado no Consórcio Intermunicipal Multifinalitário do Alto Uruguai Catarinense (Consórcio Lambari, 2023) junto ao Ministério da Cultura (MINC), foi contemplado com recursos da Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar nº 195 (Brasil, 2022).

Em 2023, Arabutã aderiu ao ciclo 2023/2024 do Programa Cidade Empreendedora, em parceria com o Sebrae, SC, e realizou, na última semana, a inauguração da Sala do Empreendedor. Leani comemorou o início dos trabalhos da Sala em Arabutã afirmando: *"Esse Projeto vai auxiliar os empreendedores na implantação de ideias inovadoras, possibilitando identificar e criar oportunidades, oferecendo serviços de orientação, formalização do negócio e auxiliar para que os empreendedores se mantenham firmes e fortes no mercado"* (SEBRAE, s.d.).

Também presidiu o Consórcio Intermunicipal de Alta Complexidade – Casa Lar pequeno Príncipe (2024); e é a Segunda Tesoureira da FECAM para o mandato de 2024.

Em relação à vida familiar, durante a campanha seguida da gestão, Leani afirma: *"Sou casada, tenho dois filhos e dois netos, sempre tive apoio dos meus familiares que me acompanharam nesta trajetória"*.

Ao falar de sua atuação política, Leani diz que *"Esses 8 anos foram de muito trabalho. Humanizei em todas as políticas públicas que*

foram executadas. Valorização do ser humano, obras e ações. O meu legado é a confirmação das minhas atitudes".

Questionada se em algum momento da campanha eleitoral ou do período de seu mandato sofreu alguma forma de violência, preconceito ou discriminação, respondeu afirmativamente: *"de algumas famílias machistas, muitas vezes, mas faz parte da vida política, do processo político. Nunca vamos conseguir agradar em tudo e a todos".*

O seu principal legado na vida política, de acordo com Leair, foi *"ajudar a resolver os problemas das pessoas".*

MUNICÍPIO DE BENEDITO NOVO

ARRABEL ANTONIETA LENZI MURARA



Arrabel Antonieta Lenzi Murara foi Prefeita de Benedito Novo na gestão 2021-2024 (MDB). Foi vereadora do mesmo Município de 2004 a 2008 e secretária de Educação do Município. cursou Técnico em Contabilidade, Magistério e Orientação Educacional. Sua trajetória está ligada à Educação: trabalhou no Centro de Educação Infantil do Município, como orientadora na rede estadual, e com Ensino a Distância da UDESC. É viúva e possui dois filhos.

Arrabel Antonieta Lenzi Murara nasceu em 1967, na cidade de Rio dos Cedros, SC, mas sempre morou em Benedito Novo, SC, cidade da qual é prefeita. Filha de mãe professora e pai agricultor e comerciante, começou a trabalhar desde cedo. Residiam na localidade de Rio do Tigre, e ia para a roça com o pai e com a mãe. Com 12 anos de idade, ordenhava 10 vacas de leite, de manhã e à noite. Uma questão muito forte era a união da família e da comunidade: faziam mutirão de serviço, se ajudavam entre si. Na comunidade do Rio Tigre, frequentou do primeiro ao terceiro ano do Ensino Primário, e depois disso foi ao Colégio, a uma distância de aproximadamente seis quilômetros. Fazia isso de bicicleta, não importasse se chovesse, se estava frio ou calor.

Aos 15 anos de idade, segundo Arrabel: *"na época, podia"*, ingressou na Prefeitura Municipal de Benedito Novo, como professora de uma escola multisseriada, ou seja, uma escola que tinha as

quatro séries juntas numa mesma sala. Na época, Arrabel era professora, merendeira, faxineira e conselheira da comunidade. Quando terminou o Ensino Fundamental, cursou Magistério para séries iniciais e o curso Técnico em Contabilidade ali mesmo, em Benedito Novo: *"eu fazia o Magistério de manhã, almoçava em casa, lecionava à tarde e fazia Técnico em Contabilidade à noite, tudo de bicicleta"*. Mais tarde, cursou Magistério e Orientação Educacional na FURB¹⁴, a universidade que ficava mais próxima, com muito sacrifício. A família queimava carvão vegetal nos finais de semana, como era permitido, para obter uma renda extra e conseguir pagar faculdade para os três filhos.

Sua trajetória está ligada à Educação, nunca perdeu o vínculo com o município, trabalhou no centro de Educação Infantil, nas creches da cidade, como alfabetizadora, com séries iniciais, mas também trabalhou junto à rede estadual como orientadora. Além disso, trabalhou com o Ensino a Distância da UDESC, como tutora de formação em pedagogia, e mais tarde assumiu a Secretaria de Educação do Município.

Conheceu seu marido no final do Ensino Médio, cursaram juntos o Técnico em Contabilidade, namoraram por 10 anos porque tinham a intenção de se formar juntos na Faculdade antes de casarem-se. O casamento ocorreu em 1991. Completariam 25 anos de matrimônio quando o marido teve um infarto fulminante. Tiveram dois filhos. Seu marido sempre foi um grande incentivador e estimulador para que ingressasse na vida política. Foi ele que a estimulou a concorrer a vereadora no ano de 2004 (mandato 2005-2008), foi com ela no cartório eleitoral registrar a candidatura. Arrabel trabalhava 60 horas por semana e quando o primeiro filho tinha um ano de idade, o marido dava banho, dava mamadeira e assumia as responsabilidades domésticas para que ela pudesse dar conta de suas outras atribuições.

Em relação ao seu ingresso na vida política, Arrabel tem um tio por parte de mãe que já foi prefeito de Benedito Novo e, por parte de pai, um tio que já foi vereador. Da mesma forma, seu sogro teve muito contato com a política, era cartorário, foi vereador na cidade e foi um grande incentivador também. Uma parte da sua família era do PP e outra parte de família era do MDB. Arrabel conta que tinham reuniões pedagógicas mensais na Escola, nas quais se encontravam todos os professores da rede municipal e ela sentia *"uma angústia, uma necessidade, a gente percebia que ninguém olhava por nós... então acho que foi esse o sentimento que me levou a ser candidata a vereadora, ver o que eu podia fazer naquele momento, principalmente, pela educação"*.

Em 2002, filiou-se ao PP, porque era o partido do prefeito que a tinha convidado para a Secretaria da Educação e, em 2004, candidatou-se a vereadora, e foi a mais votada entre 49 candidatos no município. Terminou o seu mandato (2005-2008) frustrada, pois queria defender a classe da educação: pais, crianças, comunidade, não só os professores. Mas o fato de ter-se destacado causou preocupação nos demais colegas do executivo, o que a desencorajou a continuar.

Depois de 33 anos trabalhando na Prefeitura de Benedito Novo, como secretária de Educação, entre outras funções, em 2014, foi convidada a se retirar, por conta de divergências políticas do prefeito da época. Segundo Arrabel: *"eu fui convidada a me retirar do serviço público para não ofuscar a administração que estava assumindo"*. Afastou-se da vida pública, encaminhou a aposentadoria e ficou cuidando da mãe, que estava doente. Depois de um tempo, foi convidada a trabalhar como gerente regional de saúde, na regional do município de Timbó, SC, e em 2016 o marido faleceu.

Em agosto de 2020, o MDB fez a primeira reunião pensando nas eleições daquele ano. Arrabel era secretária do partido e a buscaram em casa para que secretariasse a reunião: *"E naquele dia eu saí candidata e eu estou aqui até hoje"*. Naquele ano, Benedito Novo teve

duas mulheres candidatas a prefeita, ambas tinham sido professoras e ocupado a Secretaria da Educação. Conforme depoimento, Arrabel fez duas campanhas (para vereadora e para prefeita), com o mesmo propósito: ir de casa em casa, olhar para as pessoas, conversar com elas e gastar o menos possível. A pandemia do Coronavírus facilitou a campanha porque, de acordo com ela, impediu a exploração dos candidatos que pagam bebida nas festas de igreja e em bailes. Foi uma campanha mais digna porque iam de casa em casa conversar com as pessoas. Durante a campanha, Arrabel sofreu calúnias sobre questões da época em que foi secretária de educação, mas não enquanto mulher ou viúva.

O maior desafio de Arrabel foram as enchentes, conforme seu depoimento: *"no dia 31 de dezembro de 2020, véspera de eu tomar posse, caiu o mundo em Benedito Novo. No dia 1º de janeiro, o dia não tinha nem clareado ainda, eu já estava na estrada vendo o tamanho da desgraça"*. No ano de 2022, o Município foi atingido por enchentes em outubro e novembro. No dia 5 de dezembro deste mesmo ano, a cidade foi destruída. Em uma noite, 11 pontes foram arrancadas; as comunidades ficaram sem comunicação, o deslocamento só poderia ser feito por helicóptero. Não parou por aí. No dia três de janeiro de 2023, o centro da cidade foi atingido por uma nova tromba d'água e, naquele ano, Benedito Novo sofreu mais quatro enchentes que arrasaram a cidade, o que demandou muitos recursos financeiros.

Suas grandes conquistas foram: implantar uma rede de atendimento de Educação Infantil em período integral; acabar com as escolas multisseriadas e transformá-las em quatro núcleos educacionais, oferecendo educação em período integral no Ensino Fundamental; oferecer aos professores pagamento de piso e o avanço progressivo de que eles têm direito, todos os anos. Na área da saúde, as unidades de saúde foram descentralizadas e o município conta, atualmente, com mais de 10 especialidades médicas que atendem em Benedito Novo: ginecologista, pediatra, médico vascular, reumatologista, endócrino, cardiologista.... A nova sede do CRAS

foi inaugurada, foi realizado concurso público e uma equipe multi-profissional está sendo montada para o atendimento às pessoas.

O município tem mais de 750 quilômetros de estrada de chão para manutenção, e está trabalhando na pavimentação de um acesso de oito quilômetros a uma localidade cuja estrada é muito íngreme. Arrabel fez parceria com o SEBRAE¹⁵, com o SESI¹⁶ e com o SENAIE¹⁷ para a formação de professores, profissionais, servidores públicos e empreendedores no município.

No quesito esporte, apoia todas as modalidades esportivas, por meio de projetos encaminhados e aprovados. Hoje, no município, é possível contar com aulas de futebol de salão, de futebol de campo, de patinação, de ginástica rítmica, de tênis de mesa, de karatê, totalmente gratuitas à comunidade.

Em relação a planos políticos futuros, Arrabel diz que gostaria de ser candidata a reeleição, mas *"eu brinco e digo, só se parar de chover!"*. Deixa como mensagem para as meninas e moças *"se colocarem à disposição para trabalharem pelas pessoas, acreditarem que participar da política, que é uma oportunidade de desenvolver ações para benefício da sua comunidade e para melhorar a vida das pessoas"*.

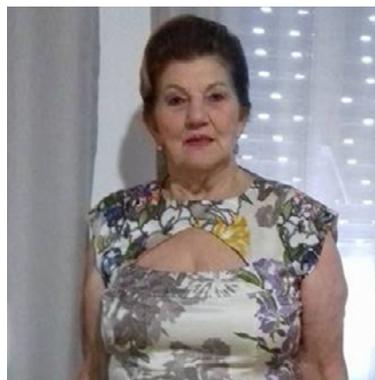
15 Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

16 Serviço Social da Indústria.

17 Serviço Nacional de Apoio ao Empreendedor.

MUNICÍPIO DE BOM JARDIM DA SERRA

MARIA ZANDONADI DE CARVALHO



Maria Zandonadi de Carvalho foi a primeira prefeita no município de Bom Jardim da Serra, e do estado de Santa Catarina, de 1989 a 1992 (PMDB18). Maria Zandonadi ficou conhecida como “Prefeita do povo, Mãe Maria, Mãe do povo”. Implementou o Sistema Único de Saúde, SUS, Escolas Multisseriadas no interior do Município, transporte escolar e a Legião Brasileira de Assistência (LBA), com Clubes de Mães e creches. Em seu mandato, o Terminal Rodoviário Municipal foi construído.

Maria Zandonadi de Carvalho nasceu em 11 de abril de 1942, em Bom Jardim da Serra, SC, município do qual foi a primeira prefeita, no ano de 1988. Também foi a primeira prefeita mulher de um dos 295 municípios do Estado de Santa Catarina. Filha de Joana Costa Zandonadi e Basílio Alberto Zandonadi, sua infância foi “*bem dura*”! Os pais trabalhavam numa serraria que oferecia casa para as famílias e escola para as crianças. Eram dez irmãos, cinco homens e cinco mulheres. Maria era a sétima da fila e estudou até o terceiro ano, em uma Escola Multisseriada, na qual todas as turmas ficavam na mesma sala. Os irmãos continuaram os estudos, na localidade de Serra Baixa, “*onde tinha uma escola melhor*”. Duas irmãs de Maria estudaram em um Colégio de Freiras, em Urussanga, e se tornaram professoras da rede estadual.

O que Maria recorda de sua infância é que tinha muito trabalho, ajudava em casa e na serraria: *"naquela época não tinha supermercado, comia o que plantava, a gente fazia pão todo o dia, tudo em casa"*. Casou-se *"novinha, não tinha 18 anos"*. Conheceu o namorado, nove anos mais velho do que ela, quando foi visitar um tio que era vereador e estava no hospital, e o moço tinha ido visitar o tio e, também, era vereador. Tiveram cinco filhos.

Entrou na política porque o pai era cabo eleitoral desse tio, e mais tarde porque o namorado também era vereador e depois foi vice-prefeito. Na época, o pai de Maria era da UDN¹⁹; mas o avô, que era chamado de coronel Venâncio, o marido e o sogro de Maria, que eram da família Borges de Carvalho, inclusive ela, eram do PSD.

Quando o marido de Maria foi prefeito de Bom Jardim da Serra, e ela primeira-dama, implementaram a LBA – Legião Brasileira de Assistência Social, que já existia em vários lugares no Brasil. Conforme depoimento de Maria:

Na época, o ciclo da madeira tinha acabado e ficou um rastro da pobreza. Fomos para as localidades do interior e criamos os Clubes de Mães, onde elas faziam cobertas, roupa de cama e enxoval para bebês. E aquilo virou uma massa, em todo lugar tinha Clube de Mães funcionando. Ia palestrante, fazia recreação, não só para idosos, até para meninas que não estavam na escola porque era muito interiorzão e não tinha escola. Aí foram criadas Escolas Multisseriadas em alguns lugares.

Na época, o trabalho de Maria como primeira-dama teve muito destaque porque recebia total apoio do marido, que era prefeito. Porém, um pouco antes das eleições de 1988, o marido de Maria faleceu *"de morte súbita"*, aos 49 anos de idade, e o PMDB convidou Maria a se candidatar para prefeita da cidade: *"foi um nome automático"*.

Maria recorda que o nome dela foi unânime, recebido com muita tranquilidade pelo partido, mas não recebeu auxílio financeiro para a campanha (na época ainda não existia o fundo partidário), teve que *"arcar do próprio bolso e com a ajuda de amigos"*. Só recebeu *"apoio moral"* e ajuda de cabos eleitorais. Conforme depoimento de Maria:

numa cidade pequena, todo mundo se conhecia, as pessoas podiam ser contadas, essa era minha, aquela não. A gente fazia as contas casa por casa e diziam: lá é Maria, lá não é Maria, e no final da eleição, o resultado fechou. Foi uma campanha linda, maravilhosa!

Em relação às dificuldades que Maria enfrentou na sua gestão, por ser um município pequeno e muito pobre, não tinha verba, *"tinha que medir tudo"*. Em seu depoimento, Maria afirma:

eu tinha um secretário, que era sobrinho do meu marido, muito pão duro. Na hora de ver as notas que tinha que pagar ele botava a mão na cabeça e [se] desesperava, e dizia que não podia ter feito [aquela despesa], mas eu já tinha feito e ele tinha que dar um jeito de pagar. Era assim, sempre foi muito difícil, eu sempre pedia 'Deus do céu, como é que faço amanhã?'

Maria conta que os filhos passaram muito trabalho, as pessoas batiam na porta da sua casa, diariamente, para pedir coisas, e os filhos tinham que atender, tinham que ajudar. Na época não tinha rádio e, por exemplo, se precisavam de um carro para levar a mãe doente para o hospital, batiam na sua casa. Quando não tinha carro da prefeitura disponível, ela telefonava para um taxista pedindo que ele levasse as pessoas. Indagada sobre quem fazia os trabalhos domésticos enquanto foi prefeita, Maria respondeu que tinha uma mulher, "a Dete", que trabalhou com ela muito tempo, ajudou-a muito.

Maria lembrou que, com a nova Constituição, em 1989, começaram as dificuldades jurídicas, principalmente em relação

à transparência. As verbas passaram a vir todas "vinculadas", 25% para a Educação, 10% para a Saúde, e assim por diante.

Por exemplo, não se podia mais ir, simplesmente, para Florianópolis comprar uma caçamba. Tivemos que contratar alguém do jurídico para dar conta. A relação com a Câmara de Vereadores também foi difícil, eram cinco da oposição e quatro da situação, e nenhuma mulher. Foi complicado, mas eles sempre acabavam votando nas coisas necessárias para o município.

Conforme, ainda, depoimento de Maria,

eles me ouviam, o cara tinha que ter muito preparo para chegar e bater de frente comigo, porque eu tinha o povo do meu lado, estava fazendo o hospital, investindo em educação, atendendo o pessoal carente, a infraestrutura. E na área social foi um grande projeto, tínhamos oito grupos de mães, a prefeitura comprava os tecidos e as linhas e dava para as mulheres dos grupos.

Maria recorda que recebeu verba estadual. Na época, o governador era o Paulo Afonso, do PMDB. Sua filha Eliane trabalhou como secretária da Educação e a ajudou a elaborar projetos para arrecadação de verbas. Conta Maria que, por exemplo, houve um curso de nutrição para os clubes de mães e para os professores nas escolas, de reaproveitamento de comida; e até a compra de um trator agrícola, por meio da elaboração de um projeto.

Para beneficiar as mulheres, Maria construiu três creches de tempo integral, Escolas Multisseriadas em localidades do interior do município, implementou transporte público e transporte escolar. De acordo com ela, *"eu ganhei um ônibus, do ex-deputado Rivaldo Macário, fizemos um projeto para o governador, em Florianópolis, e ganhamos um daqueles ônibus canadenses, mais que alegria, ó beleza, aquele ônibus era uma festa"*. O SUS também foi implementado na cidade na sua gestão.

Maria foi prefeita de Bom Jesus da Serra de 1989 a 1992 e, findo o seu mandato, não quis se reeleger porque "estava muito cansada, foram quatro anos no martelo, ali!". Em 1996, candidatou-se novamente a prefeita, mas perdeu para o candidato opositor.

Fiz uma boa administração, que até hoje ainda é louvada, mas não ganhei. Eu era chamada de Mãe Maria, Mãe do Povo, e o pessoal mais carente tinha esperança que eu ganhasse. A gente perdeu por pouco, mas perdeu. Tinha compra de voto, era muito dinheiro envolvido, da oposição.

Questionada sobre o seu legado e sobre o que mais se orgulha da sua gestão, Maria respondeu que tem orgulho de tudo,

mas a construção do Terminal Rodoviário Municipal era um sonho meu, e funcionou! Era um município pequeno, e foi suado, era comprar cimento hoje, porque o dinheiro só dava para trabalhar amanhã, muito difícil! Essa rodoviária foi meu último fluxo de sangue. Pus o nome do meu pai nela: Rodoviária Basílio Alberto Zandonadi.

Infelizmente, por causa da pandemia ficou desativada, e agora, nas dependências dela, funciona o Corpo de Bombeiros.

O recado que deixa para as meninas e mulheres que querem se candidatar a prefeita é: "Comprometimento! Tem que ter em tudo, se não tiver, a barra cai e você não continua, porque você não se comprometeu. O [que] fazer diante da oposição? Teimar. Eles dizem que não dá, você diz que dá. Era assim que nós andávamos...".

MUNICÍPIO DE CAMBORIÚ

LUZIA LOURDES COPPI MATHIAS



Luzia Lourdes Coppi Mathias foi prefeita da cidade de Camboriú, de 2009 a 2012 (PSDB), e reeleita para a gestão de 2013 a 2016 (PSDB). É formada em Direito pela FEPEVI20. Atuou como advogada no ramo imobiliário por muitos anos. Foi secretária de Administração, Saúde, e Assistência Social do Município de Camboriú. Em 2016, assumiu a presidência da Federação Catarinense de Municípios – FECAM, e, em 2010, foi a primeira mulher a dirigir a Associação dos Municípios da Região da Foz do Rio Itajaí – AMFRI.

Luzia Lourdes Coppi Mathias nasceu em 1962, na localidade de Cedro, município de Camboriú, SC, do qual foi prefeita, por duas vezes, de 2009 a 2016, e de 2013 a 2016. Filha de agricultores, seu pai trabalhava na roça, plantando arroz na zona rural de Camboriú, e sua mãe era do lar, cuidava dos seis filhos. Luzia é a sexta filha, cursou o Ensino Fundamental na Escola Amadio Dalago, uma escola de séries iniciais, e complementou sua formação Colégio José Arantes, que existe até hoje na cidade de Camboriú. Desde pequena, Luzia dizia que queria ser advogada, *"mas ser advogada para a família pobre naquela época é como hoje dizer que quer fazer medicina"*. Quando chegou o segundo grau, juntaram-se três meninas (colegas) e foram até o Colégio Agrícola, na época, extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, solicitar matrícula. Conforme depoimento de Luzia:

Só estudavam meninos lá, não tinha meninas. *Chegamos na direção e falamos, 'a gente quer se matricular, fazer o seletivo'. O doutor Jorge disse, 'mas aqui não tem menina, é internato, não tem como vocês dormirem aqui'. Eu disse, mas onde é que está escrito, que aqui só pode estudar menino? 'Não, não pode', 'pode sim'. Na época, as meninas disseram: 'ela vai ser advogada mesmo'. Eu disse, 'ou o senhor me mostra, ou eu vou recorrer'. E, de fato, não estava escrito em lugar nenhum, era só um costume, que em colégios agrícolas só estudavam meninos. E nós três, Luciana, Idalete e eu, fomos as três primeiras meninas a estudar no Colégio Agrícola. Nunca fomos tratadas com tanto carinho pelos meninos, que eram filhos de agricultores que vinham do interior do estado fazer o técnico em agricultura. Então, eu fiz o primeiro ano com muito custo, as três dormíamos na casa do meu tio João, que ficava em frente ao Colégio, estudávamos o dia todo e tinha o trabalho na roça, que era a prática do curso.*

No terceiro ano, Luzia voltou para o Colégio José Arantes, prestou vestibular na UNIVALI²¹, a antiga FEPEVI. Na época, havia duas opções: Direito ou Estudos Sociais, e, se passasse em Estudos Sociais, podia mudar para Direito. Passou em Estudos Sociais, e depois de dois anos entrou para o Curso de Direito. A Faculdade era paga, por isso sempre trabalhou de doméstica, de babá, em loja de calçados, foi camareira do Hotel Fischer (Balneário Camboriú) por três temporadas para poder pagar a faculdade. De acordo com Luzia:

No meio da faculdade arrumei um namorado, e engravidei. A mãe ainda brincou, 'na tua faculdade não tem matemática?!' Eu disse, 'não tem mãe, por isso me perdi'. Mesmo grávida, com todas as dificuldades, casei-me, ganhei a minha Maysa, linda, maravilhosa, me formei em Direito e advoguei por 20 anos com muito sucesso, mais voltada para o ramo imobiliário.

Luzia entrou na política como cabo eleitoral de Andrônico Pereira Filho, que foi prefeito de Camboriú (MDB), de 1983 a 1989, e quando ele foi eleito, a convidou para ser secretária de Administração. Também foi secretária do partido e, na sequência, a primeira mulher presidente do MDB de Camboriú. Na época, tinha somente 22 anos de idade, e como a cidade tinha uma estrutura pequena, acumulou as funções de secretária da Saúde e secretária de Assistência Social. Sempre gostou de política, e depois de 20 anos advogando em Itapema e região, no ramo imobiliário, resolveu dar um tempo e comprou uma casa em Camboriú, com o propósito de candidatar-se a prefeita da cidade. Luzia candidatou-se por quatro vezes, e só ganhou na quarta eleição, sendo prefeita da cidade de 2009 a 2016, *"de uma maneira muito honrosa"*.

Quando quis se candidatar a prefeita, o MDB não permitiu que ela participasse da convenção, porque já tinham outro candidato. Luzia saiu do MDB e está no PSDB até hoje. Venceu a primeira eleição, em 2008, assumiu em 2009 e reelegeu-se em 2012. Suas campanhas eram feitas *"na rua, que é uma prática em Camboriú, o candidato tem que visitar as casas"*. Perguntada se recebeu algum apoio financeiro para as campanhas, respondeu: *"não, nunca recebi recursos do partido. Nem sabia que existia fundo partidário. Minhas campanhas sempre foram com os nossos próprios recursos, dos amigos fazendo camiseta e adesivos de noite até madrugada"*.

Na primeira gestão, o foco foi o planejamento urbano; no plano diretor, na mobilidade; em Unidades de Saúde, nos bairros; na organização administrativa das secretarias, e na construção da identidade de Camboriú, que até então tinha sido uma "cidade dormitório". Na época, havia o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), e mesmo sendo do PSDB, Luzia conseguiu levar dinheiro para o município porque sabia fazer projetos. Pavimentou mais de 300 ruas da cidade, transformou um bairro, que era considerado perigoso, por causa do índice de criminalidade. Luzia afirma:

Onde o poder público chega com os serviços públicos, você diminui a criminalidade. As pessoas não ficam mais tão doentes, aumenta a educação, diminui a criminalidade. Levei escola, unidade de saúde da família, creche, ginásio de esporte, áreas de lazer para várias localidades do município e baixou o índice de criminalidade.

Na segunda gestão, seu dia tinha 18 horas de trabalho. Levou a prefeitura para os bairros, levava toda a equipe, médico para atender a saúde, supervisionava a educação, levava o Conselho Tutelar para atender as mães e as crianças, delegacia, polícia civil e militar, fazia a limpeza do bairro. Fazia um mutirão com todos os órgãos no ginásio de esporte, atendia aquela comunidade. No primeiro mandato, havia três mulheres na Câmara de Vereadores que apoiavam Luzia; no segundo mandato, havia duas mulheres que a apoiavam e uma que era de oposição. Sofreu calúnias, desqualificação e tentaram atacar o seu casamento, dizendo que ela tinha amante porque viajava para Brasília com frequência, para pedir recursos. Luzia tem uma filha, que nasceu em 1984, e depois de 10 anos adotou um menino. Sua mãe sempre foi o suporte no cuidado com os filhos, enquanto exerceu sua função de advogada e, depois, como prefeita, contou com a ajuda da irmã.

Em relação às mulheres, Luzia as chamou para ocuparem a pasta da Saúde, da Educação, da Assistência Social, e o controle do orçamento interno. Construiu creches para as mulheres poderem trabalhar, introduziu cursos profissionalizantes, como corte e costura, manicure, cabelereira; curso para gestantes com a participação de médico ginecologista, obstetra e enfermeira. Gerou empregos na cidade, para lá levou indústrias, proporcionou qualificação profissional, enfim, melhorou a qualidade de vida das mulheres. O município possui CRAS²² e CREAS²³, foram investidos recursos em segurança pública, "trazendo a polícia mais próxima do cidadão", investiu

22 Centro de Referência em Assistência Social.

23 Centro de Referência Especializado em Assistência Social.

no Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (PROERD), nas escolas. Em relação à saúde, foram construídas nove Unidades Básicas, feitas campanhas de vacinação, ginástica nos bairros para a terceira idade e saneamento básico. Indagada sobre o principal legado, Luzia respondeu:

Eu sempre fui muito respeitosa com as pessoas, sempre fui de ouvir as pessoas, eu gosto de estar próxima das pessoas. Esse é o grande segredo do gestor público, o meu grande legado foi ter respeito pelas pessoas, estar presente na prefeitura, acompanhar as obras, deixar que as pessoas conversassem comigo em qualquer ambiente, ouvi-las, eu acho que isso marcou muito a minha vida.

Em 2010, foi a primeira mulher a dirigir a Associação dos Municípios da Região da Foz do Rio Itajaí (AMFRI) e, em 2016, assumiu a presidência da Federação Catarinense dos Municípios (FECAM).

Como mensagem final para as meninas e mulheres, Luzia diz:

Nada neste mundo transforma mais o mal no bem do que a política. Se você deseja fazer um bem, [...] se existe algo que faz você fazer uma passagem por esta vida com alegria, é você assumir um cargo eletivo e, especialmente, no poder executivo, e fazer isso com responsabilidade, o nosso país é democrático, tem que ter a política partidária, então escolha um partido. [...] não passe por esta vida sem passar por um cargo público, que é maravilhoso, e quem não passa não tem o direito de reclamar. Você tem que participar! E só vai melhorar ainda mais, quando os bons saírem da cadeira e disserem, 'sai daí que agora esse lugar quem vai sentar sou eu.' E isso está na mão da juventude, [...] estamos nas mãos dos jovens e das mulheres. Na minha visão.

MUNICÍPIO DE CAMPO ALEGRE

ALICE BAYERL GROSSKOPF



Alice Bayerl Grosskopf foi prefeita de Campo Alegre na gestão 2021 a 2024 (PMDB). Já tinha sido vice-prefeita em 2008 e, em 2004, foi a vereadora mais votada do município. É técnica em contabilidade, casada e mãe de três filhos. Membro da Rede Feminina de Combate ao Câncer, foi presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), do Lions Clube, da Sociedade Amigos de Campo Alegre e da Fundação Educacional de Campo Alegre (FECAMPO).

Alice Bayerl Grosskopf nasceu em 1960, na cidade de São Bento do Sul, SC, a poucos quilômetros de Campo Alegre, SC, onde foi prefeita. Filha de pai operário e mãe dona de casa e agricultora. Tem ascendência alemã e italiana. Alice e a irmã mais nova estudavam inicialmente numa escola privada de Irmãs, chamada São José, porém precisaram ser transferidas ao ensino público, por questões financeiras, onde terminou seus estudos. Fez o curso de Técnico em Contabilidade. Para além da ajuda aos pais em casa, com vacas de leite e as plantações que possuíam, Alice entrou no mercado de trabalho aos 16 anos, já na área de contabilidade, na fábrica de chocolate na qual o pai trabalhava, a empresa Buschle Irmãos, onde ela trabalhou por 8 anos, até se casar, em 1981, com Geraldo Carlos Grosskopf. Mudou-se para Campo Alegre no ano de 1993, quando seu sogro, Leopoldo Grosskopf, foi eleito prefeito na cidade de Campo Alegre, pois seu esposo foi trabalhar com o seu pai na prefeitura. Na época, Alice e Geraldo tinham um filho chamado Fernando

e uma filha chamada Camila. Em 1994, já em Campo Alegre, nasceu Fabiane, a caçula. Em 1996, a família conseguiu inaugurar um escritório de contabilidade em Campo Alegre.

Alice dedicou-se muito ao voluntariado, iniciando essas atividades no Clube de Idosos “Amor e Esperança”, que estava em construção em 1994, participando da idealização, organização, inauguração e desenvolvimento da associação. Foi presidente da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), Lions Clube, da Associação de Combate ao Borrachudo, Sociedade Amigos de Campo Alegre e da Fundação Educacional de Campo Alegre (FECAMPO). Membro da Rede Feminina de Combate ao Câncer. Esteve sempre muito envolvida com a comunidade.

Entrou na política no ano de 2004, foi convidada pelo, na época, Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), para candidatar-se a vereadora pelo partido. Campo Alegre tinha, então, cerca de 10.074 habitantes (IBGE, 2010). Começou sua trajetória na política por querer representar os Clubes e Associações de Campo Alegre. Fez sua campanha conversando com os membros das Associações e Clubes, foi na casa dos eleitores, falou de suas propostas e ouviu suas ressalvas. Assim, conseguiu se eleger já em 2004, como a vereadora mais votada de Campo Alegre. Foi presidente da Câmara dos Vereadores, onde, representando a comunidade, conseguiu, com os demais vereadores, aprovar muitos projetos.

Mais tarde, foi convidada pelo mesmo partido a concorrer como vice-prefeita de Vilmar Grosskopf, no ano de 2008. Aceitou o convite e realizou a campanha como anteriormente, mas, desta vez, com a ajuda de Vilmar, que também foi ao encontro da comunidade. Venceram a eleição e fecharam uma parceria, dividindo as responsabilidades para com a prefeitura e com a comunidade. Após esse mandato, afastou-se da política por 8 anos.

Depois do período afastada, em 2020, foi convidada pelo MDB a ser candidata a prefeita de Campo Alegre, em meio à

pandemia de Covid-19. A campanha, agora, para além das visitas nas casas, passou a ser realizada também nas redes sociais. Alega ter sido bem difícil em meio à pandemia, por estar no grupo de risco e querer estar em contato com os munícipes. Participou da coligação Campo Alegre no Caminho Certo. Alice Bayerl Grosskopf foi a primeira mulher a ser eleita prefeita em Campo Alegre.

O município, em 2020, tinha cerca de 11.981 habitantes (IBGE, 2020). Sobre seu mandato como prefeita, Alice diz: *"o plano de governo que a gente elaborou em 2020, que a gente tem, graças a Deus, eu sempre digo, praticamente ele está 99% cumprido"*. No município, foram realizados investimentos na área da saúde e da educação, com reformas, contratação de profissionais e compra de novas tecnologias. Ela orgulha-se muito das obras de construção de quase 10 quilômetros de asfalto que liga Campo Alegre a Fragosos – distrito do município. Junto aos vereadores, conseguiu implantar a Procuradoria da Mulher, em conjunto com municípios vizinhos.

Sobre as dificuldades que enfrentou como prefeita, Alice diz ter sofrido algumas críticas e ofensas, tanto na sua campanha, quanto durante o seu mandato, além de, muitas vezes, sentir o julgamento por ser uma mulher em uma posição de poder e autoridade. Mas acrescenta que sua resposta sempre foi continuar fazendo um bom trabalho, se fazendo presente nos projetos, reuniões, obras e comunidade, para além de apenas utilizar a sua assinatura, pois gosta de conferir, de checar e de acompanhar tudo de perto. Para encerrar, Alice encoraja as mulheres a se colocarem na política, pois, de acordo com ela, mesmo que não seja fácil, os cargos eletivos são um direito conquistado pelas mulheres através de muitos obstáculos e muitas lutas. Sendo assim, as mulheres merecem ocupar todos os lugares: *"assim, maravilhoso que vocês se interessem, porque nós podemos ser tudo isso e muito mais"*.

MUNICÍPIO DE CAMPO BELO DO SUL

CLAUDIANE VARELA PUCCI



Claudiane Varela Pucci foi prefeita de Campo Belo do Sul, SC, na gestão 2021 a 2024 (PP). Em 2016, foi a vereadora mais votada do município, e única mulher na Câmara de Vereadores. Foi Agente de Saúde, formou-se como Técnica em Enfermagem e atuou como secretária de Saúde. Sua campanha pelo PP iniciou com o slogan "Claudiane da Saúde", mas logo mudou para #EuVouComElas, pois a candidata a vice-prefeita era Ilzete Pinheiro Tessaro, outra mulher (PSDB). As candidatas venceram com 37,95% dos votos válidos, tendo derrotado três chapas compostas por homens!

Claudiane Varela Pucci nasceu em 1978, na cidade de Campo Belo do Sul, SC, a mesma da qual é Prefeita. O município tem em torno de 7.257 habitantes (IBGE, 2022a). De classe média, sua mãe era professora e seu pai comerciante do ramo da alimentação (panificadora, churrascaria, supermercado e pizzaria). A família, de origem italiana, é composta pelo pai, mãe e três irmãos, e sempre morou no centro da cidade de Campo Belo. Enquanto os pais trabalhavam, suas tias maternas tomavam conta dela e de seus irmãos, que são muito unidos. Claudiane também tem uma ligação muito forte com o avô, em quem se inspirou para entrar na política, lembrando, quando era criança, já o acompanhava em suas campanhas.

Claudiane e os irmãos tiveram fácil acesso à educação, moravam perto da escola. No primeiro ano do Ensino Médio, transferiu-se para um colégio de Lages SC, cidade vizinha. Logo após terminar o Ensino Médio, iniciou o Magistério em Campo Belo do Sul. Aos 18 anos,

casou-se e, aos 19 anos, teve sua filha, ao mesmo tempo que prestava o primeiro processo seletivo do Programa de Saúde da Família, no qual ficou bem classificada e lhe possibilitou assumir o cargo de agente comunitário da saúde. Um ano e meio depois, ela, o marido e a filha mudaram-se para Chapecó, onde cursou Técnico em Enfermagem.

Após sua formação, Claudiane e a família retornaram a Campo Belo do Sul. Nesta cidade, ela iniciou seu trabalho como técnica de enfermagem no Posto de Saúde Central do município, a convite do sogro, que era prefeito na época (2012). Depois disso, tornou-se assessora da saúde e, tempos depois, secretária da saúde por 4 anos.

Após seu quarto ano na Secretaria de Saúde, voltaram para Chapecó, onde estudava e trabalhava. Neste período, ela e o marido, que era caminhoneiro, mantinham o plano de retornarem à cidade após a aposentadoria. O sogro de Claudiane também seguia carreira política, tendo sido vice-prefeito, vereador e três vezes prefeito. Foi dele, que, em 2016 – quando concorria ao cargo de prefeito –, surgiu o convite para ela se tornar candidata a vereadora: *"olha, a gente tem feito reunião, com o partido, com o diretório executivo, enfim. E eles estão pedindo para que você venha, porque a gente precisa de você aqui"*.

Claudiane levou em consideração a vontade de contribuir com o desenvolvimento de Campo Belo do Sul, e decidiu retornar, para candidatar-se ao cargo de vereadora, com o apoio um pouco inseguro do marido, inicialmente. Os dois começaram, então, a organizar-se para fazer a mudança. Foi quando se iniciaram os desafios de sua candidatura: ela e a família chegaram ao município um dia antes do prazo final que tinha para poder concorrer. Mesmo com o seguro-desemprego, passaram por algumas dificuldades durante este período de 6 meses.

Ela, entretanto, focou seu objetivo, confiou em seu potencial e começou a sua campanha pelo Partido Progressista como "Claudiane da Saúde." Fez coligação com a "Campo Belo de Volta ao Progresso", que era formada por candidatos dos partidos PP,

PDT²⁴, PT e PSDB. Claudiane considera que um de seus maiores medos era que os munícipes não lembrassem do trabalho que havia prestado na área da saúde, pois não concorda com a compra de votos, não tinha dinheiro para investir em sua campanha e o partido oferecia apenas alguns papéis com sua foto e a propaganda da candidatura, alguns adesivos e o dinheiro referente ao pagamento do advogado e contador, que foi dividido entre os candidatos.

Realizou sua campanha indo de porta em porta, visitando os eleitores do interior do município, para se apresentar, falar sobre sua trajetória e seus planos. E se surpreendeu com a recepção dos eleitores. Seguiu a campanha com as visitas, quatro carros plotados na cidade, alguns adesivos a mais que ela e o marido conseguiram comprar e a ajuda de alguns empresários que demonstraram apoio à sua campanha.

Foi eleita no ano de 2016 como vereadora, tendo sido a candidata mais votada do município. Entrou na Câmara dos Vereadores sendo a única mulher eleita e sem muitos apoiadores. Colocou seu trabalho em prática por meio da idealização de projetos, organizando-se com as emendas parlamentares junto à sua bancada no Governo Federal. Dois anos após sua eleição, tornou-se primeiro vice-presidente e, depois, presidente da Câmara de Vereadores.

Ao final de seu mandato como vereadora, o objetivo de Pucci era a reeleição. Iniciou sua campanha no mesmo estilo citado anteriormente. Porém, faltando 16 dias para a eleição, a chapa de seu Partido foi impugnada devido a alguns problemas dos candidatos com o Tribunal de Contas. Sendo assim, o Partido precisaria apresentar outros candidatos, ou desistir de concorrer naquele ano.

A partir daquele momento, Claudiane começou a receber muitas ligações de pessoas do Partido que pediam que ela substituisse o sogro (um dos candidatos impugnados), como candidata a prefeita: *"Tem que ser você, e seu Firmino tem que te indicar"*.

Foi então, que precisou decidir se iria concorrer como prefeita, ou continuaria a sua campanha como vereadora.

Apesar de receber alguns conselhos sobre garantir sua reeleição, decidiu que, se o Partido quisesse que ela concorresse, ela iria concorrer: *"Tá, mas o não eu já tenho. Quem vai me garantir que eu vou ser eleita como vereadora?"*. Dirigiu-se à reunião do Partido, que decidiria os candidatos e, por meio do voto dos presentes, foi decidido que ela iria ser a candidata a prefeita.

Após a decisão de quem seria a candidata a prefeita, era necessário saber quem seria a candidata a vice. Essa decisão iria ser tomada pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), pois o candidato a vice da chapa anterior era filiado a ele. Receberam a notícia de que a candidata escolhida pelo PSDB seria Ilzete Pinheiro Tessaro, que já havia sido vereadora pelo Partido no ano de 2012: *"Duas mulheres, como eu já te falei, cidade machista com 15 dias"* e ela pensou, *"não vai dar!"*, mas ela já tinha se comprometido com o partido.

Começou sua campanha novamente, pediu ajuda dos membros do Partido para a divulgação e, aos poucos, foi recebendo apoio, nas redes sociais, com a campanha #EuVouComElas, onde os eleitores postavam vídeos com depoimento de como Claudiane e Ilzete haviam lhes ajudado e como foi feito um ótimo trabalho na saúde, como vereadoras e, no caso de Ilzete, na assistência social. *"Foi assim, ó, acho que a coisa mais linda que eu vivi"*. Após os 15 dias de campanha, o resultado foi a eleição das candidatas com 37,95% dos votos válidos, tendo derrotado 3 chapas compostas por homens. Foi a primeira prefeita eleita, numa eleição difícil, entrando para a história do município, o que lhe causa muita emoção e orgulho.

Suas principais dificuldades como prefeita foram as reformas estruturais e burocráticas que foram necessárias, pois foi preciso reorganizar a prefeitura, desengavetar projetos importantes em torno da educação e da saúde, construir uma parceria sólida com os

governos Estadual e Federal, para maiores investimentos no município, reorganizar a administração interna da prefeitura, e se impor como autoridade no meio parlamentar e social.

Claudiane tem como legado os investimentos na educação, pois nucleou 9 escolas em uma, reformou a administração e a estrutura, reforçou o lanche escolar e implantou o transporte escolar terceirizado. Na saúde, reformou os postos, inseriu uma quarta equipe de agentes comunitários, investiu no transporte às cidades vizinhas e no hospital filantrópico para novos procedimentos. Na proteção das mulheres e crianças, promoveu algumas palestras junto ao CRAS, assistência social, assistência psicológica e a ouvidoria. No município também existe um abrigo que recebe as vítimas de violência doméstica e abuso sexual.

Pretende candidatar-se à reeleição, com o intuito de continuar o trabalho que começou, porém terá um novo vice por alguns problemas de saúde que impedirão Ilzete de se candidatar. Às mulheres, Claudiane deixa o seguinte recado:

Então digo para as mulheres isso, acreditem em si, acreditem demais nos seus sonhos, que a gente chega longe. [...] Eu falo que a política em si, ela é linda, que a política é o bom atendimento, a política é o fazer bem para as pessoas, sim, é ser político, é ter um olhar diferenciado, é buscar fazer o bem para todo mundo. E a gente sabe que a mulher, ela é mais sensível, a mulher tem um sentimento além e tem tudo para dar certo. Então acredite, sim, nos seus sonhos, que a gente vai longe.

MUNICÍPIO DE CAMPO ERÊ

ROZANE BORTONCELLO MOREIRA



Rozane Bortoncello Moreira é prefeita da cidade de Campo Erê: seu primeiro mandato foi de 2021 a 2024 (PT), sendo reeleita para a gestão de 2025 a 2028 (PT). Foi vereadora do município de 2017 a 2020. Atuou na rede municipal de ensino por 25 anos como professora, diretora e secretária municipal de educação. É formada em Pedagogia pela Unioeste²⁵ e em Letras pela Uniasselvi²⁶. Possui Especialização em Ensino Fundamental, Educação Infantil e séries iniciais, pela Unochapecó²⁷, Especialização em Gestão Escolar, pela UFSC, e Mestrado em Práticas Transculturais pela Unifacveste.

Rozane Bortoncello Moreira nasceu em 1976, em Jupiá, Santa Catarina, e atualmente é prefeita do município de Campo Erê. Filha de agricultores, eram três filhas mulheres, o pai e a mãe trabalharam a vida toda na roça, teve dificuldade de estudar, porque na cidade onde eles moravam não tinha Ensino Médio. Quando Rozane terminou o Ensino Fundamental, teve que morar com uma tia, em Campo Erê, para continuar os estudos. De acordo com o depoimento de Rozane:

minha tia, a irmã do meu pai, morava em Campo Erê, e quando vinha nos visitar percebia a minha vontade de estudar, de dar prosseguimento numa profissão diferenciada dos meus pais. Então ela ofertou a possibilidade de eu morar na casa dela para fazer o Ensino Médio.

25 Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

26 Centro Universitário Leonardo da Vinci.

27 Universidade Comunitária da Região de Chapecó.

Em Campo Erê, Rozane trabalhou em um mercado e, depois, em um hospital durante o dia, enquanto completava os estudos no período noturno, até se formar no Magistério.

Quando estava terminando o Ensino Médio, Rozane se inscreveu em um concurso para professora de Ensino Fundamental na rede estadual e foi chamada. Ficou em dúvida se deveria assumir, mas sua professora de Magistério a encorajou, dizendo: *"vai sim, nunca mais vai faltar trabalho para você, porque você tem muita garra, muita vontade, muito compromisso com aquilo que faz"*. Rozane trabalhou um ano naquela Escola e, em seguida, prestou concurso na rede municipal, passou em primeiro lugar, e foi chamada para trabalhar em uma comunidade do interior de Campo Erê, bem pobre, muito distante. Era uma escola multisseriada e, conforme depoimento de Rozane:

Eu tinha 18 anos [...] fui lá conhecer a escola, conversar com as pessoas da comunidade e encontrar um lugar para morar. Foi bem difícil, ninguém me conhecia, e as pessoas não queriam dar pensão, até que o presidente da APP da escola e a esposa me cederam um espaço na casa deles.

Rozane conta que a experiência foi bem interessante. Ela trabalhava 40 horas, com duas turmas de manhã e duas à tarde e, no tempo que restava, organizou o entorno da escola, com jardim e horta. Trabalhou um ano nesta escola e, em seguida, a secretária municipal de educação a convidou para assumir a primeira escola nucleada da história do município, que foi um desafio. Juntava duas ou três comunidades menores e levava todos os alunos para um núcleo. Rozane foi a primeira professora de escolas nucleadas do município de Campo Erê.

Depois de um ano, Rozane foi convidada para assumir a direção de uma escola, num bairro periférico da cidade, com muitos problemas: socioeconômicos, indisciplina, interferência dos pais, conflitos, agressões e brigas. Segundo depoimento de Rozane: *"eu era muito nova ainda, mas encarei o desafio"*. Ela foi construindo sua carreira

na área da Educação, fez Faculdade de Pedagogia pela UNIOESTE, em Francisco Beltrão, no Paraná, a 45 quilômetros de Campo Erê. Em seguida, fez Pós-Graduação em Ensino Fundamental, em São Lourenço do Oeste, pela UNOCHAPECÓ, e cursou Letras (Ensino a distância) pela UNIASSELVI. Quando foi chamada para ser diretora pela primeira vez, fez uma Pós-Graduação em gestão escolar pela UFSC (Ensino a distância) e participou de uma capacitação ofertada pelo Núcleo de Formação Continuada (NUPE) da UNISINOS²⁸, no Rio Grande do Sul. Quando foi vereadora (2017-2020), fez mestrado em Lages, na UNIFACVESTI, em Práticas Transculturais, e o seu projeto de pesquisa (Dissertação) foi sobre a Educação Financeira na Infância e na Adolescência. Na época, Rozane trabalhava na escola, era vereadora e fazia Mestrado, tudo ao mesmo tempo, o que afetou sua saúde. Teve ajuda de uma moça e do marido para criar suas duas filhas que, atualmente, estão com 19 e 13 anos de idade.

No ano de 2012, foi chamada para assumir a Secretaria Municipal de Educação, e seu desafio foi administrar financeiramente a gestão escolar. Depois de quatro anos na Secretaria, no início de 2015, foi convidada pelo então prefeito de Campo Erê para ser candidata a vereadora pelo PT. Conforme depoimento de Rozane:

Eu pensei: uma professora nunca se elegeu, professora não era das alas tradicionais que sempre ganhavam as eleições: sempre homem, de meia idade, envolvidos com o agronegócio, da alta sociedade. Então, eu fui para contribuir com o prefeito, e comecei a organizar um grupo de mulheres para serem as multiplicadoras na minha campanha, porque, como não tinha dinheiro [não recebeu apoio financeiro do partido], tenho que me aliar com pessoas para me ajudar a multiplicar a ideia.

Aos poucos, Rozane conseguiu agrupar 30 mulheres, que se reuniam semanalmente para conversar sobre as estratégias de campanha. Conforme depoimento de Rozane,

quando o partido me convidou para ser candidata, eu falei que queria condição igual a todos os outros e perguntei se acreditavam mesmo que eu podia ser vereadora, ou só estavam me convidando para me preencher a cota dos 33%. E aí as pessoas foram aderindo, e eu fui a vereadora mais votada da história do município.

Logo em seguida, no ano de 2020, foi convidada a se candidatar como prefeita, também pelo PT, e, no entender de Rozane, *"aqui no município o agronegócio é forte, e essa questão do machismo, do antiPT é muito intensa aqui, e nós quebramos todos os paradigmas: a primeira mulher prefeita no município, professora, pobre e do PT".* Durante a campanha, Rozane sofreu calúnias, preconceito em relação à forma de se vestir, machismo, frases como: *"só o que falta, nós ser mandado por uma mulher"; "ela tem os votos, mas quem vai decidir somos nós, porque mulher não tem estratégia política".* Ela conta que *"arrumaram até um amante para mim".*

Seu principal legado é *"uma gestão mais humana, mais perto das pessoas, com obras que pensam nas pessoas".* No momento da entrevista, estava sendo construída uma creche de tempo integral no valor de dois milhões de reais. O município tem uma fábrica de produtos de costura que emprega mais de 600 mulheres, e elas necessitam a vaga em tempo integral na creche. As escolas foram reformadas, três escolas de Educação Infantil ampliadas, foram construídas mais salas de aula para aumentar as vagas em tempo integral. Na mesma ocasião, um ginásio poliesportivo gigantesco estava sendo construído e valorizado, uma obra que vai ultrapassar os 3 milhões de reais, que estava parada há mais de 10 anos. O esporte está sendo reavivado, as escolinhas de contraturno foram reativadas: patinação, inglês, dança, badminton, futebol, futsal, artes. Os campeonatos foram reativados e, conforme depoimento de Rozane: *"eu percebo que Campo Erê está vivendo um tempo mais feliz em virtude dessas atividades de integração, do esporte e da educação; a gente escuta das pessoas que Campo Erê está vivendo um outro tempo!".* Estradas

foram asfaltadas e pavimentadas, foi feito calçamento que tem conferido um visual mais bonito para a cidade.

Em relação à valorização das mulheres, Rozane conseguiu eleger mais duas mulheres do PT como vereadoras, colocou mulheres nos cargos da linha de frente da prefeitura, entre elas a chefe de gabinete e nas secretarias de saúde, de educação e de assistência social; o movimento das mulheres camponesas, que há muitos anos estava desativado no município, foi reativado; existe o Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (COMDIM), o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) e o Centro Especializado de Referência em Assistência Social (CREAS).

Em 2024, Rozane foi reeleita prefeita, elegeu três mulheres vereadoras mulheres pelo PT e uma do PSB, também da sua coligação. Ou seja, a coligação que reelegeu Rozane elegeu mais 4 mulheres vereadoras. A primeira vez na história que o legislativo municipal de Campo Erê contará com 4 mulheres eleitas. Isso é a prova que mulher líder encoraja e empodera mulher.

Como mensagem final, Rozane convida as mulheres a participarem da política:

Saibam que o mundo precisa do nosso conhecimento, da nossa sensibilidade, da nossa forma feminina de governar e de enxergar as políticas públicas. Eu sou um exemplo vivo de que não precisa ser rica, não precisa ter família com tradição política para ser candidata e ser eleita. É preciso, sim, muita vontade, coragem, compromisso com o seu povo, com o seu lugar. Precisamos ser fortes para enfrentar o machismo que ainda existe. Mas o mundo precisa de nós e todas as mulheres podem, basta querer, se encorajar! As mulheres podem chegar onde elas quiserem!

MUNICÍPIO DE CUNHA PORÃ

LUZIA ILIANE VACARIN



Luzia Iliane Vacarin é a primeira prefeita mulher do município de Cunha Porã. Seu primeiro mandato ocorreu de 2010 a 2012 (PSDB), em substituição ao então prefeito, que foi cassado. Em 2020 candidatou-se novamente, e obteve a maior votação da história do Município, para o mandato 2021 a 2024 (PSDB), sendo reeleita para a gestão de 2025 a 2028 (PSDB). É formada em Informática, com especialização na área, pela UFSC. Já atuou como professora de informática, e atua como empresária até os dias atuais.

Luzia Iliane Vacarin nasceu em 1975, na cidade de Cunha Porã, a mesma da qual é prefeita e que possui, atualmente – 2024 –, em torno de 11 mil habitantes. De família simples, sua mãe era dona de casa e seu pai, apesar de ter sido agricultor, foi uma liderança na cidade, fundador da cooperativa e do banco de Cunha Porã. Ele participava de muitas reuniões e a pequena Luzia sempre o acompanhava, atenta ao que discutiam. A família morava ao lado do Colégio onde Luzia cursou o Ensino Fundamental e Médio, e o seu maior sonho era continuar estudando. Casou-se pela primeira vez aos 16 anos de idade porque engravidou de sua filha (atualmente com 30 anos de idade), e no pequeno município em que morava *"se engravidou, tem que casar!"*. O sonho de estudar e tornar-se arquiteta foi interrompido porque *"com um bebezinho, morando com o pai e a mãe, não tinha como estudar"*.

Depois de alguns anos, formou-se, com muito esforço, em Informática: trabalhava como estagiária em uma agência bancária,

chegava em casa meia-noite da faculdade, dormia até umas três, quatro horas da manhã, e colocava o despertador para fazer os trabalhos da faculdade, porque às sete e meia já tinha que ir para o trabalho. Durante o curso, recebeu uma proposta para dar aulas de informática no Sistema Nacional de Emprego (SINE) que chegou ao Município realizar treinamento e capacitação de pessoas. Para Luzia, foi uma oportunidade e, ao mesmo tempo, um desafio. Conseguiu computadores emprestados da Faculdade e, depois de 4 meses ministrando aulas, obteve dinheiro suficiente para iniciar o seu negócio, ou seja, ainda não havia terminado a faculdade e já montou uma escola de informática na cidade, tornando-se empresária. No ano 2000, iniciou o Mestrado em Informática na UFSC, mas, devido à distância entre Florianópolis e a cidade de Cunha Porã (aproximadamente 650 km) e quase 10 horas de viagem, não conseguiu finalizar, recebendo apenas o título de Especialista.

Entrou na política a convite de seu segundo marido (com o qual ficou 20 anos casada), que foi vereador em Cunha Porã por dois mandatos. Ele era empresário e ambos se apoiavam: ele a apoiava no “time empresarial” e ela o apoiava na política, indo em reuniões, jantares, pois era (e ainda é) uma pessoa que gosta muito de conversar e aprender. O maior sonho dele era ser prefeito desta cidade. Na época, Luzia era presidente da Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) e da Associação Comercial de Cunha Porã, e tinha duas lojas, uma de confecção e outra de telefonia e informática, e foi convidada a coordenar a campanha. Com a experiência, Luzia aprendeu que, numa eleição a prefeito, 50% do sucesso está no papel do coordenador da campanha. E conforme o seu depoimento: *“eu aprendi ali uma frase: não desafie uma mulher com alguma coisa familiar, porque ela vai que nem uma leoa”*. Ele foi vitorioso, ganhou com uma diferença de 500 e poucos votos na época. Porém, no dia da vitória, já houve uma ameaça de cassação política. Ele era sócio de um mercado na cidade e, segundo Luzia, *“armaram-se com um vale-rancho dele, que não tinha nem identificação, tinha um quadrado, dois risquinhos, algumas pessoas testemunharam e virou em cassação política”*. Ele seguiu o

mandato de prefeito por dez meses com liminar, e no final foi cassado. Foi preciso nova eleição e o nome de Luzia passou a ser o mais provável para substituí-lo. Foi feita uma pesquisa de intenção e o seu nome foi o mais aceito. Só tiveram 20 dias para a campanha e Luzia foi eleita pelo PSDB com 1.145 votos, o dobro dos votos que ele tinha feito. Conforme depoimento, Luzia teve que aprender muito, não sabia o que era Lei Orgânica, o que era um Decreto, o que era Orçamento Administrativo, porém, a equipe gestora foi muito compreensiva e a ajudou a seguir em frente em seu mandato de três anos – de 2010 a 2012, enquanto o tempo normal dos mandatos é de quatro anos.

O seu lado empresarial e de empreendedora facilitou para que ela levasse para a cidade de Cunha Porã uma empresa italiana, a Avioeste. Conforme Luzia, "é a maior e a mais moderna Empresa da América Latina, no ramo dela (máquinas, equipamentos e produtos agrícolas para aviários e suínos) que investiu justamente na nossa cidade!". Hoje, essa empresa é a primeira arrecadadora de impostos da cidade. Durante seu primeiro mandato, Luzia asfaltou estradas, comprou equipamentos novos, reestruturou uma frota de veículos, comprou "giratória", rolo compactador, britadora, entre outras coisas que não se conheciam na região. Porém, nas eleições de 2013, perdeu a reeleição e voltou para a vida de empresária.

Em 2019 foi convidada a se candidatar novamente a prefeita e obteve a maior votação da história do Município: Luzia ganhou com 1.849 votos de diferença. Palavras de Luzia: *"O dia da minha vitória foi lindo! Dia da eleição, 15 de novembro, o mesmo dia do meu aniversário! Eu fazia 45 anos e o número do meu partido era 45! Acho que foi um sinal para eu voltar à vida pública, para eu poder fazer diferença na vida das pessoas!"*

Como a maioria das mulheres que se candidatam ou ocupam um cargo de gestão, Luzia também sofreu preconceitos e violência política. Um dos motivos foi porque era "separada", falavam que não tinha família, que ela era uma mulher sem família. Conforme depoimento

de Luzia: *"em cidade pequena, a campanha é feita em rádio e o adversário se apresentou como o candidato que era casado no civil e religioso, entre outras coisas".* Para intimidá-la, usou a música *"que nenhuma família comece em qualquer de repente... abençoa senhor as famílias, amém²⁹".* Luzia ficou arrasada porque era a primeira mulher prefeita na cidade, a única até hoje! Na tarde do mesmo dia, recebeu uma ligação de uma professora do colégio onde estudou que disse:

"Luzia, acompanhei o programa de rádio, posso te dar uma sugestão?". No programa de amanhã, diga que você é candidata de todos os tipos de família, das famílias dos avós que criam os netos, dos tios e tias que criam os sobrinhos, das mães separadas, enfim, de todos os tipos de família.

Foi o que aconteceu e ninguém falou mais nada naquele sentido. Outro tipo de xingamento que teve que escutar é que era "esnobe" e que tinha feito uma cirurgia para tirar a costela para ficar mais 'acinturada.' Luzia vê o machismo como uma das piores violências; os homens querem testá-la, colocá-la à provação, tem que estar sempre se justificando.

Em relação aos seus feitos pelo bem de Cunha Porã, levou atendimento ginecológico para a cidade e zerou a fila de mamografias para beneficiar as mulheres; investiu no crescimento econômico da cidade; na atuação para a entrada de uma nova área industrial, comprou 10 hectares de terra na entrada da cidade, 24 lotes com iluminação, asfalto, drenagem, calçada e acessibilidade. Investiu 32 milhões em asfalto interligando a cidade com dois municípios vizinhos. Desenvolveu o Projeto Jovem Aprendiz, transformando a vida de muitos jovens e dando-lhes oportunidade de emprego; construiu uma arena esportiva com espaço para mil pessoas; e uma nova creche para as crianças.

A prefeita se reelegeu para mais um mandato, a partir de 2025, e convida mais mulheres a se encorajarem para ocupar cargos políticos!

MUNICÍPIO DE IÇARA

DALVANIA PEREIRA CARDOSO



Dalvania Cardoso foi a primeira prefeita da cidade de Içara, na gestão 2021 a 2024, pelo PP, e foi reeleita para a gestão 2025 a 2028, com quase 80% dos votos, pelo PL. É graduada em Administração de Empresas, pela FASC/UNISUL30 com Especialização em Gestão de Pessoas, pela UNESC31. Atuou como secretária de administração em Içara, Siderópolis, Morro da Fumaça, Urussanga, Lauro Muller e Criciúma. Foi professora no curso de administração da faculdade ESUCRI32, e em sua gestão prioriza a Educação, a Saúde e o Desenvolvimento Econômico.

Dalvania Cardoso nasceu em 1975, na cidade de Criciúma, e atualmente é prefeita de Içara, município que, de acordo com estimativa do IBGE (2024a), possui mais de 62.000 habitantes. Identifica-se como “mestiça”, resultado da miscigenação de uma cidade colonizada por açorianos, italianos, africanos e índios carijós. Sua trajetória política começa na comunidade, no bairro onde residia. Com 10 anos, foi presidente do Centro Cívico Escolar, foi líder de Grêmio Estudantil, foi líder de Grupos de Jovens da Igreja Católica. Conforme seu depoimento: *“a paixão pelo serviço público naturalmente surgiu na medida em que eu fui participando de grupos de jovens e da associação de moradores; na época da minha juventude, foram bem marcantes a pastoral da juventude e os Encontros de Jovens Católicos (ENJOCRIs)”*.

30 Faculdade de Santa Catarina / Universidade do Sul de Santa Catarina.

31 Universidade do Extremo Sul Catarinense.

32 Escola Superior de Criciúma.

Com 19 anos, foi presidente da Associação de Moradores do seu bairro, Lombas Pedreiras, e catequista, iniciando sua “vida comunitária” na escola, na igreja e na comunidade.

Não tem histórico de políticos na família, ninguém exerceu cargo político. Vem de uma família de humildes agricultores, que residiam bem no limite do município, em uma pequena comunidade agrícola. Ajudou sua família na roça até os 17 anos, mas, ao mesmo tempo, completou seus estudos trabalhando e lecionando. A paixão pela administração pública nasceu a partir do trabalho em prefeituras e, aos 22 anos, foi convidada pelo prefeito da época, Dr. Julio Cechinel, a assumir a Secretaria de Administração da cidade. Graduiu-se em Administração de Empresas, com especialização em Administração Pública e MBA em Gestão de Pessoas. Permaneceu 8 anos na prefeitura de Içara. Em seguida trabalhou, como secretária de Administração em municípios da região: Siderópolis, Morro da Fumaça, Urussanga, Lauro Muller e Criciúma, sempre na área administrativa e financeira, de forma mais técnica.

Apaixonada pela política e pelo serviço público, foi filiada ao Partido Progressista (PP) por quase 30 anos, conservadora e de direita, e recentemente migrou para o Partido Liberal (PL).

Permaneceu solteira e, no final de 2015, decidiu que era hora de fazer alguma coisa por sua terra, candidatando-se à eleição para a prefeitura em 2016. Conforme depoimento de Dalvania, *“para a mulher, sempre é mais lento entrar no cenário político, bem mais demorado, muitas vezes tem que pôr o pé na porta! Ninguém abre a porta para você, ainda mais para quem não tinha um currículo ou histórico familiar político. Nem vereadora fui!”*

Na primeira convenção aberta do Partido Progressista para escolher o seu candidato a presidente, em 2011, ocasião em que todos os filiados votam, colocou seu nome “despretensiosamente”,

achando que poderiam fazer 20% dos votos e conquistar algumas vagas no Diretório do partido. Para sua surpresa e de todos, fez 72% dos votos, quase 600 pessoas votaram e Dalvania tornou-se a líder do partido. Concorreu à eleição em 2016, em uma campanha de 33 dias, porque, conforme depoimento:

Eu ainda não tinha estrutura, tive dificuldade até para encontrar um parceiro para ser candidato a vice-prefeito. A cidade não me conhecia porque, apesar de trabalhar anos na Secretaria de Administração, o povão geralmente desconhece as secretarias de atividade-meio. Mesmo assim, esperava obter no máximo 7.000 votos e, ao abrirem as urnas, veio a surpresa de 10.500 votos. Embora não tivesse vencido, ficou a esperança de que, na próxima vez, eu conseguiria.

Em 2020 foi diferente, decidiu que as pessoas da cidade precisavam conhecê-la:

Não vai ser por falta de me conhecerem que as pessoas não votarão em mim. Como diz Isaías 42, em uma citação bíblica – ‘A cana trilhada não será quebrada’. Eu trilhei a cana, quatro anos andando em todos os bairros, participando de todos os eventos públicos, conhecendo os líderes de cada comunidade.

Preparou-se, estudou os cenários, as possíveis coligações, uniu todos os partidos de direita e contou com 80 candidatos a vereador, em plena pandemia, inclusive mulheres, que percorreram a cidade toda entregando material: "era um mar de gente trabalhando para nós!". O slogan da campanha foi "AGORA É ELA", segundo Dalvania, uma identidade feminina, e a cor da campanha foi cor-de-rosa forte. Venceram a eleição com quase 3.000 votos de diferença para o segundo colocado e quase 5.000 votos de diferença para o terceiro colocado. "Entrei para a história porque sou a primeira prefeita mulher de Içara, nos 60 anos da cidade. Acho que Içara quebrou uma cultura de política masculinizada, foi uma quebra de paradigma."

Dalvania pondera que existe um diferencial nisso tudo: pensa que o fato de não ser casada, não ter filhos facilitou porque tem mais tempo livre, por exemplo, para estar sábado pela manhã fiscalizando uma rua, uma obra, visitando uma comunidade, ir às festas de igreja aos domingos, enfim, tem mais flexibilidade de horários para participar das comunidades, mas acredita e admira mães de família que atuam na política conciliando as funções.

Nas duas primeiras eleições, em relação a receber ajuda financeira para as campanhas de 2016 e 2020, cita que não recebeu nem do fundo eleitoral nem do fundo partidário. Foi muito difícil fazer a campanha sem estrutura financeira. Priorizou material para os 80 candidatos a vereadores à época. A maioria das despesas foi paga do seu bolso, teve uma parte do vice-prefeito e teve uma parte do fundo partidário das mulheres progressistas, que chegou na última hora, na sexta-feira antes da eleição, ou seja, no último dia, e esse dinheiro só podia ser gasto com mulheres, ou seja, com a sua pessoa e com as candidatas a vereadoras. A campanha durante a pandemia foi de porta em porta, em que diziam para as pessoas "*não abram, nós respeitamos a pandemia, estamos aqui pedindo seu voto*", e entregavam material. Também pediam o número do *WhatsApp* e faziam uma live da campanha, à noite, especialmente para o bairro visitado durante o dia, apresentando as propostas. Em 2024, recebeu recursos do Fundo Eleitoral para mulheres e teve uma campanha bem mais estruturada.

Conforme depoimento de Dalvania, Içara é a cidade do sul de Santa Catarina que mais cresce, tem uma localização geográfica privilegiada, com 21 km de BR 101, fica entre as duas capitais – Florianópolis e Porto Alegre. É a capital catarinense do mel, líder na América Latina na produção de fritas cerâmicas, na produção de picolés e também na produção de descartáveis plásticos. É destaque no comércio atacadista de alimentos, possui uma agricultura pujante, que tem se diversificado muito. Tem a segunda maior empresa de implementos rodoviários do país, e é destaque na exportação de tintas

moveleiras. Os serviços como saúde e educação ainda estão regionalmente vinculados a Criciúma. Então, o grande desafio, para Dalvania, é tornar a cidade um polo industrial, mas, segundo ela: *"não adianta a cidade crescer, se a qualidade de vida das pessoas não melhorar"*. Por esse motivo, a meta é focar a educação de qualidade, e Içara ganhou, em 2022 e 2024, o primeiro lugar no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) na região carbonífera. Como recompensa e reconhecimento, Dalvania pagou um décimo quarto salário prêmio a título de meritocracia para todos os profissionais da educação (1.000 profissionais), desde a higienizadora, merendeira, motorista do transporte escolar, professoras, diretora, fonoaudióloga, psicóloga, enfim, todo o quadro da secretaria de educação. Inovou, também, no investimento de mais de um milhão de reais no Projeto "Içara ensina mais", um reforço escolar pós-pandemia para as crianças, e implantou o ensino da Língua Inglesa desde o 1º ano escolar.

Dalvania também investiu na qualificação profissional: foram 1000 pessoas que receberam qualificação da prefeitura em parceria com o SENAI e com as grandes empresas da região. Seu diferencial foi não ter usado a distribuição de cargos na área da saúde, educação e assistência social para a política. Conforme depoimento de Dalvania: *"são pessoas e equipes extremamente técnicas. Acredito que o técnico pode se tornar político, mas o político não se torna técnico"*. E o resultado veio nas urnas: além dos quase 80% de votação para o Executivo, elegeu, em sua base, 12 dos 15 vereadores.

Na parte de infraestrutura, a maior conquista para a cidade, segundo Dalvania, foi ter comprado uma usina de asfalto: *"Eu agora sou uma prefeita usineira!"*. Outro ganho foi a prefeitura ter elaborado o projeto da SC 445, que doou ao governo do estado, uma vez que essa é a principal rodovia de acesso à toda a região, que está sendo duplicada.

Em relação aos desafios da campanha, sofreu um forte ataque político: ficou 10 dias sem *Instagram*, sem *Facebook*, durante a

campanha 2020, justamente nos dias em que estava fazendo *lives*, o que considerou *"muito punk"*. Teve que acionar um hacker para recuperar.

Em 2024, devido aos altos índices de aprovação do governo, a estratégia foi diferente, a da "não campanha" – sem comício, sem passeatas, sem carreatas, até mesmo sem divulgação do plano de governo; pois, segundo o marqueteiro, já estava em seu limite de votos. E mais uma vez destaca o versículo bíblico de Eclesiastes 3: *"tempo de plantar e tempo de colher"*. Era hora de confiar no plantio e colher os resultados.

Enquanto desempenha o papel de gestora da cidade, suas tarefas domésticas são realizadas pela irmã e por uma moça contratada, ou seja, mulheres cuidando uma das outras. Com a morte do pai, no último ano, levou a mãe para morar com ela.

"Eu confesso que o que mais incomoda é o jogo político, por vezes pesado e injusto, mas o que mais me fortalece é ver as políticas públicas de resultado melhorando a vida e dando oportunidade às pessoas."

Para as meninas e mulheres que desejam se candidatar para prefeita, deixa a mensagem: *"assim como eu cheguei de menina humilde, filha de agricultor, á prefeita, todo mundo pode ser na vida o que quiser. É só se preparar tecnicamente, emocionalmente e ter coragem para lutar"*.

MUNICÍPIO DE IOMERÊ

LUCI PERETTI



Luci Peretti foi eleita a primeira Prefeita mulher de Iomerê, SC, gestão 2021 a 2024, pelo Partido Progressista (PP). Em 2012, foi a vereadora mais votada e assumiu a presidência do Diretório Municipal. Em 2024, foi reeleita para a gestão 2025 a 2028, também pelo PP. Coursou Técnica em Contabilidade, é casada e mãe de dois filhos. O foco da administração de Luci sempre foram as pessoas. Todos os investimentos foram feitos para melhorar a vida dos habitantes do município, que possui a matriz econômica essencialmente agrícola.

Luci Peretti nasceu em 24 de janeiro de 1971, no município de Iomerê, Santa Catarina. Seus pais tiveram 4 filhos, duas irmãs mais velhas e um irmão mais novo que ela. Quando Luci estava com 8 anos de idade seu pai faleceu, e ela e seus irmãos, já na época, começaram a trabalhar em uma fábrica da região trançando garrafão. Depois de 3 anos do falecimento do pai, sua mãe casou-se novamente.

Quando a mãe se casou, eles mudaram-se para o interior de Iomerê, na localidade de Bom Sucesso, sempre auxiliando nas atividades da propriedade. Luci permaneceu lá até o oitavo ano do Ensino Fundamental.

Durante o Ensino Médio técnico em contabilidade, Luci voltou a morar em Iomerê e conseguiu um emprego em Videira, SC, em uma loja de roupas. Após um tempo, iniciou suas atividades profissionais na prefeitura de Videira, SC, em um local que funcionava como Posto de Saúde e Correio no então distrito de Iomerê.

Com 18 anos, teve seu primeiro filho e passou a dedicar-se mais às atividades de casa. Após 7 anos, teve mais uma filha e sempre acompanhou de perto o crescimento e desenvolvimento de ambos os filhos. Com os filhos já crescidos, passou a se envolver mais em trabalhos voluntários na Comunidade, sendo presidente do Clube de Mães, coordenadora da Paróquia São Luiz Gonzaga, Conselhos Municipais, também no comércio, atividades que sempre tiveram um efeito muito positivo na comunidade e que também ajudaram na preparação para os desafios que estavam por vir.

No ano de 2011, o presidente do Progressistas convidou-a para fazer parte do partido. Ela aceitou e é filiada até hoje. E foi quando ela disputou a eleição que percebeu que, de certa forma, tinha começado sua campanha muito antes, pois era muito conhecida no município. Ela primeiramente elegeu-se como vereadora. No momento em que foi candidata, cuidou da casa, coordenou a paróquia, cuidou de empresa e fez a campanha. Para dar conta de tudo, ela contratou alguém para auxiliá-la nas tarefas de casa uma vez por semana. Ela ficou na Câmara de Vereadores até 2016. Na ocasião, não quis concorrer à reeleição e explica o motivo: *"Eu sempre achei que mais pessoas deveriam ter oportunidade, aí um sobrinho meu pensou em ir e também o meu cunhado. Então, eu falei, agora vocês vão e eu fico de fora"*.

Pouco antes das eleições de 2020, Luci voltou a participar efetivamente do partido político, na intenção de renovar o diretório, organizar o partido. Para tanto, assumiu o cargo de presidente do Diretório Municipal. Nesse momento, começaram a cogitar seu nome para a eleição daquele ano, para o cargo de prefeita. Encontrando um pouco de resistência no início e deixando muito claro para todos os filiados e apoiadores seu ponto de vista e a forma que pensava em trabalhar, caso eleita – fazer para todos, sem distinção política –, foi aprovada na convenção do partido e, juntamente com o candidato a vice, Emanuel Sipp, lançou seus nomes: foram eleitos prefeita e vice-prefeito.

Muitos desafios foram encontrados no início da gestão, pois nada foi prometido durante a campanha eleitoral, então, precisaria formar uma equipe, primeiramente, para a transição, e depois para a gestão e trabalho nos 4 anos de mandato. O foco da administração da Luci sempre foi as pessoas e, dessa forma, todos os investimentos foram feitos para melhorar a vida dos habitantes do pequeno município de Iomerê, que possui a matriz econômica essencialmente agrícola, porém, também sempre olhou pelo comércio, indústria e serviços, formando um ciclo virtuoso que coloca Iomerê, nos dias de hoje, em posição de destaque regional e estadual.

Após os 4 primeiros anos de mandato, um novo desafio surgiu, a reeleição. Novamente pelo partido Progressistas, dessa vez já com mais peso no município e maior adesão, seu nome novamente foi indicado para a eleição, dessa vez com outro candidato a vice, Juarez Borga. Historicamente no município de Iomerê, os prefeitos reeleitos tiveram diferença de votos menor do que a primeira eleição, porém, no ano de 2024, quando foi reeleita prefeita, foi por maior diferença, além da eleição da chapa majoritária. Também foram eleitos 5 vereadores, maioria na Câmara Municipal, comprovando mais uma vez o bom trabalho feito até aqui.

Muitos frutos ainda serão colhidos nessa nova administração.

Acredito que com a equipe e as finanças municipais muito mais organizadas do que no primeiro mandato, poderemos continuar trabalhando por nossa gente e fazendo sempre mais, colocando as pessoas sempre em primeiro lugar. Iomerê merece continuar sendo bem tratado.

Na data dessa matéria, em novembro de 2024, Luci deixou um recado para as meninas e mulheres: *"se coloquem à disposição realmente. E assim, não só se coloquem, mas insistam, tenham clareza em suas ideias e propósitos. Acreditem no potencial de cada uma e vão à luta. Mulheres, façam a diferença!"*

MUNICÍPIO DE IPUAÇU

CLORI PEROZA



Clori Peroza foi duas vezes prefeita pelo PT, no município de Ipuaçú, SC: de 2017 a 2020 e de 2021 a 2024. Atuou como vereadora de 2013 a 2016 (PT). É formada em Magistério e em Direito. Em sua trajetória, foi diretora de escola, secretária de Educação do município, professora na área de letras português, inglês, espanhol e literaturas. Trabalhou na primeira escola indígena de Ensino Médio do país como "professora habilitada" e implementou a primeira creche em terra indígena do Estado.

Clori Peroza nasceu em Xanxerê, em 1970, e quando tinha três anos, a família mudou para a localidade de Samburá, que na época pertencia a Xanxerê, mas já faz 31 anos que pertence a Ipuaçú. Seus pais eram pequenos agricultores, e o pai foi empreitar na construção de um moinho, que na época ficava situado na reserva indígena. Trabalhou ali durante quase dois anos, fazia farinha e descascava o arroz, e Clori ajudava: *"descarregava o cavalo que vinha da moagem, com um saco de milho em cada lado do lombo. Eu colocava o saco no ombro, tinha força física, subia as escadas, limpava o milho e descascava arroz"*. Em 1977, os agricultores foram despejados da terra indígena, e seu pai começou a arrendar terras para fazer roça. Lembra que ele, apesar de poucos anos de escola, sempre gostava de ler e passou isso para ela: *"sempre fui muito estudiosa, gostava de ler e aprender"*. No entanto, destaca que: *"a batalha para eu estudar foi da mãe, ela foi meu alicerce, porque era muito difícil fazer o Ensino Médio, tínhamos que ir a Xanxerê, e o transporte*

era pago: íamos em 23 pessoas numa Kombi para Xanxerê, era gente no porta-malas, gente de pé, gente no colo". A mãe vendia a sobra das moagens do milho e conseguia, com isso, pagar a locação, o material escolar e comprar a roupa. Quando chegou a época da Faculdade, a mais perto era em Palmas, no Paraná. Clori encabeçou um grupo de pessoas, o mesmo grupo da Kombi, e foram para lá para fazer o vestibular, que durou três dias. Passou no vestibular, começou a estudar, mas era difícil: tinha que ir todas as noites, pegava um ônibus até São João, de São João ia de carro para Ipuaçú, e de lá ia de ônibus até Palmas. De acordo com ela: *"um ônibus que não fechava as janelas, e ia passando frio".* Uma vez por mês, tinha intensivo e tinha que ficar a semana inteira. Ela ia com uma sacolinha de roupa e usava o mesmo casaco a semana inteira, levava a comida de casa e pagava pensão em Palmas.

Quando abriu matrícula para o segundo semestre, houve um incêndio no negócio de produzir erva-mate do pai, queimou tudo. Clori conta que chorou a noite inteira, e no dia seguinte teve que cancelar a matrícula, porque não ia ter com o que pagar seus estudos. Mas chegou lá e não teve coragem de trancar, fez a matrícula. Quando voltou para casa, recebeu a proposta do primeiro emprego para dar aula na pré-escola, porque a professora ia se aposentar. Clori tinha então 17 anos. Concluiu a faculdade em cinco anos, trabalhando na pré-escola e estudando: fez dois cursos de nível superior, é formada em Letras, foi professora da área de letras português, inglês, espanhol e literaturas. Mais tarde, em 2014, formou-se em Direito, pelo Instituto Federal de Palmas. Casou-se, teve um filho e atualmente está solteira.

Em 1993, trabalhou como "professora habilitada" para o Ensino Médio na Reserva Indígena, e isso aconteceu na primeira escola indígena de Ensino Médio do país, a Cacique Vanhkre. Sua assinatura está lá na Escola para comprovar. Em 1994, fez um concurso público estadual e se efetivou como professora de português na mesma escola em que estudou. Depois teve a experiência

de ser diretora, assim permanecendo até o Governo do Estado municipalizar a Escola.

Em 2005, foi secretária de educação até 2008, e teve visibilidade, tornando-se conhecida das pessoas. Em 2012, ingressou na política, candidatando-se à vereadora, para a prefeitura de Ipuauçu, e teve muito sucesso já na primeira votação. Sua cunhada (esposa do irmão) tinha sido vereadora pelo PDT, em coligação com o PT, e o irmão do ex-marido tinha sido vereador e vice-prefeito pela oposição. O prefeito que a chamou para assumir a Secretaria da Educação era do PR, antigo PL e, na época, Clori era filiada ao Partido Progressista (PP), porque quando lhe ofereceram a direção da escola estadual, o governo era do PP, e era preciso que ser filiado. Quando indagada como foi parar no PT, Clori respondeu:

Eu sempre tive sensibilidade mais à esquerda, desde a faculdade em Palmas, nossos professores eram muito abertos, muito da questão social. Um tio meu dizia 'essa piaçada vai estudar em Palmas e voltam todos petistas'. Eu já tinha liderança, ela aparecia naturalmente. Quando eu entrei no PT, tinha sido diretora, estava dando aula, e não concordava com a forma da condução do presidente do PP. Eu não tinha voz nenhuma, eu não podia opinar, o cara sozinho decidia pelo partido, e pedi para ser desfilhada e fiquei sem partido. Um dia, foi um amigo lá em casa e disse: 'você não quer se filiar ao PT?'. Eu disse 'quero, sim'. Isso foi exatamente um ano antes de eu me lançar como vereadora.

Clori elegeu-se com mais três vereadores do PT, e na época, como estudava Direito, fazia o enfrentamento na tribuna com base em documentos plausíveis e comprováveis: "não era uma crítica burra, uma crítica sem fundamento, e as pessoas criaram confiança".

Em 2017, candidatou-se a prefeita pelo PT, numa coligação com sete partidos, sendo o vice do MDB. Conforme depoimento de Clori: "tivemos uma vitória estrondosa, com 64% dos votos, 63,64%, na verdade, com 7 partidos". Em 2021, reelegeu-se prefeita, mas com uma coligação

de somente dois partidos. Clori sabia que era um grande desafio: *"as pessoas tinham confiança que eu vim para fazer a diferença, sentiam que era possível. E, graças a Deus, eu fui feliz nisso"*. Em relação aos principais feitos, Clori montou um consórcio de usina de asfalto, foi seu presidente, encabeçou-o e inaugurou-o. Com isso, estabilizou o seu *status* de prefeita. Lembra que o deputado Fabiano da Luz (PT) garantiu o recurso e disse: *"vai atrás de prefeitos que aceitam a ideia, você tem que ter os 14"*. Ela convocou a equipe técnica para ajudar e conseguiu o número exato de prefeitos, e o projeto deu certo. Também implementou a primeira creche da terra indígena, a primeira do estado e do país, com recursos da deputada Luciane Carminatti (PT). Conforme depoimento de Clori:

Convoquei os professores indígenas, temos professores com mestrado, que conhecem bem a cultura, e perguntei: 'como seria essa escola na visão de vocês?'. Aí entrou a simbologia do Kame e Kairu, que são dois tracinhos e três círculos, que marcam os traços da pintura, nos rostos, no corpo, no grafismo das pinturas dos kaingang, o sol e a lua. Então, a escola tem esse formato, de dois tracinhos e três bolinhas, três círculos.

Clori tem orgulho de dizer que é a prefeita dos campinhos, das pracinhas, renovou as comunidades com esporte, lazer, entretenimento para as famílias. Colocou academia e brinquedo para crianças nas praças, com bancos para as pessoas se sentarem. Revitalizou um bairro da COHAB³³, considerado abandonado, e que agora tem creche, praça, ruas asfaltadas, uma quadra coberta e um pavilhão. Distribuiu 111 títulos de lotes e casas para pessoas que esperaram mais de 25 anos por essa legalização. Resolveu a questão da água do município junto à CASAN³⁴, implementou mais uma Unidade de Saúde e conseguiu Box para 30 famílias, feirantes da agricultura familiar que também vendem produtos para merenda escolar, e os servidores da prefeitura tem o vale-feira, que corresponde a 60 reais

33 Companhia de Habitação Popular ou Conjunto Habitacional.

34 Companhia Catarinense de Águas e Saneamento.

por mês para gastar na feira. Todos os anos de sua gestão, Clori fez o Natal da Família, enfeitando a Praça, colocando brinquedos, trazendo atividades artísticas para as pessoas poderem se reunir, assistir aos shows, como a apresentação da Camerata, no ano de 2022.

Priorizou as mulheres com políticas públicas, o CRAS e o CAPS têm escuta especializada, com profissionais preparados para encorajar quem quiser fazer denúncias sobre violências. A maioria das integrantes de sua equipe na prefeitura são mulheres. Para Clori,

o município hoje está muito florido, com muito verde. Temos as mulheres fazendo cursos, mulheres e idosas dançando. A questão da reserva indígena ainda apresenta problemas, que envolvem lideranças, envolve cultura, é bem complicado. Ainda tem crianças que são retiradas das famílias, em abrigo, por causa da dependência química de droga ou bebida dos pais.

Como planos futuros, pretende dar a vez para os mais jovens, "serei uma professora aposentada e uma ex-prefeita. Se precisarem de mim, estou aí para ajudar, talvez assessorando um parlamentar". Para as meninas e mulheres que querem se candidatar, Clori deixa a seguinte mensagem:

O Brasil, os municípios, as comunidades precisam muito das mulheres. As mulheres fazem a diferença nos espaços que ocupam, conseguem se organizar melhor, tem um olhar materno para as ações, um olhar diferente, uma visão de poder diferente! Abracem a causa, precisamos de lideranças femininas. As mulheres precisam conquistar espaço, igual no futebol – só agora o futebol feminino está sendo visto como importante. Então, é uma caminhada longa, mas estamos tendo avanços. Eu pude deixar um legado transparente nesse sentido, que é possível fazer diferente, que é possível fazer bem. Acho que aqui no município vai ter muito esse crédito. Vamos ter muitas mulheres candidatas a vereadoras na próxima eleição. Precisamos de vocês, vocês fazem a diferença, positivamente!

MUNICÍPIO DE LAURO MÜLLER

SAIONARA CORREA DE CARVALHO BORA



Saionara Correa de Carvalho Bora foi prefeita do município de Lauro Muller, gestão 2021 a 2024 (MDB), época em que quatro mulheres estiveram à frente da cidade: duas vereadoras do MDB, a prefeita e a vice-prefeita. Saionara é formada em Medicina pela UFSC, casada e mãe de dois filhos. Sua gestão esteve voltada para uma cidade mais humana, investiu nas áreas da Saúde, Educação, Assistência Social e Agricultura.

Saionara Correa de Carvalho Bora nasceu no ano de 1961, em Criciúma, SC. Morou em vários municípios. Vem de uma família que sempre valorizou o estudo. Sua mãe, hoje com 100 anos, teve 13 irmãos e o avô insistiu que todos estudassem; mas sua mãe foi a única mulher da família que estudou. Aos 16 anos, fez Curso Normal no Instituto de Educação de Florianópolis. Foi professora a vida inteira. Quando Saionara tinha 10 anos, a mãe se tornou diretora de uma Escola Básica, e a família foi morar numa casa aglutinada à escola porque, à época, aquela Escola tinha a casa da diretora. Mais tarde, sua mãe cursou Administração Escolar na antiga FESC, em Tubarão, que hoje é a UNISUL. Seu pai era bancário, faleceu cedo, deixando a viúva com 53 anos e três filhos. Todos cursaram Medicina. Saionara formou-se em medicina na UFSC, em 1986. Atualmente, exerce a profissão de medicina duas tardes por semana, além de ser prefeita.

Conheceu seu marido, "o Bora" em 1983, e casaram-se em 1986. Ele é engenheiro agrônomo e, atualmente, está aposentado. Conforme depoimento de Saionara:

Quando ele se aposentou, o jogo virou. Ele não me deixa fazer nada. Todas as manhãs ele pergunta: 'o queres comer?'. Antes, ele levava o café na cama, mas atualmente me serve na poltrona e traz café ou suco. Costumo comer pela manhã um pão com bananas (adoro). Ele é o grande amor e o parceiro da minha vida [...].

O casal tem dois filhos: Luiz Marcos é advogado, tem 37 anos, e Fernanda é psiquiatra, e tem 36 anos de idade. Possui duas netas: Serena, com cinco anos, e Melina, com dois anos de idade.

A sua trajetória política começou ao acaso. Não esquece que, depois de formada, estava procurando emprego, em que ela e o marido pudessem trabalhar na mesma cidade. O Prefeito da cidade de Pedras Grandes a contratou com sete meses de gestação. Ele era do MDB e, conforme depoimento de Saionara: "*eu tenho muita gratidão à pessoa que me acolhe com sete meses de gestação. Eu pensei, vou defender a bandeira dele*". Morou um tempo em Pedras Grandes e ia trabalhar em Lauro Müller; depois, morou em Urussanga, ia trabalhar em Lauro Muller; e voltava à noite para dormir em casa. Trabalhou no hospital e em todas as comunidades de Lauro Müller.

Em depoimento, Saionara contou: "*eu não tinha intenção de me candidatar, não passava pela minha cabeça, honestamente, eu respirava a medicina e cuidava da minha família. Sempre priorizei isso*". Saionara era filiada ao MDB, e nas duas últimas eleições seu partido tinha perdido em Lauro Müller. Chegou o período de lançar os candidatos e, em uma reunião, falaram: "*nós vamos perder a eleição porque, com os candidatos que estão aí, não temos como ganhar*". Saionara disse que, então, alguém falou: "*mas nós temos uma pérola, a Dra. Saionara é do partido, vamos conversar com ela*". Depois de muita insistência, falaram: "*ou és tu ou nós vamos perder,*

nós temos certeza disso". Saionara aceitou ser candidata a prefeita, nas eleições de 2020.

A família morava em Urussanga, teve que ir para Lauro Müller, procurar apartamento para alugar. A mudança aconteceu em fevereiro de 2020, e a eleição seria em novembro. Saionara decidiu: *"já que eu estou aqui, vamos ganhar, então eu vou trabalhar para ganhar".* Passou por algumas dificuldades. O comentário dos adversários no meio político era que *"ela era o azarão"*, que não tinha chance, que era uma pessoa desconhecida no município, que caiu de paraquedas, entre outras descrenças. Faltavam 50 dias para as eleições, e ainda não tinha um candidato a vice-prefeito, ninguém aceitava fazer coligação. Uma mulher aceitou ser sua vice e venceram a eleição.

Em 19 de dezembro, Saionara pegou Covid. Foi internada no dia 25 de dezembro de 2020, com 50% do pulmão tomado. Ficou 19 dias internada e, conseqüentemente, não assumiu no dia 1º de janeiro de 2021. Enquanto se recuperava, ficou estudando a burocracia de uma prefeitura, lendo documentos e conversando com os funcionários. Atualmente, são quatro mulheres à frente da cidade: duas vereadoras do MDB, a prefeita e a vice-prefeita.

Saionara passou por alguns desafios: a maternidade de Lauro Müller foi fechada, o hospital perdeu todos os alvarás, o prefeito anterior não renovou os alvarás, e, portanto, a vigilância quis fechá-lo. A diretora do hospital, no entanto, conseguiu dar a volta e atualizar a documentação. Antes, as gestantes iam para Içara ganhar neném, que fica cerca de 60 km de distância de Lauro Müller.

Para as mulheres, Saionara implementou o projeto de lei dos absorventes e ofertou maior número de fraldas para os acamados. A cidade ganhou o Corpo de Bombeiros com voluntários. Na educação, foram distribuídos uniformes escolares e kit para toda a rede escolar municipal, além de melhoria na merenda escolar. Saionara fala com orgulho que Lauro Müller não tinha frota e agora é toda

nova: foram comprados 60 veículos e equipamentos com o lema "o transporte é para todos". Agora há seis retroescavadeiras, moto niveladora e escavadeira hidráulica entre outros, muitos por meio de emendas impositivas.

Cada ESF – Estratégia Saúde da Família recebeu um carro zero para fazer as visitas domiciliares, curativos, serviço de odontologia e prótese dentária. Zerou a fila dos exames de alta e média complexidade. Foi inaugurado o Centro de Especialidades, e hoje Lauro Müller tem especialistas como neurologista, otorrinolaringologista, oftalmologista, entre outros.

Na agricultura, o município tem uma patrulha mecanizada. Lauro Müller é o segundo maior PIB agrícola da AMREC³⁵, só perdeu para Orleans, em 2022. De acordo com Saionara, *"no segundo ano, a casa estabilizou, e eu falei, agora nós vamos cuidar do ser humano"*. Fortificou o CRAS e o CREAS, o Conselho Tutelar com escuta especializada. Destaca a preocupação, no Município, com a violência contra os idosos e contra as crianças. Seus assessores reclamam que ela não faz publicidade, e ela responde *"publicidade maior se faz andando pelos bairros, porque, assim, as pessoas que vivem neles sabem o que a gente está fazendo"*. Faz questão de declarar que é uma pessoa muito simples: *"eu sou uma pessoa que ando de all-star direto, meu guarda-roupa tem umas cinco roupas"*.

A mensagem que Saionara nos deixa é:

Um prefeito pode e deve usar o dinheiro público de forma correta; eu sempre digo que política é matemática, um prefeito que ganha 14 mil reais não pode ter um patrimônio de um milhão! Então, esse legado eu quero deixar, o gestor tem que usar o dinheiro público de forma correta, que estes sejam cobrados pelos seus atos, que tenham honestidade, transparência, e vergonha de mexer no dinheiro público como a gente tem visto aí.

MUNICÍPIO DE MONTE CARLO

SONIA SALETE VEDOVATTO



Sonia Salete Vedovatto foi prefeita de Monte Carlo, SC, nas gestões de 2017 a 2020 (PSDB), e de 2021 a 2024 (PSDB). Foi vereadora do município de 2009 a 2012 (PSDB). Por ser mulher, enfrentou obstáculos, incluindo pedidos de cassação e ameaças de morte. É formada em Educação Física na Universidade Católica de Palmas, PR, foi professora do Ensino Médio na Rede Estadual por 25 anos. É mãe de dois filhos.

Sônia Salete Vedovatto nasceu em 25 de setembro de 1974 no município de Nova Erechim, SC. Seus pais saíram de Erechim, Rio Grande do Sul, com suas famílias e formaram Nova Erechim, sendo assim pioneiros do município. Ali eles tiveram 5 filhos, sendo Sônia a quarta filha, depois de três mulheres, e, depois dela, nasceu seu irmão. Ela relata que

para a cultura italiana, que trabalhava na produção agrícola, era muito importante que viesse um homem antes, mas não foi o que aconteceu. Por conta disso, nós, mulheres, aprendemos desde cedo os ofícios da agricultura, e assim a gente se criou naquela comunidade chamada Linha Pinheirinho.

Seu pai doou parte da terra para a comunidade, para construir a igreja e a escola. Sua mãe sempre foi incentivadora da família, queria que todos os filhos fossem independentes por meio de suas profissões. Os filhos aprenderam as atividades da lavoura, auxiliando

os pais a *"plantar feijão, quebrar milho, bater milho, bater feijão, cultivar mandioca, amendoim, batata, em todas as atividades, tirar leite, fazer queijo"*. Ao se emanciparem, saíram do campo para a cidade, para estudar. Atualmente, todos possuem pós-graduação na área da educação, sendo 3 professores de matemática, uma pedagoga, e Sônia, que se formou em educação física.

Aos 18 anos, Sônia foi morar em Monte Carlo, SC, com auxílio de um amigo, época em que o município completava um ano de emancipação. Assim, ela acreditava que teria mais oportunidade de emprego. Iniciou seus estudos e conheceu o pai de seu primeiro filho, que era vereador do município naquele momento. Em seguida, Sônia passou no vestibular de Educação Física em Palmas, PR, em uma Universidade Católica que oferecia Cursos Intensivos. Desse modo, ela ficava duas semanas em casa, em Monte Carlo, e uma semana em Palmas, tendo aulas durante os períodos matutino, vespertino e noturno. Passava a semana na casa da sua irmã mais velha, que morava em Palmas.

Esta foi uma época bem intensa na vida de Sônia, pois já tinha um contrato de professora, e pagava alguém para substituí-la a cada 2 semanas; além disso, seu filho estava com 6 meses: *"deixava ele com os avós paternos, aqui em Monte Carlo, para poder estudar e alcançar a minha formação, ganhar meu diploma"*.

Depois de formada, Sônia passou num concurso em Monte Carlo, tornando-se efetiva no Estado, na Escola Professora Virginia, única escola estadual do município: *"fui professora do Ensino Médio então por vinte e cinco anos aqui, e a política sempre fez parte da minha vida"*, até porque, no relacionamento com o pai de seu primeiro filho, que durou 9 anos, em todos esses anos ele estava em algum cargo político, ou como vereador ou vice-prefeito: *"eu participava muito com ele nos comitês, quando foi vice-prefeito, a gente montou na nossa casa, eu senti que mexeu comigo, entendeu? Tipo, hoje eu adoro demais, é uma coisa que me move muito, estar em contato com pessoas"*.

Antes de se efetivar como concursada e terminar a faculdade, Sonia separou-se do marido, que, na ocasião, era vice-prefeito. Algum tempo depois, conheceu o pai do seu segundo filho. Nas eleições municipais de 2004, Sônia assessorou a campanha a vereador do seu sogro, que foi vitorioso. Na eleição seguinte, Sônia saiu como candidata a vereadora para a gestão 2009-2012, e seu sogro, como candidato a prefeito, ambos pelo PSDB. Somente ela se elegeu.

Em 2012, Sonia quis candidatar-se novamente à vereadora, porém o pré-candidato a prefeito pelo partido desistiu, e sugeriram o seu nome como candidata, com seu vice sendo do PT. Nas palavras dela, *"na época, fizemos uma coligação liberada a nível Federal, porque naquela época PT e PSDB não podiam coligar"*. Apesar de perderem a eleição, Sônia recebeu um número de votos bem significativo e relatou: *"Nesse resultado, eu percebi que eu ia ser prefeita"*. Saiu às ruas agradecendo os votos e a confiança, já pensando na próxima eleição. Nesses 4 anos, fez cartões para a comunidade no Natal, na Páscoa, no Dia das Mães. Criou um grupo de mulheres; criou a ADREC Amigos do Bem, uma associação para jovens que completou 14 anos e até hoje faz trabalhos na comunidade e entrega em torno de 1500 cestinhas de Natal para as crianças na chegada do Papai Noel.

Em 2016 ela saiu como candidata a prefeita, novamente, e, nesse momento, ganhou as eleições com uma diferença de 1300 votos, em um município de 9906 munícipes (IBGE 2020), assumindo então seu mandato em 2017.

Sônia sofreu diversas ameaças de morte, teve que andar com escolta, teve 5 pedidos de cassação movidos contra ela e 29 processos. Em todos os processos ela foi inocentada na justiça. Mesmo tendo sofrido muito nesse mandato, ela resolveu tentar a reeleição em 2020, pois sentia que poderia fazer ainda mais pelo município, e pela população. Ela foi reeleita.

A prefeita relatou que Monte Carlo tem na cidade 3 mil propriedades e 800 delas não estavam com registro legal, era somente contrato de compra e venda. Ela buscou regularizar tudo isso. Nas palavras dela, *"nós estamos fechando a entrega das escrituras para todos, transformamos 100% da cidade em iluminação LED, fizemos parques municipais, que não existiam, calçadão, hospital, escolas novas, muito avanço na infraestrutura da cidade, com asfalto, com calçamento"*. Além disso, na área do interior compraram 12 implementos agrícolas.

Em relação a políticas efetivadas para mulheres, ela conta, com tristeza, que o número de violência no município é muito alto e que criaram *"grupo de incentivo, de formação, de profissão, de independência, de psicólogos de orientação"*, mas que nem sempre são procurados e não conseguiram encontrar a raiz do problema ainda.

Sônia se orgulha muito de ser uma prefeita presente na vida da comunidade, está sempre em festas, supermercados, aniversários, batizados e demais eventos. Ela ressalta como é importante gostar e estar com a comunidade.

Como planos de carreira política futura ela conta que estava assumindo, em julho de 2024, a presidências estadual do PSDB mulher e quer estar na rua, na estrada com um projeto:

meu projeto vai ser encontrar, iniciar por todas as cidades onde teremos prefeitas, vereadoras e mulheres, né, envolvidas na política. E vou ir na cidade dela, motivar elas, contar como é que faço, tendo a minha história como base, envolver e fazer com que mais mulheres se posicionem e se coloquem como candidata porque a mulher faz, sim, toda a diferença na política por nossa visão, pela nossa sensibilidade, pelo nosso poder de organização, pelo nosso poder de condução de equipe.

Como recado a mulheres e jovens, ela diz:

Então fica a minha mensagem para dizer que a sociedade brasileira, de maneira geral, clama urgentemente por mais mulheres na política. Se levantem, eu tenho certeza de que cada uma de nós pode contribuir de alguma maneira, [...] isso porque a líder que não ouve seu povo, não pode ser líder da população. A líder tem de ouvir as demandas para que ela possa, sim, de fato, ser a representante dela.

MUNICÍPIO DE PALMEIRA

FERNANDA DE SOUZA CÓRDOVA



Fernanda de Souza Córdova foi prefeita da cidade de Palmeira, SC, de 2017 a 2020 (PR), reelegendo-se para o mandato de 2021 a 2024 (PL). Foi vereadora por quatro anos, de 2013 a 2016 (MDB), exercendo, inclusive, o papel de presidenta da Câmara. Cursou Técnico em Mecânica Industrial, graduou-se em Administração pela UnifACVest, e tem MBA em gestão de negócios, pela FURB. Antes de entrar na vida pública, trabalhou durante sete anos em uma metalúrgica e dez anos em uma empresa multinacional. Possui uma trajetória marcada pelo trabalho e compromisso com a população. Uma de suas principais lutas é a defesa pela Educação pública, com qualidade.

Fernanda de Souza Córdova nasceu em 17 de fevereiro de 1982, e quando tinha um ano de idade sua família se mudou para o interior do município de Palmeira, SC. Cresceu ali, no interior, e veio de uma família bastante humilde, que enfrentou muitas dificuldades. Ela conta que sua mãe tinha um sonho para ela: *“você tem que estudar para não passar as dificuldades que eu passei, eu quero que você estude”*.

Tentou seguir o sonho da mãe, e relatou como era difícil, na época, pois não havia transporte escolar e morava longe, sendo que a escola mais próxima, com curso até a quarta série, ficava a 4 ou 5 km de sua casa. Assim, com 11 anos, para continuar os estudos, foi morar com a tia, em Otacílio Costa, SC. Para pagar a estadia, ajudava nas tarefas de casa. Um tempo depois, foi morar com outra tia, em

Lages, SC, conforme depoimento: *"estudava e trabalhava como babá na casa da tia cuidando da sua filha pequena. Foi bastante difícil viver longe de casa, naquela época, era muito longe da família, não tinha ônibus, não tinha telefone para ligar para a família, então, às vezes, ficava meses sem ver a mãe, era bem triste"*.

Após terminar o Ensino Médio, Fernanda cursou Técnico em Mecânica Industrial, conciliando o trabalho com o curso. Trabalhou 7 anos em uma metalúrgica, primeiro como estagiária e depois como contratada. Mais tarde, Fernanda graduou-se em Administração, e trabalhou por 10 anos em uma multinacional, a fábrica de papel (papelaria) Klabin. Indo e vindo para o trabalho, observava os problemas do município, o descaso dos políticos que estavam na administração: *"meu Deus, as pessoas que assumiam os cargos não têm conhecimento, eram pessoas despreparadas"*, e começou a pensar de que forma poderia contribuir para melhorar a cidade. Com 28 anos de idade, candidatou-se a vereadora, pelo MDB, partido indicado por seus vizinhos que sempre se envolviam com política, e foi eleita.

Nessa campanha, Fernanda teve o apoio do pai, mãe e irmã, e de seu esposo, que trabalhava na AMBEV. Mesmo com o apoio da família, que achou uma loucura ela se candidatar, foi difícil porque *"as pessoas desacreditavam, diziam: 'mas essa mulher? Quem é essa mulher?'"*. Fernanda não era muito conhecida no município porque trabalhava fora, e só ia para a cidade nos finais de semana. Relata que sofreu muitos preconceitos por ser mulher e querer assumir um cargo na política. Na campanha, teve que escutar frases do tipo *"essa não vai fazer nem o número do sapato"*. Teve muito apoio de seu marido, que a acompanhou durante a campanha: *"o apoio do meu marido me ajudou muito, pois a figura masculina ao meu lado fez toda a diferença!"*.

Nos anos em que foi vereadora, continuou trabalhando na mesma empresa, conciliando as duas funções. Fernanda era a única mulher na Câmara de Vereadores e chegou a ser presidente da

Câmara por um ano. Mas sentia que as pessoas não acreditavam no seu trabalho, quando refletiu: *"dá para fazer mais, só como vereadora eu não consigo fazer muita coisa, porque vereadores não têm muita autonomia"*. Essa reflexão motivou-a a candidatar-se a prefeita.

Para concorrer, Fernanda teve que trocar de partido, e se filiou ao PR, atual PL, conforme depoimento: *"Construímos um partido, eu avisei o prefeito, o vice-prefeito, na época, que a gente iria montar um partido para se organizar. Porque eu vi que a gente não teria oportunidade dentro do MDB. É um partido mais conservador, de políticos mais antigos, mais velhos, tinha certa resistência"*. Nesse momento, algumas lideranças migraram de partido juntamente com ela.

O PR fez coligação com o PP. Desse modo, o vice de Fernanda foi do PP. A campanha foi difícil, pois a concorrência estava no poder e ela conta que todo mundo dizia *"mas você não vai conseguir, nem adianta, porque aqui sempre teve a reeleição, os prefeitos sempre se reelegeram"*.

Fernanda sofreu perseguição nas últimas semanas da eleição, conforme relato:

a minha irmã morava em Lages e veio ficar a última semana comigo. A família veio ficar pertinho porque era aquela violência, perseguições. Minha irmã deixou o carro na frente da casa, e no outro dia o carro amanheceu com os pneus todos cortados a faca, cortaram todos os pneus.

Com a divulgação dessas violências políticas nas mídias, a oposição perdeu força e eles ganharam a eleição com a diferença de 376 votos, a maior diferença da história do município, que conta com 2561 munícipes (IBGE, 2022b).

A prefeita contou sobre suas principais realizações, destacando o término da construção de uma creche e de uma capela mortuária municipal. Ainda, no quesito infraestrutura, informou sobre a reforma de todas as escolas. No final do primeiro mandato e antes de concorrer à

reeleição, Fernanda e o esposo decidiram ter filhos, e ela engravidou de gêmeos. As duas meninas nasceram em dezembro de 2019 e a reeleição foi em 2020, portanto, no final da licença-maternidade começou a campanha. E veio a Covid-19.

A pandemia de Covid começou em fevereiro de 2020, e Fernanda voltou a trabalhar em junho de 2020, ou seja, ela retornou ao trabalho em meio à pandemia, praticamente já no início da campanha eleitoral. Assim, ela estava com dois bebês, uma pandemia e a reeleição e, felizmente, teve grande apoio do esposo, da mãe e da irmã.

Mesmo sendo um momento visto por muitos como difícil, não foi assim que Fernanda considerou. *"Foi só colher os frutos, vamos dizer assim, claro que foi uma eleição de novo, mas a gente já sentia que a gente estava no caminho certo e que iria dar certo, foi bem mais fácil. Foi no meio da pandemia, não teve mais aquela violência, não teve nada"*. E na hora da eleição, os votos dobraram a diferença em comparação com a eleição anterior.

Além dos preconceitos relatados anteriormente, sofreu violência digital. Criaram diversas *Fake News* sobre sua administração, sobre as pessoas que trabalhavam com ela, sobre os secretários, principalmente. Para acabar com esse tipo de violência, Fernanda foi à polícia e exigiu retratação dessas pessoas.

Fernanda orgulha-se que, em seu segundo mandato, novas empresas se instalaram no município, gerando mais empregos. Também foi construído um portal no parque e um complexo educacional para os alunos terem espaço para atividades culturais, musicais, entre outras. Foi construído um novo prédio para o CRAS – Centro de Referência em Assistência Social, foi trocada a iluminação e a cidade está com quase 90% de pavimentação asfáltica.

Em relação aos seus projetos futuros, pretende permanecer na política: *"posso ser uma candidata a deputada, no futuro"*. Porém, no momento, seus planos são cursar uma pós-graduação em gestão

pública: *"quero fazer, para me aperfeiçoar ainda mais, melhorar, e eu tenho sonho, sim, de crescer politicamente".*

Como mensagem a futuras mulheres interessadas em assumir cargos políticos, Fernanda compartilha: *"hoje eu cresci como pessoa, como mulher, como política, então, é esse recado que eu tenho para dizer. Acredite em você. Independentemente de onde você vem, corra atrás, há muito trabalho".*

MUNICÍPIO DE PARAÍSO

MARLENE FURLAN GIACOMINI



Marlene Furlan Giacomini foi a primeira prefeita mulher na cidade de Paraíso, Santa Catarina, gestão 2021 a 2024 (MDB). Sua vice-prefeita também foi mulher: Silene M. B. Libero, e da mesma forma as Secretarias (do município) de Administração, da Saúde, da Assistência Social, e da Educação foram chefiadas por mulheres. Marlene é graduanda em Pedagogia, servidora pública, com atuação no Centro de Referência e Assistência Social – CRAS, na mesma cidade.

Marlene Furlan Giacomini nasceu em 1969, no município de Paraíso, que, na época, era um distrito de São Miguel do Oeste, e concretizou sua emancipação há 31 anos. Ela cresceu numa família simples, que sempre lutou para sobreviver. Marlene era a mais velha de quatro irmãos, duas meninas e dois rapazes. Estudou até o quinto ano, quando o pai a tirou da escola para ajudar a trabalhar entre a casa, a lavoura, e o cuidado dos irmãos. Saiu de casa quando se casou, aos 18 anos, tendo dois filhos que, atualmente, estão com 32 e 29 anos de idade. Dedicou-se à família até recentemente, e, conforme conta:

Há sete anos, eu comecei a acordar para a vida, estava com depressão, eu e meu marido havíamos perdido tudo o que a gente tinha, tivemos que começar do zero, e nessa época eu comecei a trabalhar como secretária de assistência social. Chegando lá as meninas me acolheram tão bem, começaram a me incentivar a estudar.

Na época, Marlene prestou concurso para “serviços gerais”, foi classificada, e começou a trabalhar em escolas. A partir daí, voltou a estudar: Ensino Fundamental, Ensino Médio, e iniciou Pedagogia no Ensino a Distância, em São Miguel do Oeste, porque o seu sonho era trabalhar com crianças. Fez um concurso para auxiliar de creche, na cidade vizinha de São Miguel do Oeste, foi chamada, mas não pôde assumir porque já tinha sido eleita prefeita de Paraíso.

Sua aproximação da política deu-se por meio do marido. Segundo Marlene,

Eu conheci o meu marido aqui mesmo, a gente saía junto e acabou se apaixonando e se casando. Nenhum de nós, nem nossos pais se envolveu em política, mas sempre tivemos um bom relacionamento aqui na comunidade, sempre olhando para o próximo, essas coisas do coração, de ser bom para as pessoas. Aí, do nada, foi feita uma pesquisa na época, para candidato a prefeito, e o nome do meu marido ficou em primeiro lugar. Foi uma surpresa, ele não quis aceitar, ele não era disso, trabalhava em uma madeireira, nunca se envolveu em política. Aí ele concorreu e ganhou as eleições para prefeito.

Ele permaneceu por dois mandatos. Em seguida, outro prefeito assumiu e, na sequência, Marlene foi convidada a ser candidata a prefeita, e ganhou a eleição. Sua gestão é composta de duas mulheres, ela e a vice-prefeita. Marlene recorda que nunca teve envolvimento político, nem tinha interesse pela política. O candidato era para ser seu marido, novamente, porém, durante sua última gestão de prefeito, sofreu um processo por “desvio de função de um funcionário”, então não poderia assumir. Quando chegou a hora de escolher um nome, o MDB indicou o seu. A vice foi escolhida por ser muito conhecida no município, foi professora efetiva por muitos anos, no município, e vereadora por três mandatos. Conforme depoimento de Marlene: “no começo foi um susto para os eleitores aqui do município, porque nunca teve uma mulher de candidata a prefeita, muito menos duas!”.

A campanha foi durante a pandemia, foram de casa em casa. No começo, sentiram um pouco de rejeição, por serem duas mulheres. Marlene recorda que, na primeira semana, visitaram uma senhora que falou: *"eu apoio vocês, estou com vocês, mas o meu marido não; ele disse que onde já se viu uma mulher ser prefeita!"*. Mas pouco tempo depois, Marlene ficou feliz em ver o seu adesivo (propaganda eleitoral) no carro dele. Outra pessoa falou: *"eu não vou votar em vocês porque lugar de mulher não é na prefeitura, não é na política"*. Houve uma pessoa que falou que lugar de mulher é na cozinha. O marido e os filhos foram os grandes suportes da campanha, apoiaram-na muito: *"eles eram os meus maiores admiradores, então me senti fortalecida, recebi o maior apoio da minha família, continuam me apoiando até hoje"*.

Na Câmara de Vereadores, o partido de Marlene também tem maioria. Ela destaca que *"eles me apoiam muito, são parceiros, a gente conversa muito, temos um bom entendimento, toda vez que tem sessão eles conversam comigo, perguntam o que eu acho disso, daquilo, é uma maravilha o entendimento com os vereadores"*. Em relação aos assessores e secretários, Marlene e a vice-prefeita optaram em renovar, colocar pessoas novas, somente dois secretários são homens, o da Agricultura e o de Obras; as demais Secretarias são ocupadas por mulheres: a da Administração, da Saúde, da Assistência Social, e da Educação. Marlene externa sua satisfação ao falar:

Hoje, muitas pessoas que, antes, não me apoiavam, falam 'as mulheres estão surpreendendo, as mulheres são dez, as mulheres têm que se eleger de novo', a gente recebe muito apoio. Nesses dias fomos em uma festa do idoso em outro município e diziam 'eu queria tanto te conhecer, eu ouço tanto falar do teu trabalho, vocês são demais, nós temos que colocar uma mulher aqui no nosso município também'. Isso é muito gratificante.

Em relação aos principais feitos e o legado que Marlene está deixando para o município de Paraíso, destaca-se a implementação

de um Posto de Saúde; antes, as pessoas tinham que se deslocar até Florianópolis e outros municípios para consultas e fazer tratamentos; ou ir até a UPA³⁶ de São Miguel do Oeste, que fica a 25 quilômetros. Atualmente, tem plantão 24 horas no Posto de Saúde e, conforme declaração de Marlene:

Sai bem caro para o município. Por conta de uma determinação judicial, tivemos que terceirizar: das 7 da manhã às 7 da noite, o atendimento é com os funcionários daqui. Das 7 da noite às 7 da manhã, finais de semana, feriados, o plantão é terceirizado. Fizemos licitação e sai quase 120 mil por mês esse plantão, mas vale a pena.

Hoje, o município pode contar com um médico, uma enfermeira, uma técnica à noite, e o motorista de plantão.

Foi implantada uma área industrial no município, com cinco novas empresas, o que aumentou razoavelmente o número de empregos e a geração de renda, que era um dos objetivos da gestão de Marlene. Segundo ela: *"hoje falta mão de obra para as indústrias do município"*. A questão da habitação ainda precisa melhorar: não há casa para alugar; o que tem está alugado, porque o município se desenvolveu bastante. Existem três escolas municipais e creche em tempo integral para as crianças de 1 a 3 anos de idade, e as mães que trabalham têm preferência. Foram construídos dois ginásios de esportes, um no distrito da Grápia, razão pela qual estão acabando o asfalto que liga o município a esse distrito. Várias ruas foram calçadas e as pessoas estão reconhecendo o trabalho desta gestão. Outra área importante que está sendo apoiada é a agricultura. Conforme Marlene: *"a maior renda que a gente tem, além das indústrias, é a agricultura; estamos dando um apoio enorme, com incentivos, terraplanagem... Um programa que a gente tem é 'da porteira para dentro', para quem produz leite, que aqui é a maioria"*. A maior parte são pequenos agricultores que precisam desse apoio e, somando, eles representam

a maior renda do município. Como política pública para as mulheres, no município existe uma delegacia que atende mulheres em situação de violência, mas o suporte maior é o Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), com programas voltados para mulheres.

Como planos futuros de engajamento político, Marlene pretende se reeleger,

até por causa do trabalho que a gente está fazendo, acabei gostando, estando aqui consigo ajudar muitas pessoas. A gente sabe que nem tudo se pode fazer, mas muitas vezes aparecem pessoas desesperadas, com problemas de saúde, e como a gente é muito humana, acaba ajudando.

Sua mensagem final para meninas e mulheres que pretendem se candidatar a um cargo político é:

Nunca é tarde para a gente tentar fazer aquilo que gosta. A gente precisa da política para viver, a gente precisa usar a política para o bem. Entrem para a política, participem, busquem um cargo, concorram, busquem um lugar onde possam se destacar. Não tem coisa mais gratificante que você chegar em casa, à noite, cansada, e lembrar de uma pessoa que te pediu ajuda, e tu conseguiu ajudá-la. Engajem-se na luta, vão procurar algum espaço, procurar os direitos, e mostrar para as pessoas que somos capazes. Muitas vezes as mulheres enxergam mais, além dos homens. Eu dou o maior apoio para quem está começando: não desistam, se envolvam na política, nas lutas sociais, se envolvam em tudo o que puderem para que as mulheres possam sair mais fortalecidas.

MUNICÍPIO DE RANCHO QUEIMADO

CLECI APARECIDA VERONEZI



Cleci Aparecida Veronezi foi prefeita de Rancho Queimado nas gestões 2017 a 2020 (PMDB) e de 2021 a 2024 (MDB). É professora formada em Educação Especial pela UFSC (2001). Atuou como professora e diretora até iniciar sua carreira política como vereadora. Há 20 anos trabalha como professora efetiva de Educação Infantil, na Prefeitura de São José/SC. Em suas gestões o bem-estar dos munícipes são sua prioridade, por isso, investe muito em Saúde, Educação, Lazer e Assistência Social.

Cleci Aparecida Veronezi nasceu em 1978, no município de Lages, em uma família de seis irmãos: duas mulheres e quatro homens, sendo um deles adotado. Os pais eram agricultores, e mudavam muito de cidade porque trabalhavam com erva-mate na região serrana. De Lages foram para Bocaina do Sul, depois para Bom Retiro, e quando Cleci tinha 11 anos de idade se estabeleceram em Rancho Queimado. Ela estudou em escola multisseriada e lembra que tinha que andar muito longe para chegar à escola, iam de pé descalço, cada um tinha uma “conga” (marca de tênis) que carregava, e quando chegava perto da escola lavava o pé num olho d’água, secava e colocava a conga. Quando dava geada, tinha uma professora que fazia merenda no fogão a lenha e deixava os alunos ficarem ali se esquentando, perto do fogão. Nos períodos de férias e final de semana, os filhos ficavam embaixo de uma lona e ajudavam o pai na erva-mate, que era o sustento da família. Quando a família foi para Rancho Queimado, Cleci já cursava a sexta série. Aos 15

anos de idade conheceu o primeiro namorado na Escola e aos 17 anos já estava noiva. Conforme depoimento de Cleci: *"então, noivei, e quando fui fazer o curso de noiva em Angelina, eu disse, meu Deus, isso não é para mim! Aí eu contei para minha tia e ela me encorajou a terminar o noivado"*.

Terminou o Ensino Médio em Rancho Queimado, fez Técnico em Magistério e começou a dar aula para as crianças com deficiência. Trabalhava em sala multidisciplinar, com cegos, surdos, crianças com autismo e com deficiência mental. Em 1998 se casou e foi trabalhar na Fundação Catarinense de Educação Especial, no município de São José. Motivada com o trabalho nesta área, cursou Educação Especial na UFSC, em 2001, na primeira turma do "Magister", um Projeto que selecionava professoras de todos os municípios de Santa Catarina, e Cleci foi contemplada para essa turma de Educação Especial. Apesar de trabalhar em São José, sempre manteve atividades relacionadas a crianças com deficiência em Rancho Queimado. Alguns anos depois, Cleci fez concurso para a Prefeitura de São José, onde é professora efetiva há 20 anos, deixou a Educação Especial para trabalhar com Educação Infantil.

Em relação a como entrou na política, Cleci, fala de seu avô:

Meu avô era o maior cabo eleitoral da região da Bocaina. Ele tinha 14 filhos, então imagina quantos votos! Além disso, ele tinha uma mula e saía a pedir votos na época de eleição, e eu gostava de ir junto. No horário do meio-dia, tinha horário eleitoral no rádio, ninguém podia fazer barulho na cozinha, o avô ficava na frente do rádio escutando e eu corria para o colo dele para ouvir também.

E mais tarde, quando cursava Magistério, Cleci deixava uma fita cassete gravando o horário eleitoral, para ouvir quando chegasse em casa. Ela lembra que o avô era cabo eleitoral do Esperidião Amim e do Raimundo Colombo que, na época, eram do PSD. Mas Cleci foi convidada, inicialmente pelo PMDB, porque, segundo depoimento: *"fui convidada pelo grupo de pessoas com que eu tinha*

mais afinidades, eu já fazia trabalho voluntário na prefeitura, PMDB, então me convidaram para ser candidata a vereadora, isso em 2012”.

A eleição foi em 2012 para assumir em 2013. Cleci ficou como primeira suplente, faltaram cinco votos para se eleger. Depois de um mês e meio, um vereador faleceu e Cleci foi chamada, mas já estava em São José, trabalhando como diretora de escola. Pensou bem, queria desistir da política, seu marido não a apoiava. Na época, ele falou para suas filhas: *“diz para a mãe que ela tem que escolher entre a política ou nós”.* Cleci respondeu: *“eu já escolhi, eu escolhi a política e as minhas duas filhas”.* Lembra que, na época, foi muito incentivada pela vereadora Méri Terezinha de Melo Hang³⁷ (PSD), de São José, que a inspirou e a encorajou a assumir. Cleci foi para Rancho Queimado e, na ocasião, a oposição na Câmara era formada por ela e mais um vereador, e, depois de dois anos, Cleci assumiu a presidência da Câmara. Em 2016, Cleci candidatou-se a prefeita da cidade e, após vencer as eleições separou-se do marido, mas sempre teve apoio da rede familiar para criar as filhas.

Em relação a preconceitos e discriminações que sofreu enquanto candidata mulher, relatou que, quando se candidatou a prefeita, não teve apoio nenhum do partido, até riram dela. Quando insistiu que queria ser candidata a prefeita, não acreditaram: *“mas como, você?”.*

Começaram a falar mal de mim, falaram coisas terríveis, mentiras, calúnia, difamação, aquele negócio nojento! Fomos para o voto da convenção, o meu adversário já tinha alugado carro de som, já tinha reservado local para o jantar de comemoração, porque, no pensamento dele, eu jamais ganharia. E eu ganhei 20 votos e ele 13 votos, e comemoraram na convenção: agora é a Cleci! Ele não se conformou,

37

Em 2020, foi eleita no seu quarto mandato, como a segunda vereadora mais votada do partido (PSD). Assumiu como Presidente da Câmara de Vereadores no ano de 2021, onde cumpriu seu mandato até dezembro de 2022. Em 2023, retornou a ocupar o cargo de vereadora até dezembro de 2024.

ficou atormentando, foi falar com os deputados, foi para o diretório do estado, dizendo que não podia ser eu, me incomodou até o dia das eleições, foi muito difícil.

Cleci foi a primeira mulher prefeita da cidade e já está no segundo mandato, ambos pelo PMDB. Atualmente, das dez cadeiras da Câmara, sete vereadoras são mulheres, e três são homens. Cleci lamenta que, na campanha para prefeita, e mesmo depois de eleita, foram as mulheres que mais fizeram fofocas, chacotas, tentando desqualificá-la. Ela levou as questões até o Ministério Público, fez Boletim de Ocorrência, e obrigou as mulheres a se retratarem.

Fiz algumas mulheres se retratarem e acho que isso as amedrontou. Eu dizia: 'olha, tu podes falar, podes não gostar do meu trabalho, podes me criticar, mas não fale o que não é verdade, porque falou o que não é verdade, tu vais se retratar. Se você fizer uma injúria ou difamação, eu levo para o Fórum.' Até hoje levei 8 pessoas para o Fórum, e não me arrependo, infelizmente, a maioria foi mulheres.

Questionada sobre os principais feitos e conquistas para o município de Rancho Queimado, Cleci responde: *"me capacitei na busca de recursos para cuidar mais das pessoas. Rancho Queimado é uma cidade pequena, ganhamos projetos em nível nacional, ganhamos o prêmio, ficamos em primeiro lugar no Brasil em compostagem, reciclagem, na questão do meio ambiente"* Em relação às mulheres, Cleci levou para o município ginecologista, pediatra e psicóloga. Construiu postos de saúde nos diferentes distritos, inseriu transporte para levar as pessoas a fazerem consultas especializadas em outros municípios e na capital, fez uma piscina de hidroterapia comunitária para as pessoas que têm problemas na coluna, joelho e outros membros, que atende cerca de mil e duzentas pessoas por mês. Implementou um Centro de Atendimento Especializado (CEL) em tratamento dentário, de canal, e prótese dentária. Organizou o Plano Diretor com parcelamento de solo, investiu na questão turística e na segurança. Conforme depoimento de Cleci, *"alguns meses atrás, a*

minha aprovação estava 98%, hoje está 92%. Se vocês forem olhar, a maior aprovação do Estado como gestora é a minha".

Atualmente, Rancho Queimado é a capital catarinense do morango, e Cleci está desenvolvendo um projeto de pesquisa com a UDESC, de cultivo de uma muda de morango chamada RANDOCE – Rancho Queimado Doce. Comprou 125 mil mudas de morango para distribuir para os agricultores: o agricultor compra cada muda por R\$ 2,00 (dois reais). Cada agricultor ganhou cerca de 3.600 mudas de morango para a sua propriedade. Cleci mostra o quadro que está em seu gabinete com a lista de mais cinco projetos, para os quais está em busca de financiamento, e tem ido frequentemente à Brasília, em busca de recursos.

Para encerrar, Cleci diz:

Quando a gente tem vontade, a gente pode mudar a vida das pessoas. Existe a política e a politicagem. E eu gosto da política porque ela permite mudar a vida das pessoas, dá para fazer a diferença. Quando acabar o meu mandato, pretendo ir para a Associação dos Municípios, ajudar os prefeitos dos 22 municípios da região a captar recursos, mas também deixo meu nome à disposição para candidata a deputada. Deixo um convite especial para as mulheres: venham participar da política, venham fazer a diferença. As mulheres têm capacidade, as mulheres fazem toda a diferença na política. Então venha você também participar da política do nosso Estado!

MUNICÍPIO DE SALETE

SOLANGE APARECIDA BITENCOURT SCHLICHTING



Solange Aparecida Bittencourt Schlichting foi a primeira prefeita mulher do município de Saleté, SC, e permaneceu por duas gestões: de 2017 a 2020 (PR) e de 2021 a 2024 (PL). Em 2023, foi vice-presidente da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí – AMAVI e, em 2024, tornou-se a primeira mulher a ocupar a presidência da entidade. Trabalhou por 20 anos na empresa SECAMAQ38. Atuou na diretoria da APAE39, participou do Rotary Clube Feminino e do Clube de Idosos. Em sua gestão, tem como prioridade a Educação, Saúde e Assistência Social.

Solange Aparecida Bittencourt Schlichting, popularmente conhecida como “Chica”, nasceu em 23 de novembro de 1969, na Fazenda São Jacó, localizada em Passo Manso, no interior do município de Taió, Santa Catarina. Aos dois anos de idade, sua família mudou-se para a cidade, atraída pela oportunidade de trabalho de seu pai em uma serraria.

Naquela época, era comum as empresas oferecerem moradia aos empregados, e os seis irmãos contribuíam com tarefas simples, como empilhar madeira. O pai de Chica passou a ser caminhoneiro,

38 Empresa que atua “na fabricação e desenvolvimento de caldeiras para geração de vapor, aquecedores de fluido térmico, geradores de gás quente, estufas para secagem de madeira e equipamentos de transferência de calor. Sediada em Saleté, Santa Catarina”. Disponível em: <https://www.secamaq.com.br/#:~:text=Empresa,ao%20desfrutar%20de%20tecnologias%20competitivas>.

39 Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

transportando toras por diferentes regiões. Sua mãe, dedicada, cuidava do lar e dos filhos com amor e determinação.

Desde muito jovem, Chica demonstrou uma personalidade resiliente e trabalhadeira. Aos 12 anos, começou a trabalhar como babá para ajudar no sustento da família. Pouco depois, tornou-se empregada doméstica, na casa de um casal, donos de um laboratório onde foi incentivada a fazer um curso de datilografia e, aos 14 anos, começou a atuar no laboratório.

Paralelamente, Chica conciliava o trabalho com os estudos, mas representava desafios típicos de sua época. Seu pai acreditava que as mulheres não precisavam estudar, priorizando a educação dos filhos homens. Apesar disso, Chica concluiu o Ensino Médio, guiada por sua força de vontade.

O apelido “Chica” foi dado por sua mãe, com inspiração na personagem da novela “Xica da Silva”, famosa por seus cabelos crespos, característica que Solange também possuía. O apelido tornou-se sua marca, sendo usado por todos, exceto por seu marido, que a chama de Solange. Chica conheceu o marido em uma tarde dançante e casou-se aos 21 anos. No mesmo período, ela deu à luz seu primeiro filho, Roberto, e, dez anos depois, nasceu sua filha, Luiza. A família mudou-se para a cidade de Saleté, onde Chica começou a construir sua trajetória.

Chica sempre foi ativa em organizações sociais. Atuou na diretoria da APAE, participou do Rotary Clube Feminino e do Clube de Idosos, além de realizar ações solidárias em conjunto com sua irmã, que trabalha na área da saúde. Essas atividades a aproximaram da comunidade e consolidaram sua imagem como uma pessoa comprometida com o bem-estar social.

A transição para a política ocorreu de maneira inesperada. Em 2016, enquanto trabalhava na empresa SECAMAQ, que fundou com seu marido, envolveu-se na campanha de um funcionário que

concorreu ao cargo de vereador, eleito naquele ano. A forte conexão de Chica com a comunidade fez com que muitas pessoas manifestassem interesse em tê-la futuramente como candidata. Assim, foi convidada pelo deputado Maurício Eskudlark, no ano de 2016, para ingressar na política por meio do PR, (atual PL), tornando-se candidata a prefeita de Salete.

Eleita em 2016, Chica tornou-se a primeira mulher a assumir o cargo de prefeita de Salete. Durante a campanha, houve preconceito por ser mulher e empresária, mas sua determinação e proximidade com a população garantiram a vitória. Em 2020, foi reeleita com ampla aprovação, consolidando sua liderança com o lema “Salete ainda melhor”.

Chica priorizou, em seus dois governos, a saúde, a educação e a assistência social. Destacam-se sua gestão humanizada e obras marcantes, como a construção de uma grande escola com 12 salas de aula, reforma de todas as unidades escolares, pavimentações, nova ligação asfáltica e novos postos de saúde.

Além disso, foram implementadas ações voltadas para as mulheres, como a inclusão de mulheres em 90% da administração municipal, programas de prótese dentária e assistência à maternidade.

Em 2023, Chica assumiu a vice-presidência da Associação dos Municípios do Alto Vale do Itajaí (AMAVI), que representa 28 municípios e, em 2024, tornou-se a primeira mulher a ocupar a presidência da entidade por um mandato ininterrupto. Essa conquista reflete sua crescente influência política e liderança regional.

Chica é reconhecida por sua empatia, dedicação e espírito comunitário. Para ela, a política é um instrumento para servir às pessoas, sempre com humildade e vontade de trabalhar. Como mensagem, ela incentiva as mulheres a se envolverem na política, destacando a importância de se dedicarem com paixão e envolvimento à vida pública.

MUNICÍPIO DE SANTA CECÍLIA

ALESSANDRA APARECIDA GARCIA



Alessandra Aparecida Garcia foi prefeita de Santa Cecília, nas gestões 2017 a 2020 (PSB) e 2021 a 2024 (MDB). Formada em Fonoaudiologia pela UNIVALE40, possui Especialização em Psicopedagogia e Nutrição Clínica. Atuou como secretária de Assistência Social em Santa Cecília. Em sua campanha, sofreu violência política e, em suas gestões, priorizou os jovens, implementando um setor industrial para gerar emprego, melhorou as áreas da saúde, educação e habitação. É casada e mãe de um filho.

Alessandra Aparecida Garcia nasceu em 1972, no município de Cascavel, PR, e a família logo se mudou para São José dos Pinhais, PR, onde viveu até seus 8 anos, quando foi morar em Santa Cecília, SC, cidade onde os avós maternos residiam, e do qual mais tarde, se tornaria prefeita. Alessandra é a segunda filha de 4 irmãos. Passou a sua infância e adolescência em Santa Cecília, ajudando no comércio dos pais e nas tarefas domésticas de cozinha e limpeza, que sempre foram igualmente divididas entre os irmãos. Quando chegou a época de estudar para escolher uma profissão, seu pai era de um sistema antigo: os meninos podiam estudar fora, as meninas não. Só conseguiu fazer faculdade em Itajaí, porque o irmão ia junto, apesar de ser mais novo que ela – o pai só liberou porque foi com ele.

Formou-se, pela UNIVALE, em Fonoaudiologia, Psicopedagogia, Nutrição Clínica e Magistério, este que foi determinante em sua primeira profissão: *"eu tinha 16 anos e já comecei a dar aula numa escolinha particular"*. Alessandra gosta muito da comunicação, acha que comunicação é o horizonte de tudo para nós. Conforme seu depoimento,

foi a profissão de fonoaudióloga que abriu minha visão no feminismo. Quando eu faço o teste da orelhinha sempre digo que as mulheres falam muito, escrevem muito, gostam de pintar, mas os meninos, em contrapartida, têm a parte da localização, tem a parte da força. Então, como não se completar, né? Eu acho que os dois gêneros se completam muito e eu prezo por isso.

Sua trajetória política iniciou com seu pai, que sempre gostou e trabalhou como cabo eleitoral, conforme explica Alessandra: *"eu nasci totalmente política"*. Assim, a política sempre fez parte da sua vida, desde a escola, quando liderava as reivindicações. Seguindo a carreira de seu pai, foi cabo eleitoral-chefe, secretária de Assistência Social, primeira-dama e, em seguida, prefeita.

Foi na atuação de cabo eleitoral que conheceu seu esposo, Gilberto Carvalho, médico, que foi prefeito durante dois mandatos em Santa Cecília. Foi ele que indicou Alessandra: *"aceitei o desafio de substituí-lo e fui candidata, sem medo e sempre disposta a fazer o melhor pelo município"*. Nas primeiras duas eleições, Alessandra não se elegeu, mas nunca desistiu e, na terceira tentativa, em 2016, conquistou a vitória. O município de Santa Cecília localiza-se na microrregião do Contestado e conta com 17004 habitantes (Município de Santa Cecília, 2025) e com 12272 eleitores (TRE, 2024a).

Alessandra tem uma trajetória política que a permitiu passar por diversos partidos: PSB, partido pelo qual se elegeu pela primeira vez, PDT, PMDB, sendo que, atualmente, integra o MDB. Suas bandeiras de luta sempre foram geração de emprego, saúde, educação,

moradia (habitação), com a finalidade de criar melhores condições de vida para as pessoas.

Encontrou dificuldades para se eleger, principalmente, durante a primeira campanha, porque as pessoas a associavam ao marido, conforme depoimento: *"diziam 'ele vai mandar na política dela, ela não sabe fazer as coisas, a mulher leva e busca ele na clínica todos os dias.' Todo mundo achava que eu era submissa a ele"*. Deste modo, aos poucos, Alessandra foi desconstruindo sua imagem na cidade, ganhando visibilidade e fazendo com que sua voz fosse ouvida em um município onde *"tem um problema histórico de compra de voto"*.

Sofreu violência política, xingamentos, palavras de baixo calão: *"colocavam a musiquinha 'A eguinha pocotó', que me deixava muito chateada"*.

Quando eu ganhei as eleições, para você ter uma ideia, eles me acusaram de um sequestro, que eu tinha sequestrado uma pessoa, colocado no porta-malas do meu carro, armado todo um esquema, assim, de coisas horríveis, com BO, com tudo. Armaram uma cassação da minha candidatura, para poder exercer o direito que eu tinha, de ter sido eleita com a maioria da população, tive que recorrer à justiça de Florianópolis. Dois dias antes das eleições, meu adversário se deu um tiro, armou um tiro, para dizer que eu tinha mandado dar um tiro nele.

Alessandra revela que sempre foi religiosa, coloca Deus à frente de tudo e muitas vezes ora para que aconteçam coisas boas para o município: *"Eu sou evangélica, e muitas vezes vou naquele morro, da área industrial, e olho para aquela montanha de terra e digo, meu Deus, traz benção ao nosso município, traga emprego para a nossa população (...)"*. Alessandra conseguiu muitos progressos para o município: abriu portas para o trabalho, gerando emprego e renda, melhorou a Educação e a Saúde, e conta que seu lema de campanha sempre foi *"Surpreender é melhor do que prometer"*. Assim, dentro das possibilidades, foi fazendo o melhor pelo município.

Quando se elegeu, comprou uma área industrial com o dinheiro correspondente ao primeiro IPTU⁴¹ da cidade, abrindo as portas do município para o quesito “trabalho e emprego”. Conforme depoimento de Alessandra,

emprego é a porta, não adianta [...], as pessoas querem trabalho, você tem que criar oportunidades. Caçador fica a 80 quilômetros da nossa cidade. Todas as noites saem cinco ônibus com estudantes para Caçador. E o que que acontecia? Os nossos jovens se formavam e tinham que ir embora da cidade. E eu fui tão abençoada que veio uma empresa de Dubai que já empregou muitos jovens.

Em relação a políticas voltadas para as mulheres, em sua gestão, contou com a colaboração da Assistência Social: trabalharam muito, construindo uma rede de apoio forte para as vítimas de violência como, por exemplo, o aluguel social. Também foi construído, pela prefeitura, um Serviço de Acolhimento para Crianças na modalidade de Casa Lar, em parceria com uma empresa, que conta com quadra sintética e parquinho. Ao pensar no bem-estar dos idosos do município, também foi construído o Centro de Convivência do Idoso de Santa Cecília, garantindo o acesso dos idosos aos seus direitos. Alessandra implementou, ainda, um Centro para adolescentes, onde eles têm capoeira e outras atividades, em parceria com a empresa Guararapes, “que nos ajuda muito”. Em um prédio lindo, as crianças e adolescentes fazem refeições e atividades no contraturno.

Outra aquisição da qual se orgulha foi a compra de um aparelho de tomografia, conforme relato:

Era o dia 20 de dezembro, eu, sentada na minha mesa, chegou um senhor na minha porta, e disse, ‘prefeita, eles mandaram entregar esse papel para você, é um presente.’ Naquele dia, tinha sido vendida uma fazenda com pinus na cidade, um valor alto, com mais da metade em tributos, e deu para comprar o aparelho de tomografia. Eu disse para

o rapaz, 'isso aqui é um presente de Papai Noel', e contei para ele a história da tomografia. Ele contou para o patrão que comprou a fazenda, que por sua vez me ligou e disse, 'que bom eu poder fazer parte do seu sonho, prefeita'.

Entre outras conquistas, destaca o uso da Apostila "Aprende Brasil" para o curso Positivo, que é usada em todas as escolas municipais, conforme depoimento:

Meu filho saiu de casa com 13 anos para estudar fora, [...], para ele estudar em um colégio particular e ele fazer a medicina, [...]. E eu disse, essas crianças vão ter o mesmo nível de estudo que o meu filho teve e vão poder competir em pé de igualdade com os demais que estudam no Positivo em Curitiba.

Alessandra implementou cursos profissionalizantes para as mulheres, para que pudessem conquistar autonomia e liberdade financeira, construiu casas novas, com diferentes cores, fez reformas, com recursos do projeto "Minha casa, minha vida", para que as famílias pudessem ter um lar digno e aconchegante, com segurança. E fez casas para as mães que saíam do presídio voltarem a viver com os filhos.

Em 2017, quando iniciou como gestora, o município estava no Mapa da Pobreza e hoje se sente muito feliz e realizada, com um trabalho intensivo, além do novo Parque Industrial. Atualmente, a cidade está na posição econômica 83º no Estado e 20º em volume de exportações. Ela diz: "*nestes 8 anos contribuimos muito para a melhoria da economia e na qualidade de vida dos cecilienses, além de termos conquistado, nesta gestão, o maior pacote de obras de infraestrutura do município, totalizando 121 ruas e de pavimentação asfáltica, calçamentos e revitalizações*".

Nessa trajetória política, ela destaca como é importante "*ter uma postura, você tem que ser uma pessoa acessível, você tem que ser uma pessoa correta, tem que reunir sua simpatia, sua comunicação,*

conseguir conversar da mesma forma com uma pessoa simples e com uma pessoa graduada, com a mesma simplicidade".

Ao final, Alessandra nos deixou a seguinte mensagem:

A gente tem que saber que a gente é passageiro, que aquele é um espaço que nos foi dado durante um período e nesse período você vai fazer o melhor, você vai se dedicar ao melhor, mas não deixar isso tomar conta da tua cabeça, você tem que ter inteligência, você tem que ter humildade e você tem que ter sabedoria e fé, muita fé, eu tenho muita fé.

MUNICÍPIO DE SANTA TEREZINHA DO PROGRESSO

MARCIA DETOFOL



Márcia Detofol foi a primeira prefeita mulher da cidade Santa Terezinha do Progresso, SC, na gestão 2021 a 2024 (MDB). Formada em Farmácia pela UNOCHAPECÓ, trabalhou como farmacêutica durante muitos anos. Entrou na política seguindo a trajetória de seu pai, que foi prefeito da cidade por duas gestões consecutivas. Márcia assumiu a administração do município, com 3 milhões em dívidas. Mesmo assim, em sua gestão, finalizou a construção da creche, pavimentou estradas e investiu na melhoria da Saúde.

Márcia Detofol nasceu em 02 de novembro de 1986, em Campo Erê, SC, pois sua cidade pertencia a Campo Erê e lá não havia hospital. A família morava no interior, na linha Roncador. Quando ocorreu o desmembramento, em 1996, o local passou a pertencer ao município de Santa Terezinha do Progresso, município que conta com 2.576 habitantes (IBGE, 2024b).

Até os 11 anos de idade, Márcia morou na comunidade, no interior, e assim começou seus estudos, em uma escola multisseriada que ficava naquela localidade. Seus pais eram produtores de aves, então ela sempre acordava cedo para trabalhar, ajudar no aviário e depois ir para a escola. Ela e sua irmã faziam parte do trabalho manual de limpar cochos de ração e água. Nesse período, seu irmão mais velho já havia saído de casa, estava no colégio agrícola. Com 11 anos, ela foi morar na cidade, na casa de uma tia, para trabalhar com ela: *"Essa minha tia, então, quando meus pais casaram, ela foi morar*

com o pai e a mãe para cuidar dos meus dois irmãos mais velhos. Então, quando ela teve [uma] filha, a mãe precisava retribuir o favor que ela havia feito". Isso em 1996, depois, em 1997, a cidade foi desmembrada e teve como seu primeiro prefeito o pai de Márcia, que havia sido vereador em Campo Erê.

Sua família ficou morando mais um ano no interior, com o pai sendo o prefeito, mas, depois de um ano, eles mudaram para a cidade e Márcia, na época pré-adolescente, queria voltar para a casa dos pais, e assim o fez. Ressaltamos aqui que ela, tanto na casa da tia como na dos pais fazia comida, lavava roupa e exercia as demais tarefas de dona de casa.

Márcia sempre teve o apoio familiar para estudar, principalmente do pai, assim como todos os seus irmãos, mas, segundo ela,

só eu e a minha irmã estudamos, meus irmãos desistiram na metade, eles acabaram o segundo grau, o meu irmão mais novo, ele até foi para a faculdade, ficou dois anos, mas acabou desistindo, o meu irmão mais velho não quis, ele foi para o colégio agrícola na época, era até o oitavo, daí não foi fazer o segundo grau, mas desistiu, nunca gostou muito de estudar. E eu sempre tive aquele pensamento de que eu não queria depender de homem. Então, eu vou estudar, porque eu quero ter uma formação, eu quero ter uma profissão para não depender de homem.

Em busca dessa independência, Márcia fez 3 vestibulares: medicina, em que não foi aprovada, matemática, que cursou por 15 dias e, por fim, enfermagem, curso que fez por 2 anos, mas com que não se identificou. Dessa forma, mudou para farmácia, fazendo um ano do curso em Frederico Westphalen, RS. Depois, conseguiu transferência para Chapecó, SC, onde se formou. Durante esse tempo em Chapecó, ela iniciou seu trabalho em farmácia.

Márcia conta que sua entrada na política foi em um momento triste da história da família, depois que seu pai foi prefeito duas vezes – uma vez pelo PP e outra pelo MDB –, ficou afastado uma

eleição e voltou a ser prefeito – pelo MDB – e ele não quis tentar a reeleição. Acabou sendo preso por causa de política, devido a processos administrativos.

Quando ela o visitava na cadeia, o pai a incentivava a se candidatar porque o município precisava de liderança jovem. Assim como seu pai, seu namorado – também político, vereador de outro município – incentivou-a a se candidatar, e o nome dela foi lançado ao partido, MDB, que disse "*Márcia, se você fizer 10% do que o teu pai fez, o nosso município vai voltar a crescer. Então eles confiaram em mim pela trajetória que o meu pai tinha*". Ela conta que, quando ela passava nas casas, durante a campanha, as pessoas lhe falavam "*não, não vou votar para você, vou votar para o teu pai. Vou votar para o Itacir, não é para Márcia, vou votar para o Itacir*".

Durante a campanha foi bem tranquilo, por ser o momento da pandemia de Covid-19. Ela foi de casa em casa, e foi um diferencial no município, que sempre teve eleições marcadas por perseguição, difamação e tiro. Márcia conta que, antes de ser política, tinha sua farmácia e não se envolvia,

por mais que eu venha de uma família política, mas eu nunca tinha me envolvido, então eu era simplesmente a Márcia da farmácia, [...] então não havia o que as pessoas me difamarem, o que as pessoas falarem mal de mim, não havia esse motivo, foi realmente, foi uma eleição muito tranquila, muito diferenciada de todas as que nós já vimos, vivenciamos aqui na minha cidade.

A única coisa que relata é que se sentia deixada de lado por conta do vice, passarem-nas ocasiões em que visitavam as casas:

Alguns homens, assim, me deixaram de lado, não queriam conversar comigo, e sim com o homem, com o vice-prefeito. Então, muitas vezes, me deixavam sentada ali, chamavam ele para um outro canto pra conversar, ou, na conversa mesmo, não olhavam pra mim, só se dirigiam a ele."

A prefeita, até então candidata, recebeu pouco recurso do partido para a campanha, por ser um município pequeno.

Foi dessa forma que ela se elegeu e tornou-se a primeira prefeita mulher do município, e orgulha-se de muitas coisas, mas a de que mais se orgulha diz respeito à finalização da creche, que tinha sido começada na época de governo do pai, e havia passado dois outros prefeitos sem ter sido finalizada. Márcia contou: *"Então, essa obra em si traz muito orgulho para mim, porque as pessoas diziam que era uma obra que dois homens passaram e não terminaram, como que uma menina ia conseguir correr atrás e finalizar?"*. Além disso, ela se orgulha dos 7 km de pavimentação asfáltica feita no interior, assim como o calçamento em algumas localidades. Uma construção de sua gestão foi um auditório para reuniões, apresentações e demais coisas, e ainda *"compramos maquinários, não devemos um real, quitei as dívidas da prefeitura. Eu assumi uma administração com 3 milhões de dívida"*.

Além das conquistas relatadas acima, seu governo auxiliou muito a saúde; conseguiu levar muitas especialidades para o posto de saúde, como: clínico geral de 40 horas de trabalho, ginecologista, psiquiatra, e outras especialidades. Antes, as pessoas precisavam deslocar-se para outros municípios para conseguir atendimento.

A prefeita relata uma difícil situação na Câmara dos Vereadores, pois três vereadores eleitos do partido foram caçados nos primeiros 10 meses de gestão. Desta forma, ficou sem o apoio deles. Apesar das dificuldades, ela se orgulha ainda mais do que foi realizado.

Na questão de políticas especiais para as mulheres, Márcia conta que não conseguiu fazer muita coisa e que não teve apoio para essas políticas. Afirma que não há muitos casos de violência que cheguem à assistência social. Entretanto, ela informa que aparecem muitos relatos sobre violência contra as crianças e adolescentes,

por isso ela tem feito consórcio com outros municípios para ter casa para acolher essas crianças. Márcia, quando concedeu a entrevista ao projeto, era pré-candidata a reeleição pelo partido e comentou sobre seus futuros objetivos: prestar mais atenção às políticas voltadas para mulheres é um deles.

A prefeita falou da dificuldade de contar com a presença de mulheres na política devido aos maridos e parceiros se oporem. Ela tem a sorte de ter o apoio do seu noivo, que a apoia e ajuda em casa. Eles não têm filhos. Ela explica que, nas cidades pequenas, o machismo é muito presente e que se considera que o lugar das mulheres é o espaço privado: no cuidado com a casa e filhos. Nesse sentido, ela influencia meninas/mulheres a entrar na política:

Então, eu digo que nós mulheres devemos, sim, nos unir uma para dar força para a outra, para nós conseguirmos fazer um mundo melhor. E o mundo melhor só vai ser transformado através da política, porque a política é o nosso dia a dia. A política é a nossa igreja, é a nossa religião, é a nossa escola. Sim, nós mulheres precisamos nos envolver nisso. Porque a política não é coisa só de homem. A política é nossa vida, é o nosso dia a dia. E todas nós precisamos tomar essas decisões.

MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO DO SUL

SISI BLIND



Sisi Blind foi prefeita da cidade de São Cristóvão do Sul, de 2013 a 2016 (PP), sendo reeleita para o mandato de 2017 a 2020 (PP). É formada em Teologia, com Mestrado em "Teologia Prática", e atuou como Pastora. Participou do Núcleo de Mulheres da Teologia, e da Cátedra de Teologia Feminista na Escola Superior de Teologia. Atuou como secretária de Saúde, foi presidenta e diretora da Federação Catarinense de Municípios - FECAM, foi presidente da Associação de Municípios da Região do Contestado (AMURC) e, atualmente, é empresária e Pastora voluntária.

Sisi Blind nasceu em 1964, na localidade de Nova São Paulo, distrito de Colmeia, "no interior do interior" do município de Rio das Antas, que fica próximo a Caçador, SC. Foi prefeita da cidade de São Cristóvão do Sul, de 2013 a 2016. Sua família era de agricultores, e Sisi nasceu em casa, no tempo das parteiras, e conta que demorou a nascer. Sua família era composta de quatro filhos: duas meninas e dois rapazes. De tradição evangélico-luterana, participava das celebrações, "então, era casa e igreja!". De acordo com Sisi,

uma igreja muito tradicional, que influenciava o entendimento do pai e da mãe, de que a mulher tinha que ser submissa, tinha que ser serviçal. Lembro de um episódio, de quando eu era criança, uma mulher veio de São Paulo e foi para a igreja participar da celebração, o pastor a mandou sair da igreja porque estava de calça comprida, de 'eslaque'.

Na época da infância de Sisi, não tinha telefone e as notícias que recebiam chegavam pelo rádio. A energia elétrica chegou

na comunidade em 1978, quando Sisi tinha 14 anos. Era um mundo bastante restrito, porém ela lembra que sempre foi uma criança, e depois uma jovem com um ímpeto diferente, não aceitava a lógica patriarcal da família, era contestadora e não queria seguir a tradição considerada normal na comunidade: *"para as mulheres, cabia uma máquina de costura, uma vaca e um bom marido"*. Sisi insistiu com os seus pais que queria estudar. Fez o primário numa escola isolada (multisseriada), a seis quilômetros de casa. Tinha que ir caminhando, não tinha transporte. Quando passou para o segundo grau, com o apoio do pastor que ajudou a convencer os pais, foi estudar em um internato, uma escola evangélica (que fornecia bolsa de estudos) em Ivoti, perto de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

Nos três anos de internato (duração do Ensino Médio) Sisi só podia visitar os pais duas vezes por ano – em julho e no Natal – porque a passagem era muito cara. Ela lembra que eram em torno de 260 estudantes, todas jovens na mesma situação, de origem agrícola, e tinham muita identificação entre si. Quando terminou o Ensino Médio, ficou sabendo que mulheres também podiam ser pastoras, e foi cursar Teologia na Faculdade Luterana de São Leopoldo, também com bolsa de estudo. Durante o Curso de Teologia, em 1989, Sisi fez um intercâmbio na Nicarágua, trabalhando junto aos refugiados salvadorenhos pela Igreja Evangélica. Formou-se como pastora em 1990 e foi designada para trabalhar em Curitibanos, SC. Naquela época, era muito raro uma mulher pastora, e quando Sisi chegou à comunidade (com 24 anos de idade), foi recebida com desconfiança. Lembra que uma mulher disse: *"a questão é a seguinte, ou nós aceitamos a Sisi, ou nós vamos ficar mais um ano sem ninguém nos atendendo. Na falta de perspectiva, vai essa mesmo"*. Foi bem aceita, graças ao preparo que teve, através dos estudos e da participação do Núcleo de Mulheres da Teologia, e da Cátedra de Teologia Feminista na Escola Superior de Teologia. No início, tinha medo de andar sozinha à noite, mas teve que superá-lo, pois estava passando por uma avaliação por parte da comunidade luterana e tinha que se sair bem.

Foi sendo reconhecida e bem avaliada e ficou 17 anos nesta paróquia. Conheceu o namorado, nesse trabalho pastoral, se casaram em 1991, em 1993 tiveram um filho (que está com 30 anos) e, em 1995, o marido faleceu em um acidente de carro. Ele tinha um restaurante, e quando ele faleceu, Sisi negociou com a igreja para trabalhar no período da manhã no restaurante, e a tarde e à noite na igreja.

Em 2007, Sisi pediu exoneração do cargo de pastora para concluir o Mestrado em Teologia Prática, e em 2008 foi candidata a vice-prefeita em Curitiba, pelo PT. Além de participar do partido, Sisi participava dos movimentos sociais, das pastorais da igreja, da construção do projeto para a ida do Campus da UFSC para Curitiba, no período da interiorização do governo Lula. Conforme depoimento de Sisi: *"eu tinha envolvimento com a igreja, com a vivência comunitária, de espiritualidade, entendimento de vida [...] política não é só partidária. Aí o PT me convidou para ser candidata à vice".* Apesar de não vencer a eleição naquele ano, Sisi considera que foi uma experiência incrível, que abriu possibilidades, pois, logo em seguida, foi convidada a assumir a assessoria parlamentar do deputado Jailson Lima (PT), fazendo atividades na região de Curitiba e, na sequência, foi convidada pelo prefeito de São Cristóvão do Sul, na época do PP, para assumir a Secretaria de Saúde. Conforme depoimento de Sisi: *"cheguei na secretaria, tive que fazer quase uma pós-graduação para entender como é que funciona a saúde pública [...]".* Na ocasião, o prefeito estava encerrando o segundo mandato, e indicou o seu nome para ser candidata a prefeita. Era o ano de 2012, e quando o prefeito do PP foi conversar com Sisi, disse: *"olha, nós te queremos candidata, só que tem um problema, o partido não aceita que você seja candidata pelo PT, você teria que passar para o PP para ser a nossa candidata".* Sisi sofreu muito em ter que deixar o partido, mas foi 'costurado' que o PT estaria coligado, que faria parte do governo. Na época, foi uma coligação de PT, PP e PMDB.

Na campanha, recebeu apoio do prefeito, da coligação, das pessoas que a conheciam, mas tinha um "calcanhar de Aquiles";

segundo Sisi: ela não ser da cidade de São Cristóvão do Sul: *"o pessoal dizia que eu era estrangeira e mulher, tanto que o nome da coligação contrária era Os Filhos da Terra"*. Além disso, Sisi tinha acabado de se separar de seu segundo marido, então estava na condição de 'viúva e mulher separada'. Contudo, o fato de ter feito uma boa administração na Secretaria de Saúde e ser dona do restaurante, que ficava em um local estratégico, facilitou. O que mais chamou atenção de Sisi, conforme depoimento é que: *"a maioria dos que duvidavam da minha capacidade de gestão não eram homens, eram mulheres"*. Na Câmara de Vereadores, Sisi teve uma oposição muito forte, lembra que estava o tempo todo sendo testada, confrontada: *"isso tem muito a ver com a questão da mulher, de as pessoas não acreditarem na capacidade..."*. Como teve experiência de trabalho em equipe, foi ganhando confiança das pessoas, valorizando todos na prefeitura; enfim, as pessoas diziam: *"espera aí, ela dá conta"*. Em relação a receber apoio financeiro, recebeu somente em 2012, quando foi candidata a prefeita em São Cristóvão.

Em 2016 foi reeleita, e o que mais ressalta de sua gestão: *"desde o início, sempre voltada ao cuidado das pessoas, do ser humano"*. Instituiu merenda escolar nas escolas com melhoria na qualidade do aprendizado; bolsa de estudos pela prefeitura, e transporte; ampliação de bolsas e de estágio para estudantes de Ensino Superior, que cursavam faculdade paga. 100% das crianças tinham creche. Na área de infraestrutura, Sisi se orgulha de ter sido a única prefeita nesse país que fez uma pequena reforma agrária municipalista: *"compramos uma área pequena, com recursos de emendas parlamentares. O deputado Pedro Uczai (PT) foi um dos que mais ajudou nesse processo"*. Hoje tem 27 famílias assentadas que produzem hortifrutigranjeiros, e vendem o que produzem na feirinha da cidade. Eles possuem contrato de cedência, só não podem transferir a terra para outra pessoa, isso foi construído em parceria com MST, primeiro de futebol, e o grande marco foi fazer a ponte e a integração da Penitenciária Regional com o município. Introduziu sistema

laboral no presídio, ou seja, buscou trabalho para os detentos e enviou para a Câmara de Vereadores o projeto de lei para que os detentos que já estavam em regime semiaberto pudessem trabalhar no serviço público. Estes construíram mais de 40 casas populares mistas (madeira e material), com a mão de obra no valor de um salário mínimo, possibilitando residências para as famílias carentes. O trabalho dos detentos era remunerado com o valor de um salário mínimo pelos dias trabalhados, conforme lei nacional. A condição para o detento trabalhar era frequentar o EJA⁴². Os que recebiam salário dentro do presídio também estudavam, frequentavam o EJA, que tem educação de adultos.

Além de ser prefeita, Sissi foi presidente da Associação de Municípios da Região do Contestado (AMURC), participou ativamente das reuniões da Federação Catarinense dos Municípios (FECAM) desde 2013. Em 2014, fez parte da executiva da FECAM. Em 2015, foi indicada a ser segunda vice-presidente, e, em 2016, tornou-se presidente da FECAM.

Sisi deixa a seguinte mensagem para meninas e mulheres:

Eu quero dizer que vale a pena a gente investir na nossa capacidade, na nossa potencialidade [...] porque a gestão de um país se faz através da política, e da política partidária. Então, para ser uma candidata, escolha um partido, entre num pleito, seja candidata a vereadora, a diretora, a conselheira, a deputada, a prefeita, a presidente desse país. Não tenha medo. Não ganhar no voto não significa perda, mas, sim, aprendizado [...]. Eu tenho certeza de que, ao me tornar prefeita, construí espaços para as mulheres e homens nesse universo social que me deixam cheias de orgulho e de alegria. Porque tem coisas que a gente, como mulher, faz com outra sensibilidade, faz com o coração. Abra os olhos do teu coração, seja candidata, só assim teremos uma sociedade diferenciada!

MUNICÍPIO DE SÃO CRISTÓVÃO DO SUL

ILSE AMÉLIA LEOBET



Ilse Amélia Leobet foi Prefeita do município de São Cristóvão do Sul, SC, de 2021 a 2024 (PSDB). Foi a primeira mulher eleita vereadora na cidade, em 2004, e assumiu a presidência da Câmara de Vereadores. Ilse é formada em Pedagogia, pós-graduada em Alfabetização, trabalhou como professora de Séries Iniciais, foi diretora da EEB Professor Argeu Furtado. Atuou como secretária de Educação e Saúde e, por muitos anos, trabalhou com o voluntariado participando do Lions Clube. É casada, mãe de três filhas, e possui quatro netos. Em sua administração, fortaleceu o convênio com a Penitenciária local e orimou pela aeração de emprego e renda.

Ilse Amélia Leobet nasceu em 28 de novembro de 1958, em Campos Novos, SC, e vem de uma família de 7 irmãos, sendo 5 mulheres e dois homens. Seu pai era motorista e trabalhou durante um grande período em uma serraria, foi professor de escola multisseriada – até a quinta série, inclusive professor de Ilse – e seminarista por um período. Sua mãe era do lar e, durante a entrevista estava com 90 anos, acamada, sob os cuidados de um de seus irmãos. Seus pais são de origem alemã e falavam alemão em casa com os filhos/filhas.

A prefeita saiu de casa aos 12 anos de idade, e até os 17 anos trabalhou como doméstica em casas de família, para poder continuar seus estudos. Em uma dessas famílias, aprendeu a costurar e a cozinhar: *"eu aprendi com uma segunda mãe"*. Quando terminou a oitava série, atual Ensino Fundamental, ingressou no Magistério, e algum tempo depois, já atuando na docência, teve a oportunidade de cursar Pedagogia. Conforme depoimento: *"trabalhei como*

professora alfabetizadora durante bons anos, fui diretora de escola, diretora nomeada e, em seguida, diretora eleita".

Ilse começou a namorar com 12 anos, e aos 17 casou-se com Pedro Francisco Leobet, com o qual teve três filhas planejadas. Uma é professora de níveis iniciais, a segunda formada em Educação Física, licenciatura, e atua como policial penal no presídio do município; e a terceira se formou em Farmácia, como o pai. Atualmente, Ilse tem 4 netos. Em relação à ajuda nos trabalhos domésticos, *"sempre tive alguém que me ajudava, quando eu tinha filhos pequenos eu sempre tinha alguém, uma ajudante para me apoiar".*

Em relação à sua trajetória política, Ilse lembra o tempo em que só havia dois partidos: Arena e MDB. Seu pai foi candidato a vereador pela Arena, mas não foi eleito: *"Pela simplicidade dele, até pelas questões de poder aquisitivo, ele fez a campanha da forma mais simples que podia e não obteve muitos resultados, entende? Já naquele tempo tinha a questão da venda de votos, muito triste isso".*

Em 2004, Ilse entrou para a política pelo PSDB, partido que seu esposo fundou no município. A entrada para a política se deveu a uma coligação que pretendiam fazer, e o marido a indicou para ser candidata a vereadora. Ilse foi a primeira mulher a assumir uma cadeira no legislativo de São Cristóvão do Sul. Durante seu mandato de vereadora, foi criado o programa Vereador Mirim, que continua até os dias atuais. Suas filhas também se envolveram com a política: uma delas se candidatou a vereadora, sendo a mais votada da história do município. Enquanto atuava na Câmara de Vereadora, Ilse também foi diretora de escola.

Em 2016, Ilse foi candidata a prefeita e perdeu por apenas 23 votos. E em 2020, foi eleita prefeita com uma diferença de 817 votos para mais. Conforme depoimento, o processo eleitoral foi extremamente difícil, pois, no dia 26 de setembro, em plena campanha, sua filha mais nova faleceu em um acidente.

Antes de ser eleita pelo PSDB, Ilse relata que a cidade tinha sido governada por 16 anos por um mesmo partido: PP. Para vencer, ela precisou fazer coligações, afirmando: *"eu quero trabalhar pelo meu município e ajudar o meu município"*.

Ilse relata que, enquanto mulher, sofreu alguns episódios de machismo, tanto na campanha como na gestão. Porém, nunca dentro do partido: *"Ali era um ambiente seguro e cheio de mulheres que me apoiavam. Tem um bom número de mulheres no partido, a maioria é mulher. Elas ajudaram a confeccionar bandeiras, vinham para a rua com bandeiras, vinham que vinham!"*. Para a Câmara de Vereadores também se elegeram duas mulheres, mas uma delas assumiu a Secretaria de Assistência Social.

Ilse mencionou a Penitenciária do município de São Cristóvão do Sul, que é a segunda maior do Estado de Santa Catarina. A prefeitura tem convênio com a Penitenciária e os detentos estão ajudando na construção e finalização de 20 casas do projeto "Minha Casa Minha Vida" que começaram a ser construídas em 2012 e não haviam sido finalizadas. Ainda na questão moradia, Ilse relata que, por meio da prefeitura, está construindo mais 18 casas de madeira para famílias que já possuíam terreno.

Também está focada na geração de empregos no município, tanto para mulheres como para homens, fazendo terraplanagens para possibilitar que empresas se fixem no município com a finalidade de gerarem empregos.

Em 2009, foi implantado um Campus da Universidade Federal de Santa Catarina no município de Curitibanos, que fica aproximadamente 20 km de distância de São Cristóvão do Sul. Dessa forma, a prefeitura investiu em um Projeto para a pavimentação de uma estrada que liga os dois municípios:

Vai possibilitar a ida e a vinda de jovens universitários, até para virem morar no nosso município, porque às vezes as pessoas buscam uma cidade menor para morar, porque os

aluguéis são mais em conta e a qualidade de vida é melhor. Em relação à segurança, eu durmo de porta não chaveada, e nunca ninguém me roubou [...].

Em questão de políticas para mulheres, a prefeita relata que há um grupo em São Cristóvão do Sul formado por assistente social, psicóloga, secretária de Assistência Social, diretora de escola, secretária de Educação que, juntamente com a polícia militar, vem prestando auxílio às mulheres vítimas de violências. Se é necessário acolhimento, ele acontece *"de forma regional, porque nós somos cinco municípios aqui da região da AMURC – Associação de Municípios da Região do Contestado e nenhum dos municípios tem uma casa de acolhimento para essas mulheres"*. Há a presença de CRAS, que fornece auxílio e lazer, principalmente para os munícipes idosos.

No momento da entrevista, Ilse manifestou desejo em candidatar-se novamente, para poder atuar no município pelo menos por mais 4 anos, porém, depois desejaria parar, pois pretende *"curtir as filhas e os netos"*.

Ao deixar mensagem para as meninas e mulheres para adentrarem a política ela cita o próprio exemplo:

Porque eu venho de uma família muito simples, muito humilde, que não tinha dinheiro, que nem sabia se poderia estudar, se chegaria em uma faculdade, uma pós-graduação, então eu digo aquilo que já está escrito, a mulher pode estar onde ela quiser. Então hoje eu me incluo nisso, eu vou aonde eu quero, faço o que eu quero.

Em relação à política, conclui: *"não sei se é uma profissão, mas é uma missão, e que todo mundo pode participar, sim"*

MUNICÍPIO DE SOMBRIO

GISLAINE DIAS DA CUNHA



Gislaine Dias da Cunha foi a primeira prefeita mulher da cidade de Sombrio/ SC, na gestão 2021 a 2024 (MDB), reeleita para a gestão 2025 a 2028 (MDB). Foi vice-prefeita da mesma cidade nos anos de 2017 a 2020 (PR). É formada em Pedagogia pela UNESC, e em Psicologia pela UNISUL, com especialização em Psicologia, na área comportamental e em Orientação Profissional. Atuou como secretária de Saúde no município por 12 anos. Tem as políticas públicas para mulheres como prioridade em sua gestão. Atualmente, é viúva e mãe de duas filhas.

Gislaine Dias da Cunha nasceu em 1967, na cidade de Sombrio, município do qual é prefeita e, atualmente, possui uma população estimada em 31.084 pessoas (IBGE). Seu pai foi prefeito da mesma cidade (pelo PDS, antigo PFL⁴³), por duas vezes e, conforme depoimento de Gislaine: *"talvez esteja aí a minha inspiração e vontade de ser prefeita, pois vivi em uma família rodeada de políticos. Recebíamos em casa deputados, senadores, governador e, com o tempo, eu fui adquirindo afinidade com a questão política"*. Sua mãe fazia o papel de primeira-dama, era uma pessoa engajada com políticas públicas, ou seja, na época não tinha CRAS nem CREAS, e os atendimentos às pessoas carentes aconteciam dentro da sua casa. Organizava clube de mães, acolhia moradores de rua, sempre com a preocupação de acolher e cuidar.

Seu pai falava que as filhas precisavam estudar, trabalhar, ter a sua independência; não depender de homens, não estar na

sombra de alguém, mas construir seu próprio momento. Quando se casou, optou em não adotar o sobrenome do marido: *"isso em uma cidade pequena, uma filha do prefeito, foi impactante!"*. Depois de completar o Ensino Médio, fez Magistério, cursou Pedagogia na Unesc, em Criciúma e, em seguida, formou-se em Psicologia na Unisul, em Araranguá. Complementou os estudos com uma Especialização em Psicologia, na área comportamental e em Orientação Profissional, porque *"era uma habilidade da nossa família, dedicar-se muito à escuta"*. Conheceu seu marido numa festa, ele tinha um posto de combustível. Namoraram quatro anos, casaram-se em 1988 e tiveram duas filhas. Em março de 2018 ele foi diagnosticado com câncer e faleceu em novembro do mesmo ano. Atualmente, tem duas netas.

Logo que se formou em Psicologia, Gislaïne começou a trabalhar no Programa Sentinela, com abuso e exploração sexual, que hoje é o CREAS. Depois de algum tempo (em 2006), recebeu o convite para assumir a Secretaria de Saúde de Sombrio. Conversando com seu pai, este a advertiu: *"é a secretaria mais difícil que tem, o gargalo de uma administração é a secretaria de saúde, mas você tem plenas condições de assumir esse desafio"*. Permaneceu 12 anos à frente da Secretaria de Saúde, e na época estava ligada ao Partido Progressista (PP).

Em 2012, foi convidada a integrar a chapa como vice-prefeita do então prefeito, que estava se candidatando à reeleição. Gislaïne conta:

E aí ocorrem as desarticulações, as puxadas de tapete, isso acontece mais com as mulheres do que com os homens, pela falta de experiência, talvez imaturidade. Eles levaram até os 49 minutos do segundo tempo para fazer o registro do meu nome e, de repente, colocaram o nome de um homem como vice, e o prefeito acabou perdendo a eleição. O pessoal ficou muito indignado porque o meu nome era muito forte naquela oportunidade.

O prefeito que venceu as eleições de 2012 convidou Gislaïne para compor a chapa como vice-prefeita, nas eleições de 2016, desta vez pelo Partido Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Mas Gislaïne enfrentou novo desafio:

Eu era presidente do partido aqui no município, só que eles não queriam que eu ficasse no MDB, insistiram para eu voltar para o PP. E o que eles fazem? Me tiraram do partido, destituíram esse partido e eu fiquei sem partido. Eu não podia mais ser candidata! E eu disse, meu Deus, o que eu vou fazer? De uma hora para outra, eles me deixaram sem chão! Para você ser candidata, você precisa de um partido, não basta o meu CPF! Na oportunidade, o Jorginho Mello, que hoje (2023 a 2026) é o governador de Santa Catarina, era do PR. E eu soube que ele acolhia as pessoas. Nunca tinha ouvido falar em PR, enfim, estava em cima da hora, eu precisava de um partido, sem saber de ideologia, esquerda, direita, o que era isso, eu precisava de um partido, eu estava desesperada. E aí, eu marquei uma audiência com ele no gabinete, contei a minha história [...] e ele disse: 'o partido é teu e tu vai ser a vice-prefeita'. Então, eu fui vice-prefeita pelo PR, que hoje é o PL, o 22.

Venceram as eleições e, conforme depoimento de Gislaïne, "nós ganhamos a eleição pela confiança e pelo trabalho que eu fazia na Secretaria de Saúde. Acho que na história não teve vice-prefeito(a) que assumiu tanto quanto eu; peguei todo aquele período de pandemia, um período extremamente difícil!"

Em 2020, o seu nome saiu como candidata a prefeita, e o então prefeito pediu para Gislaïne voltar para o MDB, porque era importante para a coligação. Ela assinou uma nova ficha de filiação ao MDB e hoje é prefeita por este partido. Quando saiu para prefeita, foi feita uma Coligação denominada "Pra Sombrio Continuar Crescendo", que incluía vários partidos, entre eles: PMDB, PDT, MDB, PR, PTB, PSB, Podemos, PSB, inclusive, o PCdoB.

Durante a campanha para prefeita, Gislaine recebeu total apoio da família. Era o auge da pandemia (de Covid-19), trabalharam de máscara, pegaram o mapa da cidade e andavam, em média de 10 a 15 quilômetros por dia, de casa em casa, entregando material e dando recado, pois não era permitido fazer reuniões, comícios, ou aglomerações de pessoas.

O *slogan* de sua campanha foi: “Coração, Coragem e Fé”. Nas palavras de Gislaine:

Eu acredito que a mulher é muito coração e emoção; coragem, que é ter essa atitude, posicionamento, saber enfrentar as adversidades, saber enfrentar os homens e colocar eles no lugar deles! E fé, porque eu sou uma mulher de muita fé. Essas três palavras representam a Gislaine, estar na política, o empoderamento dessa mulher!

Seus principais investimentos enquanto prefeita estão relacionados à área da saúde, na educação e na segurança pública. Suas palavras no primeiro dia de aula da rede municipal de Sombrio foram: “o país começa no município e a transformação dele passa pela educação”.

Na área da saúde, Sombrio tem um hospital. Praticamente, todo o tempo em que Gislaine atuou como secretária de saúde, teve uma meta: implantar leitos de UTI no hospital município: “quando veio a pandemia, as pessoas morrendo, e não tinha leito em lugar nenhum. E aí mesmo que eu fiz um esforço, me enchi de coragem, fiz reuniões com os responsáveis e conseguimos implantar dez leitos de UTI COVID no hospital”.

Em relação a políticas para mulheres, a primeira lei que implantou nas escolas e nas cestas básicas para as famílias foi a distribuição de absorventes, porque “a gente sabe que tem meninas que perdem aula por falta do absorvente”. Nomeou esta lei “Liberdade Feminina”. E a segunda lei que implementou na cidade foi “Sombrio

por Elas”, que corresponde ao Agosto Lilás. Foi uma grande campanha: a implementação da Rede Catarina de Proteção à Mulher, a Sala Lilás na Delegacia de Polícia (em parceria com o CREAS). O “Sinal Vermelho” também foi implementado no comércio, com treinamento específico para os funcionários. Foi oferecido um curso de gastronomia de dois anos, foram realizadas oficinas de autoestima, design de sobrancelha, maquiagem, para valorizar as mulheres.

Em relação aos desafios que passou durante a campanha e na gestão, até porque foi a primeira vice-prefeita e a primeira prefeita na cidade, escutou: *“ela é muito frágil, é pequena de estatura, não tem marido, coitada, é sozinha, o que vai fazer? Não vai dar conta, tem duas filhas e tal”*. Revelou, enfim, que os estigmas e o machismo na campanha política foram muito fortes. Durante a campanha *“arrumaram muitos namorados para mim. Essa mentira, essa calúnia me machucou muito”*, provavelmente por ser viúva.

No início do mandato, entrou na sala de reuniões e o vice-prefeito, que conforme depoimento de Gislaine, é bem machista, estava sentado na ponta da mesa e ela *“cortou o barato”* colocando-o no lugar dele: *“eu sou a prefeita e esse é o meu lugar!”*. Também lembra quantas vezes chegava em lugares públicos com o seu assessor e a confundiam, achando que ela era a assessora e ele o prefeito.

Depois de eleita, conversava muito com as candidatas a vereadoras para que vencessem seu medo, sua insegurança e fragilidades, caso contrário, sofreriam muito. Das 11 cadeiras que existem para serem ocupadas na Câmara de Vereadores de Sombrio, na época da entrevista, nenhuma era ocupada por uma mulher. Por outro lado, segundo Gislaine,

eu inspiro outras mulheres; hoje, muitas falam que elas gostariam de ter a minha coragem e se posicionar como eu me posiciono, ter o mesmo empoderamento. E eu falo, ‘empoderamento é você saber onde está e onde quer chegar; sair da sombra e andar ao lado dos homens, não

ser mais nem menos, ocupar as mesmas posições, ter os mesmos salários, estudar, e chegar aos mesmos cargos que os homens podem chegar’.

Como planos políticos para o futuro, pretende concorrer à reeleição, porque acredita que quatro anos é pouco, e tem muitos projetos em andamento, muitas coisas boas para acontecer, muitas oportunidades aos sombrienses.

MUNICÍPIO DE TRÊS BARRAS

ANA CLÁUDIA DA SILVEIRA QUEGE



Eleita vice-prefeita em 2020, Ana Cláudia da Silveira Quege assumiu a gestão do município de Três Barras, Planalto Norte de Santa Catarina, em 2023 (MDB), após a renúncia do prefeito. Foi reeleita prefeita (MDB) para a gestão 2025 a 2028, com 82,86% dos votos, um dos maiores percentuais em Santa Catarina. Formada em Administração e em Direito pela Universidade do Contestado, atuou como secretária de Saúde e de Assistência Social. Sua administração tem se destacado por políticas voltadas para mulheres, saúde, educação, infraestrutura e outras áreas essenciais da gestão pública.

Ana Cláudia da Silveira Quege nasceu em 26 de julho de 1973, no município de Três Barras, Santa Catarina, em uma família com raízes ucranianas que sempre valorizou o trabalho e a união. Ela é a filha mais velha entre cinco irmãos. Era *"um lar onde o esforço coletivo era parte do cotidiano. Meu pai trabalhou por 20 anos na indústria papeleira Rigesa e, depois, abriu um restaurante onde toda a família se envolvia"*, conta a prefeita. Sua mãe, além de cuidar do lar, também participava das atividades no restaurante.

A prefeita teve sua trajetória de trabalho iniciada ainda na adolescência, quando atuou como diarista. Mais tarde, foi contratada pelo cartório de registro civil e, depois, por uma transportadora, onde trabalhou por 12 anos.

Mesmo com a correria, eu sabia que cada passo era importante para alcançar meus objetivos. Trabalhava fora e usava o salário para pagar tudo o que eu precisava, desde

médico, faculdade, transporte, até as despesas do dia a dia. Eu morava com meus pais, então tinha casa, comida, o apoio e o amor incondicional deles.

Desde cedo, Ana Cláudia demonstrou grande apreço pela educação. *"Sempre gostei de estudar. Fiz o Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas da cidade e escolhi o Magistério no segundo ano do Ensino Médio, pensando em conseguir um trabalho na área da educação para pagar minha faculdade"*, relata. Iniciou o Curso de Graduação em Filosofia na FAFI – Faculdade Estadual de Filosofia e Letras da UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná, em União da Vitória, mas as dificuldades de conciliar horários, transporte e trabalho a levaram a buscar alternativas. *"Acabei trancando o curso e iniciei outra graduação na Universidade do Contestado, em Canoinhas, onde me formei em Administração de Empresas, em 1997"*.

Em 1998, Ana Cláudia se casou com o médico Elói José Quege, com quem construiu uma família constituída de dois filhos: Felipe e Maria Julia. Em 2000, ingressou na Pós-Graduação em Gestão de Negócios. Conciliar a maternidade, as atividades do lar e dos estudos foi uma fase desafiadora para Ana Cláudia, mas o apoio da mãe e dos familiares tornou possível o retorno aos estudos.

O marido de Ana Cláudia, natural de Campo Tenente, Paraná, vem de uma família com tradição política. Ele já havia sido vereador e vice-prefeito em seu município natal antes de ser chamado para trabalhar como médico no Exército em Três Barras. Formado pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-PR), Doutor Elói Quege renunciou ao cargo político e passou oito anos se dedicando à profissão no Exército. Posteriormente, voltou a envolver-se na política local, sendo eleito vice-prefeito e, na sequência, prefeito por dois mandatos. Quando Elói foi eleito vice-prefeito de Três Barras, Ana Cláudia assumiu papéis importantes na administração pública, como secretária de Saúde e de Assistência Social. Ela destaca:

Eu sempre gostei de estar próxima das pessoas, entender suas necessidades e buscar soluções junto com elas, na administração pública isso é fundamental. Encontrei nesse trabalho o meu propósito de vida: tornar as políticas públicas eficientes e capazes de transformar positivamente a vida das pessoas.

Em 2020, Ana Cláudia foi convidada a se candidatar como vice-prefeita. *"Na época, estava finalizando o curso de Direito, meus filhos já estavam maiores, e o convite veio como uma oportunidade de contribuir ainda mais com o município. Foi uma decisão difícil, porque o prefeito que me chamou era nosso antigo adversário político"*, explica Ana. Mesmo assim, ela aceitou o desafio, acreditando que era possível somar.

Durante a pandemia, a campanha exigiu dedicação e muita proximidade com os moradores, algo que sempre foi natural para ela. *"Visitamos cada casa, respeitando os cuidados necessários, e fui recebida com muito carinho"*, destaca. Em 2023, após a renúncia do prefeito, Ana Cláudia assumiu a liderança do município. Foi um período de muitos desafios e aprendizado. O novo cargo exigia mais diálogo, especialmente com a Câmara de Vereadores, para garantir que os projetos avançassem e o município tivesse resultados melhores, mesmo diante de um cenário delicado em toda a região com a descoberta de casos de corrupção em diferentes cidades do Planalto Norte.

O dinamismo e a seriedade com que Ana Cláudia conduziu seu mandato como prefeita contribuiu para uma marca de credibilidade perante a população, que acompanha de perto a transformação do município com uma mulher no comando das ações. Seu mandato é marcado por diversas realizações: *"Trocamos todas as lâmpadas do município, agora a iluminação é toda de LED. Pavimentamos nove ruas em concreto e estamos urbanizando praças e áreas de lazer"*. Além disso, Ana Cláudia também priorizou reformas, como as realizadas em dois postos de saúde, no CAPS, além de reformas em escolas. Na educação, o destaque é a construção de duas creches,

uma no distrito de São Cristóvão e outra no bairro Bom Jesus, e a implementação do ensino em tempo integral. *"Apresentei projetos ao governo federal e consegui aprovar a construção de uma escola de 10 milhões de reais para ensino integral"*, comemora a prefeita.

Na infraestrutura, sua gestão investiu em calçadas por todos os bairros, incluindo no entorno do aeroporto, agora com iluminação, e em uma operação Tapa-Buraco. Na saúde, aumentou a equipe da Estratégia Saúde da Família no interior, garantindo atendimento médico diário na localidade de São João dos Cavalheiros. Além disso, a cada quatro meses é realizado mutirão de atendimentos, zerando a fila de espera por consultas, exames e procedimentos. Com um olhar cuidadoso e detalhista, Ana Cláudia busca atender às necessidades da população de maneira concreta, promovendo melhorias estruturais e sociais no município.

A prefeita Ana Cláudia também tem se destacado em políticas sociais. *"Criamos uma rede de enfrentamento à violência contra a mulher e estamos estruturando o Conselho Municipal da Mulher. Meu objetivo é sempre unir as equipes para que cada política pública seja efetiva e impacte positivamente a vida das pessoas"*, destaca. Entre as ações de destaque da gestão de Ana Cláudia, também está a gratuidade no transporte coletivo, contribuindo com o direito de ir e vir dos cidadãos.

Reeleita prefeita em outubro de 2024 com 82,86% dos votos, um dos maiores percentuais em Santa Catarina, Ana Cláudia é exemplo de persistência e dedicação que inspiram outras mulheres.

Nós, mulheres, exercemos papéis fundamentais na sociedade e podemos ser o que quisermos, porque em tudo o que nos envolvemos colocamos comprometimento, responsabilidade e um olhar detalhista e cuidadoso. Acredito que podemos ser excelentes mães, esposas, donas de casa, empresárias, líderes e referência em diferentes áreas. O importante é ter coragem e vontade de mostrar a nossa capacidade.

MUNICÍPIO DE TROMBUDO CENTRAL

GEOVANA GESSNER



Geovana Gessner foi a primeira prefeita mulher da cidade de Trombudo Central, SC, na gestão de 2017 a 2020 (PMDB), sendo reeleita para o mandato de 2021 a 2024 (PMDB). De 2013 a 2016, foi vereadora do município. Em 2024, recebeu o Prêmio Band Cidades Excelentes, em reconhecimento à evolução de Trombudo Central. Entregou mais de 45 matrículas de terra para trabalhadores da área de mineração do município, legalizou o parque industrial, e implantou a primeira usina térmica a gás natural de Santa Catarina, a UTE Trombudo. Geovana é formada em administração, casada e mãe de uma filha.

Geovana Gessner nasceu em 06 de abril de 1985 no município de Trombudo Central, SC. Seus pais eram agricultores e, um pouco antes de ela nascer, o pai sofreu um acidente e teve uma perna amputada. Este episódio fez com que a família ficasse desestabilizada financeiramente, até que o pai começou a trabalhar com um trator estilo Tobata, recolhendo ferro velho pela cidade, e assim obteve uma nova fonte de renda. Desde muito jovem, Geovana auxiliou o pai nessa função, por isso ficou conhecida no município como a “Rainha da Sucata”.

Quando o pai de Geovana sofreu o acidente, a mãe continuou fazendo todo o serviço da roça, cuidou da criação de animais, tirava leite, entre outros, pois esse era o sustento da família, que era garantido pela mãe com auxílio de alguns vizinhos. Geovana relata as atividades da mãe:

de manhã ela levantava, tirava leite, arrumava o lanche do meu pai, ela fazia a Tobata funcionar, porque ele não tinha força para ligá-la com uma perna só, botava os meus irmãos em cima da Tobata e percorriam o município todo. Onde ele parava, tinha que procurar alguém para fazer força com as pernas e ligar a Tobata para ele poder voltar para casa.

Quando Geovana tinha 11 anos, o pai faleceu, e foi o seu pai que despertou nela o gosto pela política, pois ele sempre ajudou pessoas e entidades. Ele queria ser político, e por onde passava dizia que, se ele não fosse vereador, algum filho seria. Ele tentou se eleger, mas ficou como suplente e depois de um mês faleceu. Quando ele faleceu, os dois irmãos disseram: "*Geovana, a política não é para nós, é para ti. Vamos tentar? Talvez, como vereadora, para a gente tentar fazer um trabalho na cidade?*".

Aos poucos, a ideia foi tomando corpo, até que se candidatou para vereadora e foi a segunda mais votada no município. Mas, antes disso, Geovana estudou. Seus irmãos não tiveram oportunidade, pois tiveram que trabalhar, depois que o pai faleceu. Eles decidiram apoiar a irmã, conforme depoimento de Geovana: "*Eles queriam me dar o estudo, me ajudaram muito e aí eu estudei na escola pública estadual, até a oitava série [...] meu pai tinha um seguro, então eu comecei a estudar no Instituto Maria Auxiliadora*". Cursou o Ensino Médio numa escola particular, com 50% de bolsa e 50% de pagamento feito com o dinheiro do seguro (do acidente do pai). Geovana sempre estudou e trabalhou, ao mesmo tempo.

Quando terminou o Ensino Médio, ingressou na Faculdade de Administração pela UNICAP⁴⁴, com o objetivo de auxiliar nas empresas da família, tanto no ferro velho quanto em um posto de combustível. Em um momento turbulento na empresa, Geovana necessitou trancar a matrícula, e depois de um tempo ela retomou

o Ensino a Distância pela UNIASSELVI, deslocando-se apenas uma vez por semana para realizar as provas.

Durante o tempo na faculdade, Geovana conheceu seu esposo. Ele sempre foi seu grande apoiador, tanto na família, como no trabalho e na vida política. Ao decidir entrar para a política, ela procurou um partido para se filiar e, levando em consideração o perfil dos participantes do partido, escolheu o PMDB. Sobre a campanha para vereadora, relata:

Foi uma campanha linda, [...] eu visitei quase 100% das casas. Na época, eram três meses de campanha ainda. Em cada lugar e eu batia uma foto com as pessoas. Eu falava do meu trabalho, falava do meu pai... Em muitos lugares em que eu cheguei, eles diziam: 'O Geovana, tu nem precisava ter vindo aqui porque o teu pai já tinha pedido voto para um dos filhos. E a gente tem que cumprir pelo seu pai, por isso a gente está votando em ti'.

Apesar de ter sido uma campanha linda, ocorreram algumas dificuldades, como calúnias contra ela, que foram superadas. Geovana relata que as maiores dificuldades aconteceram quando se candidatou a prefeita. Nesta ocasião, sofreu ameaças e perseguições.

Na primeira eleição para prefeita, ela se elegeu com 131 votos de diferença, em um município de 7435 munícipes (IBGE, 2019) e 5478 eleitores (TRE, 2024b). Aos poucos, foi organizando a prefeitura, conforme depoimento:

Hoje eu tenho 82% de aprovação de governo, de trabalho [...] Eu acho que a mulher, ela tem a sensibilidade de olhar para a pessoa, ver o que ela precisa, de pensar humanamente diferente. E isso eu tentei fazer, é cuidar do meu povo, realmente. Eu tentei cuidar das pessoas, mudar a saúde, de um posto de saúde, eu passei para três postos de saúde.

Na área da educação, Geovana adotou apostilas do Positivo, garantiu uniformes, deu atenção aos professores e para uma nova pedagogia. Seu desejo é que todas as crianças tivessem a oportunidade de ter estudos como ela teve. Nesse sentido, também melhorou a alimentação na creche. Pensando nos jovens, ela abriu 100 vagas de estágio na prefeitura, para dar experiência e oportunidade a eles, e conta que o investimento já está dando resultados. Quanto a políticas voltadas para mulheres, o município possui escuta especializada por meio do CRAS. Enquanto atuava na prefeitura como secretária da Assistência Social, Geovana implementou cursos para ajudar as mulheres a conseguirem renda e, assim, terem autonomia e condições financeiras próprias.

O reconhecimento de seus esforços veio por meio do Prêmio Band Cidades Excelentes, em 18 de junho de 2024. O evento é uma parceria entre o Grupo Bandeirantes, o Instituto Aquila e o Grupo Barriga Verde. O prêmio Band Cidades Excelentes tem como objetivo destacar as melhores políticas de gestão pública entre os municípios catarinenses. Trombudo Central foi a segunda cidade que mais evoluiu no estado de Santa Catarina.

Em oito anos na prefeitura, Geovana se orgulha, sobretudo, de ter conseguido entregar mais de 45 matrículas de terra para as pessoas que trabalham na área de mineração do município. Além disso, como prefeita, ela também conseguiu inaugurar o parque industrial e fazê-lo funcionar, conforme depoimento:

Eu legalizei o parque industrial, trouxe empresas e estamos implantando aqui em Trombudo Central a Usina Termelétrica, a primeira usina térmica a gás natural de Santa Catarina, a UTE Trombudo, que é a única tocada a gás, do Estado em Santa Catarina, e passará a funcionar em 2026.

Só existem duas no Brasil, uma em Minas Gerais, outra em Santa Catarina. De acordo com o Portal Educadora do Município (Educadora Rádio 90.3 FM, 2024),

a companhia anunciou nesta sexta-feira que assinou o primeiro contrato como fornecedora de gás natural para geração de energia. O cliente é um usuário livre de gás natural. Significa que o usuário tem sua própria molécula e a SC Gás presta serviço de distribuição do gás. A parceria foi assinada com a Beta Produtora de Energia SPE SA, proprietária da Usina Termelétrica de Trombudo Central.

Quanto à relação com a Câmara de Vereadores, Geovana relata que sofreu muito com a oposição nos dois mandatos, principalmente na aprovação de projetos. O momento mais delicado de sua gestão foi a enchente do dia 17 de novembro de 2023. Às 17 horas, o Rio Trombudo atingiu 8,71 metros, a maior enchente de que Trombudo Central tem registro. Mais de 200 casas foram inundadas, e mais de 400 resgates de pessoas foram realizados naquele dia.

Sobre projetos futuros, recebeu convite para se candidatar a deputada estadual, mas no momento não tem intenção de continuar na política. Prefere dedicar-se à empresa da família e acompanhar o crescimento da filha, que está com dois anos e meio.

Eu quero que as outras pessoas também tenham oportunidade de estar à frente do município, tem muitas pessoas que me ajudaram, que foram muito parceiras comigo, então eu gostaria que elas também tivessem oportunidade de se candidatar a prefeito, prefeita, vice-prefeito, vereadores, para deixar outras pessoas assumir, porque quando a gente tem sede de poder, isso não faz bem nem para a gente, nem para ninguém.

De recado para as jovens e mulheres, Geovana diz:

não importa a idade, se a gente sentir vontade, desejo no nosso coração, procure um partido que você tem mais afinidade com as pessoas, com seus padrinhos políticos, eu digo que eu fui muito feliz de ter escolhido um partido bom, com pessoas que eu amo e que me ajudaram muito pra chegar até aqui.

MUNICÍPIO DE VARGEM

MILENA ANDERSEN LOPES



Milena Andersen Lopes foi prefeita do município de Vargem, SC, de 2017 a 2020, reelegendo-se para o mandato de 2021 a 2024 (PL). Em 2023, foi presidenta da Federação Catarinense de Municípios - FECAM. É formada em Enfermagem, pela UNISUL, Especialista em Administração e Marketing em Saúde, pela Universidade Federal de Santa Catarina, e em Desenvolvimento Gerencial de Unidades Básicas do SUS, pela Escola de Saúde pública de Santa Catarina. Em 2022, foi presidente da Associação dos Municípios do Planalto Sul de Santa Catarina.

Milena Andersen Lopes nasceu em Vargem, Santa Catarina, no dia 14 de dezembro de 1978. Cresceu em Florianópolis, SC, em uma família humilde. O pai era representante comercial e viajava pelo Estado inteiro, e a mãe teve loja de confecções, trabalhou em agência bancária, além de assumir as crianças e o trabalho doméstico. Milena relata: *"estudei em uma escola privada com muito esforço dos meus pais para poderem pagar, sempre renegociando. Desde pequena sempre gostei de pessoas, não de números propriamente ditos, não de ciências exatas, mas sim de humanas"*.

Desde criança, queria ser enfermeira para cuidar de pessoas, e quando adulta realizou o sonho, graduando-se em Enfermagem, na primeira turma da UNISUL de Florianópolis. Na sequência, especializou-se em Administração e Marketing em Saúde, pela Universidade Federal de Santa Catarina, e em Desenvolvimento Gerencial de Unidades Básicas do SUS, pela Escola de Saúde Pública de Santa Catarina.

Seu primeiro emprego, como enfermeira recém-formada, foi em Vargem, interior do Estado de Santa Catarina, conforme depoimento: *"Acabei começando a trabalhar em Vargem, não havia nem médico, eu fazia tudo que era possível para salvar vidas. Nunca fui política, nunca sequer participei de um comício na vida"*.

Morando em Vargem, foi descobrindo que gostava de política: constatou que primas, primos e o bisavô tinham se envolvido na política. Lembrou que *"a minha mãe, antes de falecer, já tinha falado na intenção de concorrer para vereadora"*. Assim, a política começou a se fazer presente, de algum modo, em sua vida.

Um ano depois de chegar em Vargem, Milena conheceu o marido, um médico que foi trabalhar no município. A união teve duração de 17 anos e tiveram dois filhos: um menino e uma menina.

Durante seu estágio probatório, ela e o esposo moraram em Ascurra, SC, por 7 anos. Neste município, Milena abriu uma Escola Técnica de Enfermagem, onde atuava como proprietária, supervisora e coordenadora. Após 7 anos vivendo em Ascurra, o esposo recebeu a proposta para voltar a Vargem, trabalhar como médico. Desta forma, eles deslocavam-se toda semana entre os municípios de Ascurra e Vargem, durante um ano. Esta rotina tornou-se muito cansativa, fazendo com que Milena se desligasse da Escola Técnica de Ascurra, permanecendo apenas em Vargem, trabalhando como enfermeira.

Em 2008, logo após voltar de Ascurra, ela participou da primeira eleição, onde foi candidata a vereadora e seu ex-marido foi candidato a prefeito. Naquela eleição, nenhum dos dois foi eleito *"porque não havia tido coligação, ele acabou não se elegendo, e eu não me elegi por sete votos, embora eu estivesse em primeiro lugar nas pesquisas"*. Como ficou muito bem colocada, Milena acabou assumindo a Câmara de Vereadores como suplente. Nessa época, os filhos ainda eram pequenos e teve ajuda de uma pessoa para dar conta do trabalho e da casa.

Milena ficou pouco tempo na Câmara de Vereadores como suplente, a família se mudou para Campos Novos, e ela continuou atuando em Vargem. Foi contratada como consultora e depois auxiliou em trabalhos na Secretaria Municipal de Saúde. Na sequência, assumiu, durante 7 anos, a Gerência Regional de Saúde de Campos Novos, em um cargo de confiança, convidada pelo governador da época.

Posteriormente, o ex-marido de Milena manifestou desejo de se candidatar a prefeito novamente, mesmo tendo perdido a eleição de 2008, e ela ficou em dúvida, conforme depoimento: *"eu pensava, temos uma profissão bem consolidada, empregos seguros"*, mas como era o sonho dele, ela apoiou, e ele concorreu. Quando ele decidiu se candidatar, em 2016, ambos eram do PR, atual PL, mas, na pré-candidatura, ele mudou para o PSD e Milena continuou no PL. O diretório de PSD se dividiu e ele não pôde concorrer à prefeitura.

Com este episódio, Milena decidiu que ela seria candidata: *"Eu disse, agora eu vou. Eu nem tinha sonhado em ser candidata a prefeita, imagina, em cima da hora, no último dia da convenção"*. Saiu como candidata a prefeita e seu vice era um agricultor, do PT: *"Fechamos a coligação e fizemos a maior diferença da história da cidade"*.

A campanha às eleições foi um período turbulento, pois assassinaram dois colegas assessores, um dia antes das eleições, e, da mesma forma, Milena sofreu tentativa de assassinato. Pensou em desistir da candidatura, mas as viúvas dos colegas assassinados foram lhe pedir: *"agora você não pode desistir!"*. Milena se elegeu e assumiu seu primeiro mandato, de 2017 a 2020. Na campanha para reeleição, em 2020, Milena relata que teve segurança pessoal, pois ainda tinha medo, apesar de ter se esforçado em pacificar a cidade e conseguido ter uma gestão tranquila.

Durante seus mandatos, o principal foco foi Saúde, pois o município estava muito desassistido. Ela promoveu consórcios e

investiu para as pessoas serem atendidas pelo SUS, ou seja, que ninguém mais precisasse pagar por algum exame, conforme depoimento: *"o que for, SUS é SUS, entrou pelo Sistema Único, termina no Sistema Único, de forma gratuita. Gratuita não é, pois o contribuinte que paga"*. Assim, zeraram as filas de cirurgia, exames, aumentaram os medicamentos distribuídos, foi feita aquisição de ambulância, carros para o sistema de saúde para levar e buscar as pessoas em consultas especializadas. Milena conta, feliz, que encerrou o primeiro mandato com 94% de aprovação na área da Saúde.

No primeiro ano de mandato, Milena separou-se do marido, e foi para a reeleição sem o seu apoio. Conforme depoimento,

a segunda campanha foi de casa em casa, gastando sola de sapato, conversando com as pessoas, mostrando meu plano de governo, mostrando os avanços que nós tínhamos conseguido nos quatro primeiros anos de mandato, mostrando números, fazendo comparação, como era. E perguntando para as pessoas que caminho elas queriam que a cidade tomasse.

Como legado para a cidade, construiu calçadas, passeios públicos, levou para lá a instalação de empresas, fomentou o esporte e o turismo, e acredita que *"o esporte tira as crianças e jovens das ruas"*. Realizou um investimento muito grande para o município no agronegócio, acreditando ser importante movimentar a economia do pequeno município, que conta com aproximadamente 2627 municípios (IBGE, 2022d).

Em relação a políticas públicas para mulheres, Milena relatou que implantaram o "Ônibus Lilás", que atua nas comunidades rurais e que os resultados estão vindo a curto, médio e longo prazo. Foi criado o Conselho Municipal de Direitos da Mulher, e nas políticas de saúde implementou *"rastreamento de câncer de colo de útero, de câncer de mama, a saúde mental das mulheres. Criamos grupos específicos de lazer, como dança e música"*.

A relação com a Câmara de Vereadores sempre foi boa, a maioria dos vereadores a acompanhou nos dois mandatos, embora, no primeiro mandato, a comunicação tenha sido um pouco mais difícil. Sobre os planos futuros, Milena relata que tem um sucessor e que, terminando o mandato, pensa em ir para Florianópolis, SC, ficar perto da família e trabalhar no governo do Estado.

De recado às jovens e mulheres para adentrarem a política, ela fala

A política é uma ferramenta de mudança, de transformação de uma sociedade. Se nós estamos aqui, hoje, sentadas nessa cadeira, representando muitas mulheres, é porque as mulheres também conseguiram, através dos seus direitos garantidos votar, dirigir, ter sua independência. E na política, é dentro dela que as coisas acontecem, independente de nós gostarmos ou não da política, tudo que gira em nosso entorno depende da política. [...] Então para você, menina, mulher, que é sonhadora, que idealiza um mundo melhor, saiba que é através da política que a gente consegue construir políticas públicas, que realmente atendam à necessidade da nossa sociedade.

MUNICÍPIO DE VARGEM BONITA

ROSAMARCIA HETKOWSKI ROMAN



Rosamarcia Hetkowsky Roman foi Prefeita do município de Vargem Bonita, SC, na gestão de 2021 a 2024 (MDB). Eleita em 2016 como vereadora, foi suplente na Câmara Legislativa Municipal nas eleições de 2012, assumindo a cadeira por quatro anos. Formada em Letras – Português e Inglês, professora concursada na Rede Pública Estadual, é casada e mãe de uma filha. Teve como principal bandeira na sua gestão: Educação com qualidade.

Rosamarcia Hetkowsky Roman nasceu em 06 de agosto de 1976, em Catanduvras, SC. Vem de uma família com sete filhos, dois homens e cinco mulheres, sendo a sexta na ordem decrescente. Quando nasceu, seus pais trabalhavam com atividades rurais, ela relembra sua infância contando *"apesar de sermos muitos filhos, nós tínhamos uma relação de harmonia, tanto dos pais para com os filhos quanto entre os irmãos também"*.

Rosamarcia realizou seus primeiros estudos na Escola Multisseriada da comunidade Pedra Lisa, região agrícola de Catanduvras. Na sequência, ela e os irmãos deslocaram-se para os municípios vizinhos com o objetivo de concluir o Ensino Médio. A mãe sempre foi uma grande incentivadora para que todos os filhos estudassem.

Como seus irmãos eram quase todos mais velhos, foram saindo do campo para estudar e trabalhar na cidade. Os pais

ficaram mais um tempo no sítio, e mais tarde mudaram-se para a cidade de Catanduvas.

Quando terminou o Ensino Médio, Rosamarcia se casou e foi morar em Vargem Bonita, SC, onde iniciou a graduação em Letras – Português/Inglês, na Universidade do Oeste de Santa Catarina de Joaçaba, SC. O município de Vargem Bonita fornecia transporte gratuito para os universitários, desse modo, ela se deslocava para os estudos, todos os dias, de segunda a sexta-feira. Já formada, especializou-se em Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e, mais tarde, prestou concurso e tornou-se servidora efetiva na rede estadual de ensino. Oriunda de uma família apaixonada pela Educação, das 5 irmãs, 4 são formadas em diferentes áreas do Magistério.

Com 23 anos, a prefeita teve sua filha, Roberta Vitória, formada em Odontologia, especialista em Endodontia, que no momento da entrevista estava cursando mestrado na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

De acordo com Rosamarcia, sua família não era envolvida com política, mas a família do seu esposo, Sergio, sim. O marido foi vereador; os cunhados e sobrinhos foram vereadores, vice-prefeitos e prefeitos. Conforme depoimento:

Mesmo que antes eu acompanhasse a política só de fora, ela já estava no meu coração e, de alguma forma, fui escolhida por ela também. Mas acima de tudo, apesar de todo meu trabalho e esforço, entendo ser “eu” o resultado de uma luta muito maior, histórica, constante, e bastante antiga de outras guerreiras que buscaram esse espaço que inclui a mulher nas funções político-administrativas. Conquista essa, tão elegante, que tivemos no decorrer dos anos. Talvez ainda não em sua plenitude, da maneira como seria justa que fosse, mas que evolui aos poucos, e que continua dependendo de nós.

Rosamarcia se orgulha que a Câmara de Vereadores do seu município é composta por 4 mulheres, dos 9 vereadores

eleitos, e que, no momento, como prefeita, tem uma boa relação com todas e todos.

Sua trajetória na política iniciou-se em 2012, com o MDB convidando-a para ser candidata a vereadora. Rosamarcia era professora, e sempre teve o carinho dos jovens do município e os partidos políticos perceberam esse carisma, essa liderança. Assim, em 2012, começaram os convites para filiação, e optou em filiar-se ao MDB. Na ocasião, o partido lançou a sobrinha do esposo à prefeita pela primeira vez, e ela concorreu a vereadora. Nesse ano, entrou como suplente na Câmara e assumiu a vaga por 4 anos, pois um dos vereadores eleitos assumiu um cargo administrativo.

Em 2016, concorreu novamente ao cargo de vereadora. Eleita, ficou por mais um mandato no legislativo, até 2020. Em 2020, a então ex-prefeita de Vargem Bonita não poderia mais concorrer pois já estava concluindo o segundo mandato, então Rosamarcia foi candidata na chapa majoritária, participando da terceira campanha à eleição consecutiva, agora, como prefeita pelo MDB.

Antes do convite para ser prefeita, ela tinha decidido que, assim que acabasse o mandato na Câmara, daria um tempo na política, porém

a pesquisa mostrou que eu estava bem nos números e aí o partido me fez o convite novamente, sugerindo que seria interessante a minha candidatura, então eu entendi a importância do espaço que eu tinha, e para que ele se mantivesse, também dependia de mim, como de outras mulheres. Porque o espaço precisa existir, mas também precisa existir quem o deseja, do contrário não é luta.

E assim, ela concorreu e venceu.

Rosamarcia relata que teve apoio da filha e do esposo nas três candidaturas e que eles ajudaram muito no crescimento dela como política, dando suporte emocional e incentivando-a a participar nos pleitos eleitorais: *“buscavam junto a mim resultados positivos,*

mas nunca me exigiram". Na entrevista, ela trouxe um pouco das dificuldades da campanha de 2020, por ter sido no contexto da pandemia do Covid-19:

A campanha política em pequenos centros eleitorais ainda é corpo a corpo, é contato. As redes sociais ajudam, auxiliam, mas você precisa ter essa aproximação com o eleitor. As pessoas ainda cobram muito isso, querem ser ouvidas também e, nesse momento, era um pouquinho mais difícil por conta das restrições da pandemia.

Porém, mesmo sendo uma campanha atípica, relatou ter sido tranquila.

Enquanto era vereadora, Rosamarcia conciliava o trabalho do legislativo com o da escola. Nesse período, seu marido, que já tinha sido ex-vereador pelo PP, trabalhava no transporte de cargas pesadas e ficava a maior parte tempo fora de casa. Desta forma, ela tinha auxílio de uma ajudante para cuidar das tarefas domésticas e da filha, que na primeira eleição contava com 12 anos de idade. Em 2020, seu esposo sofreu um infarto e se afastou do trabalho, permanecendo em casa. Atualmente, dividem todos os afazeres domésticos, apenas contratando alguém para serviços maiores e em dias específicos.

Rosamarcia relatou que, nas eleições que concorreu a vereadora, os custos da campanha foram bancados por ela, não teve apoio financeiro do partido, mas quando se candidatou para prefeita, recebeu um valor de um Fundo Especial de Financiamento (FEFC), valor bastante pequeno na época, mas que custeou algumas "figurinhas", referindo-se à propaganda política.

Em relação aos trabalhos realizados em sua gestão, Rosamarcia mencionou as políticas direcionadas às mulheres, como programas de saúde da mulher, escuta especializada, proteção e combate à violência, atenção e acompanhamento as gestantes e puérperas, creche e escola, incentivo ao trabalho e a educação. Para homens e mulheres, a prefeitura oferece transporte gratuito para

estudantes e dá incentivo através de bolsa-auxílio para cursos superiores. Além disso *"no início do ano passado, nós implantamos um novo programa de bolsa-auxílio a cursos técnicos"*. Estes cursos facilitam a entrada de jovens nas empresas. Ela relata que busca parcerias com as empresas que possam empregar as *"mulheres, jovens e adolescentes também, pois temos programa de aprendizagem e estágio remunerado com o CIEE – Centro de Integração Empresa-Escola para jovens aprendizes"*, inclusive oferecendo vagas na própria prefeitura.

A principal bandeira de Rosamarcia, como prefeita, tem relação com a sua trajetória: a Educação: *"costumo dizer que, quando a Educação é prioridade, ela reflete positivamente dentro da escola, dentro de casa, na família, na sociedade, os outros setores, saúde, esporte, segurança... só serão consequência dela"*. Suas realizações, nesse âmbito, são seu legado.

Nesse mandato, construímos casas populares, prédios para serviços públicos, praças, pavimentações asfálticas, dentre muitas obras, mas nada se sobrepõe aos investimentos que fizemos na Educação, desde a reforma do prédio escolar até a valorização do profissional da educação; porque títulos e canudos podem não ser sinônimos de sucesso, mas cultura e conhecimento sim e, com certeza, podem facilitar a vida de muitos. E é nossa obrigação como gestores conscientes oferecer suporte para que portas maiores se abram aos nossos cidadãos.

Vargem Bonita tem 4576 habitantes (IBGE, s.d.) e é um município bastante agrícola. Assim, muitas políticas de apoio são voltadas a essas atividades. Além disso, ela enfatizou que *"nós temos também, no nosso município, uma empresa brasileira do setor de papel, embalagens e resinas, é uma empresa de grande porte e que oferece muitos empregos"*. De acordo com Rosamarcia, estes *"são os dois lugares onde as mulheres mais trabalham"*.

Quanto à carreira política, Rosamarcia falou que seu nome estava à disposição do partido para candidatar-se à reeleição, mas falou do desafio:

Para nós, mulheres, o desafio é maior, porque além de você exercer uma função lá fora, não podemos perder o olhar nos filhos, na família, na casa. O cargo exige bastante, então não percebemos o tempo passar, os filhos crescer, privamos eles de muitas coisas, inclusive de nossa presença e, mesmo sendo mãe, não podemos levar isso para o coração, porque é assim mesmo. É missão.

Para as mulheres e meninas, ela deixa o seguinte recado:

Eu costumo dizer a elas: estudem, leiam, se relacionem com pessoas sérias, tenham postura nas redes sociais, busquem conhecimento, que logo vocês serão notadas, ocuparão cargos importantes, construirão lideranças e nunca permitam que a falta de coragem as iniba de disputar cargos eletivos na política. Se o resultado for positivo, ótimo, se não for, ótimo também porque nem todos chegam, independentemente de ser mulher ou não.

MUNICÍPIO DE ZORTÉA

ROSANE ANTUNES PIRES INFELD



Rosane Antunes Pires Infeld foi prefeita da cidade de Zortéa, no mandato 2021 a 2024 (PP) e reeleita para o mandato 2025 a 2028 (PP). Foi vereadora da cidade por três mandatos, sendo o primeiro deles em 2005. É formada em Pedagogia. Trabalhou com transporte escolar do município por 12 anos. Foi secretária de Administração e Finanças por 4 anos. Atuou como secretária executiva da Associação dos Municípios do Planalto Sul – AMPLASC por 5 anos. Em sua gestão como prefeita, a Educação e a Saúde são prioridades.

Rosane Antunes Pires Infeld nasceu em 15 de maio de 1966, no município de Capinzal, SC, onde seu pai era vereador, foi candidato a vice-prefeito, cargo para o qual não se elegeu: “[ele] *sempre militou em diretoria de escola, presidente de sindicato, ele sempre foi dessa função de comunidade, de estar ajudando, auxiliando as pessoas, mas no coletivo*”. É de uma família com mais dois irmãos que continuam morando em Capinzal. Sua mãe é uma grande parceira, sempre lhe auxiliou em tudo o que podia, até a eleição da filha para prefeita, em 2020.

Ela mudou-se para Zortéa aos seus 18 anos. Formou-se em Pedagogia, foi secretária de Administração e motorista do transporte escolar do município. Estes trabalhos foram essenciais para compreender as demandas do município e entrar para a política.

Rosane sempre ajudou outros candidatos nas campanhas políticas, mas quando lhe foi oferecida a oportunidade de

se candidatar, inicialmente não quis: “é fácil você pedir para o outro, mas não pedir para mim, essa foi a minha maior dificuldade, eu aceitar ser candidata”. Como, todavia, faltavam candidatas mulheres pelo partido, o PP, ela se colocou à disposição. Assim, foi eleita por três mandatos consecutivos como vereadora, a começar em 2005, e assumiu a secretaria executiva da AMPLASC (Associação dos Municípios do Planalto Sul) por 5 anos, trabalhando, então, para 7 municípios.

A prefeita é casada há 37 anos – no momento da entrevista –, tendo três filhos e uma neta. Conta que, quando se candidatou pela primeira vez, em 2005, os filhos eram menores e frequentavam a escola. Para que ela pudesse se dedicar à campanha, recebeu auxílio de uma vizinha para gerenciar a casa. Essa vizinha trabalha com ela até os dias de hoje. Seu esposo trabalhava em agricultura e transporte e, no seu tempo livre, também auxiliava nas campanhas, conforme depoimento:

na primeira campanha, meu marido era o meu marketing de brindes (nessa época era permitido distribuir). Ele organizava, fazia, levava para a gráfica, trazia para nós, me ajudava bastante [...] passava em algumas casas, depois eu só dava uma passadinha no final da campanha para dar uma reforçadinha, mas ele também me ajudava nessa parte da campanha.

A campanha para eleições a prefeita, quando ela foi candidata, em 2020, foi muito difícil:

Eu vinha de um período em que meu marido teve câncer de medula, e a gente esteve, nos últimos três anos, praticamente só em Florianópolis, no CEPON⁴⁵. Ele fez transplante de medula e, para mim, isso foi muito cansativo, muito exaustivo. Quando voltamos para casa [...], surgiu o meu nome, eu disse: ‘não, eu estou muito cansada, não posso, não dá’. Entretanto, meu marido foi chave na minha

decisão porque me incentivou: 'coloca o teu nome e vai, se é para dar certo, se o pessoal achar que a tua proposta é boa, vai dar certo; se não, você cumpriu com seu dever na política e também está tudo certo'.

Durante as campanhas, Rosane relata que sempre investiu o dinheiro da família em combustível e material de campanha, gastando um pouco mais apenas na primeira, que tinha brindes. Achou bom quando não podia mais ter brindes, pois, *"isso iguala as candidaturas"*. Sobre gastar pouco nas campanhas, ela ressaltou *"se você vai fazer a sua colheita de um trabalho bem feitinho, não precisa gastar dinheiro, faz a preparação, e essa preparação [...] para política começa lá na comunidade, eu fui muito de diretoria, eu fui muito dessa sessão de bairro"*.

Rosane destaca o apoio do partido em lhe dar a liberdade necessária em todas as escolhas dela, tanto que escolheu o seu vice, fez coligações e sempre teve apoio nas demais questões políticas. Quanto às suas realizações como prefeita, ela coloca a importância de governar para todos, pois, a partir do momento em que foi eleita e entrou na prefeitura, é uma representante de todos.

O legado do qual mais se orgulha é de ter reestabelecido o fornecimento de água para a população: *"A gente vinha de dois anos de estiagem, o reservatório de 500 mil litros foi desativado, não foi feito nenhum poço artesiano"*. Isto significa água potável para todos os 3930 munícipes (IBGE, 2022c).

Rosane melhorou o transporte público, reformou a delegacia, que necessitava de uma reforma há mais de 20 anos, as estruturas das escolas, comprando até pratos – não havia pratos por conta da pandemia, em 2020. Sua primeira ação como prefeita foi construir mais 3 salas para crianças, na creche. Ela conta: *"Nós temos uma creche hoje, em Zortéa, com 260 crianças, são bastantes alunos, são muito bem atendidos. Os alunos não estão lá [só] para serem cuidados, eles estão desde o maternalzinho, para serem estimulados"*.

Ainda na Educação, que é uma grande preocupação da prefeita, a prefeitura contratou uma Psicopedagoga para trabalhar com as dificuldades de aprendizagem, e coordenadoras pedagógicas para trabalhar com os pais.

Por ter assumido logo após a pandemia, foi feito investimento em reforço escolar, com enfoque em atividades lúdicas, como jogos e outras atividades. Inclusive, as crianças que não precisam de reforço, às vezes, consultam a diretoria para ver se seria possível, também, participar das atividades. Ainda, para além do reforço escolar, a prefeitura investe em "*várias atividades, desde teatro, música... Nós temos música com Ukulele e gaita, quem não gosta de cultura, de música ou de outras artes vai para as escolinhas de esporte. Há tênis de mesa, xadrez, futsal, vôlei!*".

Na área da Saúde, a proposta é aumentar o horário de atendimento no Posto de Saúde, das 7 até as 19 horas. Implantou medicinas complementares: "*reiki, massoterapia, acupuntura, várias coisas implementadas pós-covid que ajudam muitas pessoas!*".

Quando assumiu a prefeitura, ela não pensava em reeleição. No momento da entrevista, porém, falou que, se o partido cogitasse o nome dela, ela estaria disponível, pois sabe que tem muito para agregar ao município.

Como mensagem às meninas e mulheres, a prefeita diz:

Não tenham medo de críticas, ergam a cabeça, coloquem o nome de vocês, porque se nós pudermos mudar alguma coisa na nossa sociedade, para ser diferente, para ser mais igualitária, para ser mais humana, é com nós, mulheres [...]. Nós podemos, nós queremos, nós temos capacidade para estar à frente de municípios e estados.

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Lei Complementar nº 195*, de 8 de julho de 2022. Lei Paulo Gustavo. Brasília, 2022. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lcp/lcp195.htm.

CONSÓRCIO LAMBARI. *Contrato de rateio nº 03*. Concórdia, 2023. Disponível em: <https://piratuba.sc.gov.br/uploads/sites/453/2024/05/Contrato-037-2024-LAMBARI-Rateio-Lei-Paulo-Gustavo-Assinado.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2025.

DEBUS, Eliane. *Antonieta*. Il.: Annie Ganzala. Tubarão: Copiart, 2019

EDUCADORA RÁDIO 90.3 FM. Primeira usina térmica a gás natural de SC está sendo construída em Trombudo Central. *Educadora Rádio 90.3 FM*, 2024. Disponível em: <https://www.portaleducadora.com/noticia/primeira-usina-termica-a-gas-natural-de-sc-esta-sendo-construida-em-trombudo-central/>. Acesso em: 25 jan. 2025.

GONÇALVES, Paulo. Leani e Olguin juntos novamente em Arabutã. *Rádio 96FM*, 2020. Disponível em: <https://www.96fm.fm.br/noticias/39749-leani-e-olguin-juntos-novamente-em-arabuta/anc/comentarios>. Acesso em: 20 jan. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil. Santa Catarina. Içara. Panorama. *IBGE*, 2024a. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/icara/panorama>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil. Santa Catarina. Santa Terezinha do Progresso. Panorama. *IBGE*, 2024b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/santa-terezinha-do-progresso/panorama>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. Campo Belo do Sul. Código: 4203402. *IBGE*, 2022a. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/campo-belo-do-sul.html>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. Palmeira. Código: 4212056. *IBGE*, 2022b. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/palmeira.html>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. Zortéa. Código: 4219853. *IBGE*, 2022c. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sc/zortea.html>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades e Estados. Vargem. *IBGE*, 2022d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/vargem/panorama>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. *IBGE*, s.d. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sinopse do Censo Demográfico 2010. Santa Catarina. Item 2.9. *IBGE*, 2010. Disponível em <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=29&uf=42>.

IDMS. SISTEMA DE INDICADORES DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL SUSTENTÁVEL. IDMS de Anitápolis – 2020. *IDMS*, 2020. Disponível em: <https://indicadores.fecam.org.br/indice/municipal/ano/2022/codMunicipio/14>. Acesso em: 20 jan. 2025.

Município de Arabutã. *Município de Arabutã*. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-arabuta.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.

MUNICÍPIO DE SANTA CECÍLIA. Informações municipais. *Município de Santa Cecília*, 2025. Disponível em: <https://santacecilia.sc.gov.br/bem-vindos-ao-municipio-de-santa-cecilia/>.

SEBRAE. Arabutã realiza lançamento da Sala do Empreendedor. *Sebrae*, s.d. Disponível em: <https://sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ufs/sc/noticias/arabuta-realiza-lancamento-da-sala-do-empendedor,f62d2e460ed6c810VgnVCM1000001b00320aRCRD>. Acesso em: 21 jan. 2025.

TRE. TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. 2.2 Eleitorado apto a votar. Relatório Resultado da Totalização. Eleições Municipais 2024. 83054 – Santa Cecília – SC. 1º Turno. *Tribunal Regional Eleitoral*, 2024a. Disponível em: https://apps.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/eleicoes2024/resultados_turno_1/relatorios_totalizacao_municipio/TOT2024_SANTA_CECILIA.pdf.

TRE. TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL. 2.2 Eleitorado apto a votar. Relatório Resultado da Totalização. Eleições Municipais 2024. 83358 – Trombudo Central – SC. 1º Turno. *Tribunal Regional Eleitoral*, 2024b. Disponível em: https://apps.tre-sc.jus.br/site/fileadmin/arquivos/eleicoes/eleicoes2024/resultados_turno_1/relatorios_totalizacao_municipio/TOT2024_TROMBUDO_CENTRAL.pdf.

ANEXO – Prefeitas eleitas em Santa Catarina entre 1988 e 2020

Ano	Nome	Município	População
1988	Maria Zandonadi	Bom Jardim da Serra	4.026
1992	Nair Libera Javornik	Palma Sola	7.605
1996	Tereza de Medeiros Luciano	Bocaina do Sul	3.515
	Leni Maria Perotti Suzin	Concórdia	81.646
	Marilucia Silva da Costa	Curitibanos	41.512
	Vilsa Maria Corioletti	Formosa do Sul	2.682
	Celia Fernandes	Gravatal	12.435
	Erna Heidrich	Taió	18.310
2000	Circe Neppel Sfair	Irineópolis	10.285
	Magrit Krueger	Pomerode	34.289
	Anita Dacas Rossa	Lacerdópolis	2.248
	Ângela Amin	Florianópolis	537.211
	Nair Libera Javornik	Palma Sola	7.605
2004	Sandra Regina Eccel	Nova Trento	13.727
	Geci Geltrudes de Oliveira Casagrande	Santa Rosa do Sul	9.792
	Arlita Terezinha de Souza Pagani	Urupema	2.656
	Salette Gnoato	Dionísio Cerqueira	15.008
	Lucia Perovano Kurtz	Treviso	3.782
	Clarice Rodigheri Schneider	Bom Jesus	2.777
	Maria Carlesso Doré	Luzerna	5.794
	Ivete Terezinha Losi Dalpiaz	Laurentino	7.932
	Anita Dacas Rossa	Lacerdópolis	2.248

Ano	Nome	Município	População
2008	Nelci Trento Bortolini	Água Doce	6.508
	Marta Regina Góss	Bocaina do Sul	3.515
	Luzia Coppi Mathias	Camboriú	103.074
	Gisa Aparecida Giacomini	Catanduvas	10.566
	Edna Gesser	Dona Emma	4.221
	Lenita Dadalt Fontana	Erval Velho	4.885
	Ivone Zager Felisbino	Frei Rogério	2.411
	Adelaide Salvador	Irani	10.195
	Cecília Konell	Jaraguá do Sul	170.835
	Tatiane Dutra Alves da Cunha	Leoberto Leal	3.330
	Martina Zucattelli	Lontras	12.873
	Maria Luiza Kestring Liebsch	Mirim Doce	2.511
	Geci Geltrudes de Oliveira Casagrande	Santa Rosa do Sul	9.792
	Leonete Back Loffi	São Martinho	3.405
Laci Grigolo	Seara	18.620	
2012	Melânia Aparecida Roman Meneghini	Vargem Bonita	4.576
	Dilcei Heidemann	Santa Rosa de Lima	2.088
	Neusa Klein Maraschin	Peritiba	2.992
	Adeliana Dal Pont	São José	270.299
	Rosi Maldaner	Maravilha	28.251
	Gisa Aparecida Giacomini	Catanduvas	10.566
	Inês Teresinha Pegoraro Schons	Celso Ramos	2.805
	Sirlei Kley Varela	Cerro Negro	3.317

Ano	Nome	Município	População
	Catia Tessmann Reichert	Alto Bela Vista	1.856
	Laci Grigolo	Seara	18.620
	Leide Mara Bender	Itá	7.067
	Janete Paravizi Biachin	Arvoredo	2.510
	Maria Luiza Kestring Liebsch	Mirim Doce	2.511
	Ana Paula da Silva	Bombinhas	25.058
	Sisi Blind	São Cristóvão do Sul	6.084
	Tatiane Dutra Alves da Cunha	Leoberto Leal	3.330
	Martina Zucatelli	Lontras	12.873
	Ivoni Mazutti de Geroni	Calmon	3.443
	Luzia Coppi Mathias	Camboriú	103.074
	Rosane dos Santos	Ouro Verde	2.181
	Nair Goulart	Pouso Redondo	17.123
	Romanna Remor	Criciúma	214.493
2016	Ana Paula da Silva	Bombinhas	25.058
	Sonia Vedovatto	Monte Carlo	9.117
	Neusa Klein Maraschin	Peritiba	2.992
	Nilza Simas	Itapema	75.940
	Janete Paravizi Biachin	Arvoredo	2.510
	Cassia Tessmann Reichert	Alto Bela Vista	1.856
	Leani Schmitt	Arabutã	4.378
	Sisi Blind	São Cristóvão do Sul	6.084
	Eliéze Comachio	São Domingos	9.226

Ano	Nome	Município	População
	Adeliana Dal Pont	São José	270.299
	Valquíria Schwarz	Santa Terezinha	8.066
	Marli Goretti Kammers Bizatto	Chapadão do Lageado	2.950
	Claudete Mathias	Fraiburgo	33.481
	Melânia Aparecida Roman Meneghini	Vargem Bonita	4.576
	Milena Andersen Lopes Becher	Vargem	2.627
	Rosimar Maldaner	Maravilha	28.251
	Solange Schlichting	Salete	7.489
	Ana Rosa Zanela Zancanaro	Salto Veloso	4.390
	Alessandra Garcia	Santa Cecília	15.546
	Cleci Aparecida Veronezi	Rancho Queimado	3.279
	Geovana Gessner	Trombudo Central	7.274
	Fernanda de Souza Cordova	Palmeira	2.561
	Simoni Mércia Mesch Nones	Doutor Pedrinho	3.637
	Clori Peroza	Ipuaçu	7.730
2020	Nelci Trento Bortolini	Água Doce	170.835
	Roseli Anderle	Angelina	5.358
	Solange Back	Anitápolis	3.593
	Leani Schmitt	Arabutã	4.378
	Arrabel Murara	Benedito Novo	10.520
	Alice Grosskopf	Campo Alegre	12.501
	Claudiane Varela Pucci	Campo Belo do Sul	7.257
	Rozane Moreira	Campo Erê	9.623

Ano	Nome	Município	População
	Luzia Vacarin	Cunha Porã	10.953
	Luci Peretti	Iomerê	2.877
	Clori Peroza	Ipuaçu	7.730
	Nilza Simas	Itapema	75.940
	Dalvania Cardoso	Içara	59.035
	Saionara Bora	Lauro Müller	14.381
	Sonia Salete Vedovatto	Monte Carlo	9.117
	Fernanda Córdova	Palmeira	2.561
	Marlene Giacomini	Paraíso	4.267
	Cleci Veronezi	Rancho Queimado	3.279
	Solange Schlichting	Salete	7.489
	Alessandra Aparecida Garcia	Santa Cecília	15.546
	Márcia Detofol	Santa Terezinha do Progresso	2.576
	Gislaine Cunha	Sombrio	29.991
	Ilse Leobet	São Cristóvão do Sul	6.084
	Geovana Gessner	Trombudo Central	7.274
	Mariza Costa	Urubici	10.834
	Milena Andersen Lopes Becher	Vargem	2.627
	Rosamércia Hetkowski Roman	Vargem Bonita	4.576
	Rosane Antunes Infield	Zortéa	3.930

Fonte: Esta tabela foi elaborada por Julia Schuster Strack a partir de dados do TRE/SC.

ÍNDICE REMISSIVO

A

administração 18, 33, 41, 48, 61, 71, 72, 77, 79, 95, 97, 111, 118, 121, 126, 128, 133, 138, 139, 140, 142

Assistência Social 20, 23, 24, 30, 45, 49, 51, 52, 66, 85, 97, 99, 101, 103, 104, 109, 112, 113, 115, 130, 131, 138, 139, 145

B

Brasil 15, 18, 19, 37, 45, 84, 107, 116, 145, 162

D

deputada 18, 19, 25, 83, 97, 108, 127, 146

E

Educação Infantil 26, 27, 39, 40, 42, 62, 65, 104, 105

eleição 23, 24, 28, 33, 46, 51, 55, 59, 60, 68, 69, 72, 73, 74, 78, 79, 84, 86, 87, 91, 96, 97, 100, 105, 106, 120, 125, 133, 134, 144, 148, 149, 154, 155, 158

Ensino Fundamental 26, 27, 40, 42, 49, 62, 63, 64, 67, 77, 100, 128, 139

Ensino Médio 21, 27, 40, 57, 62, 63, 77, 80, 81, 89, 90, 95, 100, 105, 110, 124, 133, 139, 143, 152, 153

experiência 17, 22, 24, 28, 63, 68, 81, 125, 126, 133, 145

F

FECAM 11, 12, 17, 19, 26, 30, 37, 49, 53, 123, 127, 147

L

livros 18

M

mandato 14, 22, 23, 34, 37, 38, 40, 41, 44, 48, 52, 55, 56, 59, 62, 67, 69, 70, 79, 91, 94, 96, 97, 106, 107, 108, 111, 123, 125, 129, 136, 140, 142, 147, 149, 150, 151, 154, 156, 158

MDB 24, 28, 32, 33, 39, 41, 51, 55, 82, 85, 86, 87, 94, 95, 96, 99, 100, 104, 112, 113, 118, 119, 120, 129, 132, 134, 138, 152, 154

meninas 13, 25, 26, 30, 43, 45, 48, 49, 50, 53, 76, 79, 84, 97, 99, 103, 112, 122, 123, 127, 131, 135, 157, 161

mulheres 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 24, 25, 30, 31, 34, 42, 44, 47, 48, 52, 53, 56, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 69, 70, 73, 74, 76, 79, 84, 85, 87, 89, 91, 92, 93, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 107, 108, 110, 111, 113, 115, 116, 121, 122, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 138, 141, 145, 146, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 161

P

PL 20, 23, 24, 37, 71, 72, 82, 94, 96, 109, 111, 134, 147, 149

PMDB 44, 45, 47, 54, 55, 104, 105, 106, 107, 113, 125, 134, 142, 144

política 13, 14, 15, 17, 18, 19, 22, 25, 28, 29, 32, 33, 34, 37, 38, 40, 41, 43, 45, 51, 53, 55, 56, 57, 58, 61, 65, 66, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 82, 86, 88, 90, 92, 93, 95, 97, 98, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 122, 125, 127, 129, 131, 132, 135, 136, 139, 141, 143, 144, 146, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160

políticas públicas 24, 30, 37, 66, 76, 84, 132, 140, 150, 151

PP 20, 22, 23, 24, 28, 29, 37, 41, 57, 58, 71, 72, 77, 82, 96, 119, 123, 125, 130, 133, 134, 155, 158, 159

presidente 24, 36, 37, 51, 54, 55, 59, 63, 68, 71, 72, 78, 82, 83, 95, 109, 123, 127, 134, 147, 158

professora 11, 26, 27, 28, 32, 39, 40, 57, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 80, 81, 84, 85, 89, 90, 100, 104, 105, 128, 129, 152, 154

PSD 26, 28, 29, 36, 37, 45, 105, 106, 149

PSDB 23, 24, 28, 29, 49, 51, 57, 59, 60, 67, 69, 89, 91, 92, 128, 129, 130

PT 24, 28, 29, 37, 59, 62, 64, 65, 66, 80, 82, 83, 91, 125, 126, 149

S

Santa Catarina 11, 12, 15, 17, 18, 21, 24, 26, 29, 32, 37, 44, 49, 62, 71, 74, 77, 99, 105, 109, 130, 134, 138, 141, 142, 145, 147, 148, 153, 162, 163, 164

saúde 20, 21, 30, 33, 34, 41, 42, 52, 53, 56, 58, 59, 60, 61, 64, 66,
75, 103, 107, 110, 111, 112, 113, 121, 125, 133, 135, 138,
140, 141, 144, 150, 155, 156

Secretaria 20, 21, 22, 23, 24, 33, 40, 41, 42, 58, 64, 72, 73, 82, 125,
126, 130, 133, 134, 149

secretária 20, 21, 22, 23, 32, 33, 39, 41, 42, 47, 49, 51, 57, 58, 62,
63, 71, 72, 80, 82, 99, 112, 113, 123, 128, 131, 132, 135,
138, 139, 145, 158

SUS 22, 44, 47, 147, 150

V

vereadora 20, 22, 23, 28, 39, 40, 41, 42, 54, 55, 57, 58, 59, 60,
62, 64, 65, 72, 77, 78, 80, 82, 89, 91, 94, 95, 96,
100, 104, 106, 127, 128, 129, 142, 143, 144, 148, 152,
154, 155, 158, 159

www.pimentacultural.com

Prefeitas de Santa Catarina

trajetórias de vida
e na política

